

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

HÁBITOS DE VIDA, MOTIVAÇÃO E APTIDÃO FÍSICA
Estudo em Crianças e Jovens de 10 a 14 anos da Escolinha de
Futebol do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre

José Leandro Nunes de Oliveira
1998

Sabi 208566

floliveira@unisinos.br

HÁBITOS DE VIDA, MOTIVAÇÃO E APTIDÃO FÍSICA
Estudo em Crianças e Jovens de 10 a 14 anos da Escolinha de
Futebol do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense

JOSÉ LEANDRO NUNES DE OLIVEIRA

**Dissertação apresentada à Escola de Educação Física
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para
obtenção do grau de Mestre em Ciências do
Movimento Humano.**

ORIENTADOR: PROF. Dr. ADROALDO CESAR ARAUJO GAYA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse realizar este trabalho.

Devo fazer alguns agradecimentos particulares, apesar de saber que, neste momento, as palavras são insuficientes para transmitir com fidelidade os sentimentos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Adroaldo Cesar Araújo Gaya, por tudo. Pelo encorajamento na realização deste trabalho, a confiança depositada que foi necessária e decisiva. Não tenho palavras para expressar a profunda amizade que fica cada vez mais sedimentada. Pelos conhecimentos e a forma sábia com que me orientou. Pela maneira com que me apoiou em momentos particularmente difíceis em que passei.

Ao colega Mestrando Marcelo Cardoso (Marcelinho), pela paciência ao me ajudar na confecção dos gráficos, além da orientação quanto ao tema motivação para a prática desportiva e também na área de estatística.

À colega Mestranda Lisiane Torres, pela orientação quanto ao EVIA.

A todos os estagiários do PRODESP que me ajudaram na coleta de dados.

A todos os estagiários e professores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, pela colaboração na coleta de dados e pela forma com que conduziram as crianças e jovens a colaborarem durante o trabalho de campo.

À Direção da Escolinha do Grêmio F. P. A., pela colaboração e compreensão da necessidade de se realizar além deste, futuros trabalhos de acompanhamento dos alunos da escolinha.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial ao Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano, a coordenação, Prof. Dr. Airton Negrine e extensivo a todos os professores e funcionários pelo carinho com que sempre me trataram.

Aos meus colegas e alunos da Universidade do Vale do Rio dos Sinos que acompanharam de perto e muito me apoiaram durante esta caminhada.

Ao meu pai Pedro e à minha mãe Julieta que nunca mediram sacrifícios para minha formação.

Às minhas irmãs Mara e Márcia pelo apoio e pela compreensão da minha ausência em alguns compromissos familiares inadiáveis.

À Ester e as filhas Lara e Cora, agradeço o apoio irrestrito e o tempo que me dispensaram. Quando o trabalho permitia, faziam questão de repor o amor e o carinho que a minha ausência provocava.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Sumário

Lista de Tabelas

Lista de Gráficos

Resumo

1 - Introdução.....	1
2 - Revisão da literatura.....	8
2.1 - Hábitos de Vida.....	8
2.2 - Motivação para a Prática Desportiva.....	29
2.3 - Aptidão Física.....	46
2.3.1 - Conceito de Aptidão física.....	46
2.3.2 - Aptidão Física em Diferentes Populações.....	56
2.3.3 - Alguns dos Principais Estudos nos Domínios da Aptidão Física nos Países Europeus.....	57
2.3.4 - Estudos nos Domínios da Aptidão Física na Austrália e Nova Zelândia.....	63
2.3.5 - Estudos nos Domínios da Aptidão Física nos Países da América do Norte.....	64

2.3.6 - Estudos nos Domínios da Aptidão Física nos Países Africanos.....	65
2.3.7 - Estudos nos Domínios da Aptidão Física no Brasil	66
3 - Procedimentos Metodológicos.....	69
3.1 - População.....	69
3.2 - Amostra.....	69
3.3 - Métodos de Abordagem.....	71
3.3.1 - Problema.....	71
3.3.2 - Hipóteses.....	71
3.3.3 - Variáveis.....	73
3.3.4 - Os testes.....	75
3.3.5 - Instrumentos.....	76
3.3.6 - Estudo da Validade e Fidedignidade dos Instrumentos de Coleta de Dados.....	80
3.3.7 - Procedimentos Estatísticos.....	84
4 - Resultados.....	86
4.1 - Hábitos de Vida.....	86
4.1.1 - Nível de Participação Sócio-econômica.....	87
4.1.1.1 - Tipo de Moradia.....	87
4.1.1.2 - Número de dependências.....	88

4.1.1.3 - Número de Moradores.....	88
4.1.2 - Organização do Cotidiano.....	89
4.1.2.1 - Ocupações Básicas.....	89
4.1.2.2 - Distância da Residência ao Clube.....	90
4.1.2.3 - Tipo de Condução para Ir ao Clube.....	91
4.1.2.4 - Distância da Residência à Escola.....	92
4.1.2.5 - Tipo de Condução para ir à Escola.....	93
4.1.2.6 - Atividades de Lazer.....	94
4.1.3 - Hábitos de Sono.....	95
4.1.3.1 - Horário de Acordar.....	95
4.1.3.2 - Horário de Dormir.....	96
4.1.4 - Participação Sócio-cultural e Desportiva.....	97
4.1.4.1 - Incentivos Materiais.....	97
4.1.4.2 - Incentivos Espaciais.....	98
4.1.4.3 - Incentivos Culturais.....	99
4.1.5 - Considerações Finais.....	100
4.2 - Motivação para a Prática Desportiva.....	104
4.2.1 - Aspectos Relacionados com a Competência Desportiva.....	105
4.2.2 - Aspectos Relacionados com a Amizade e o Lazer.....	108

4.2.3 - Aspectos Relacionados com a Saúde.....	111
4.2.4 - Considerações Finais.....	113
4.3 - Aptidão Física.....	115
4.3.1 - Comportamento de Cada Variável nas Diferentes Idades em Indivíduos de Ambos os Níveis de Prática.....	115
4.3.1.1 - Para o Teste de Força-Resistência Abdominal.....	115
4.3.1.2 - Para o Teste de Agilidade.....	117
4.3.1.3 - Para o Teste de Força de Prensão Manual.....	119
4.3.1.4 - Para o Teste de Flexibilidade.....	121
4.3.1.5 - Para o teste de Resistência de Longa Duração.....	122
4.3.1.6 - Para o Teste de Força Explosiva dos Membros Inferiores.....	123
4.3.1.7 - Para o Teste de Velocidade de Reação.....	125
4.3.1.8 - Para o Teste de Velocidade de Deslocamento.....	126
4.3.2 - Análise da Função Discriminante em Função da Idade em Cada Teste nos Dois Níveis de Prática (NP1 e NP2).....	127
4.3.2.1 - Aos 10 Anos de Idade.....	128
4.3.2.2 - Aos 11 Anos de Idade.....	130
4.3.2.3 - Aos 12 Anos de Idade.....	132
4.3.2.4 - Aos 13 Anos de Idade.....	134

4.3.2.5 - Aos 14 Anos de idade.....	135
4.3.3 - Considerações Finais.....	137
5 - Conclusões.....	140
5.1 - Em Relação aos Hábitos de Vida.....	140
5.2 - Em Relação a Motivação para a Prática Desportiva.....	141
5.3 - Em Relação a Aptidão Física.....	142
6 - Referências Bibliográficas.....	145
7 - Anexos.....	165
7.1 - Anexo 1.....	165
7.2 - Anexo 2.....	169

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos indivíduos por idade e nível de prática.....	70
Tabela 2 - Testes de aptidão física e objetivos (PRODESP, Gaya et alii, 1994.....	76
Tabela 3 - Coeficientes de correlação intraclasse (r) para cada teste.....	82
Tabela 4 - Média nos valores de respostas e desvios padrão nas diferentes faixas etárias, para os aspectos relacionados com a competência desportiva em NP1 e NP2.....	107
Tabela 5 - Média nos valores de respostas e desvios padrão nas diferentes faixas etárias, para os aspectos relacionados com a amizade e o lazer em NP1 e NP2.....	110
Tabela 6 - Média nos valores de respostas e desvios padrão nas diferentes faixas etárias, para os aspectos relacionados com a saúde em NP1 e NP2.....	112
Tabela 7 - Médias e desvios padrão e teste t referente ao teste de força- resistência abdominal por nível de prática (NP1 e NP2) e idade.....	117
Tabela 8 - Médias e desvios padrão e teste t referente ao teste de agilidade por nível de prática (NP1 e NP2) e idade.....	118

Tabela 9 - Médias e desvios padrão e teste t referente ao teste de força de preensão manual por nível de prática (NP1 e NP2) e idade.....	120
Tabela 10 - Médias e desvios padrão e teste t referente ao teste de flexibilidade por nível de prática (NP1 e NP2) e idade.....	121
Tabela 11 - Médias e desvios padrão e teste t referente ao teste de resistência de longa duração por nível de prática (NP1 e NP2) e idade.....	123
Tabela 12 - Médias e desvios padrão e teste t referente ao teste de salto horizontal por nível de prática (NP1 e NP2) e idade.....	124
Tabela 13 - Médias e desvios padrão e teste t referente ao teste de tempo de reação por nível de prática (NP1 e NP2) e idade.....	125
Tabela 14 - Médias e desvios padrão e teste t referente ao teste de vinte metros lançados por nível de prática (NP1 e NP2) e idade.....	127
Tabela 15 - Coeficientes canônicos estruturais de cada variável aos 10 anos de idade.....	129
Tabela 16 - Reclassificação dos sujeitos nos seus grupos originais a partir da solução da função discriminante encontrada na idade de 10 anos.....	129

Tabela 17 - Coeficientes canônicos estruturais de cada variável aos 11 anos de idade.....	131
Tabela 18 - Reclassificação dos sujeitos nos seus grupos originais a partir da solução da função discriminante encontrada na idade de 11 anos.....	131
Tabela 19 - Coeficientes canônicos estruturais de cada variável aos 12 anos de idade.....	133
Tabela 20 - Reclassificação dos sujeitos nos seus grupos originais a partir da solução da função discriminante encontrada na idade de 12 anos.....	133
Tabela 21 - Coeficientes canônicos estruturais de cada variável aos 13 anos de idade.....	134
Tabela 22 - Reclassificação dos sujeitos nos seus grupos originais a partir da solução da função discriminante encontrada na idade de 13 anos.....	135
Tabela 23 - Coeficientes canônicos estruturais de cada variável aos 14 anos de idade.....	136

Tabela 24 - Reclassificação dos sujeitos nos seus grupos originais a partir da solução da função discriminante encontrada na idade de 14 anos.....	136
--	-----

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Nível de prática relacionados com o tipo de moradia.....	87
Gráfico 2 - Nível de prática relacionados com o número de dependências..	88
Gráfico 3 - Nível de prática relacionados com o número de moradores.....	89
Gráfico 4 - Nível de prática relacionados com o cotidiano em casa.....	90
Gráfico 5 - Nível de prática e a distância da residência ao clube.....	91
Gráfico 6 - Nível de prática e o tipo de condução para ir ao clube.....	92
Gráfico 7 - Nível de prática relacionados com a distância da residência à escola.....	93
Gráfico 8 - Nível de prática relacionados com o tipo de condução para ir à escola.....	94
Gráfico 9 - Nível de prática relacionados com as atividades de lazer.....	95
Gráfico 10 - Nível de prática relacionados com o horário de acordar.....	96
Gráfico 11 - Nível de prática relacionados com o horário de dormir.....	97
Gráfico 12 - Nível de prática relacionados com os materiais esportivos.....	98
Gráfico 13 - Nível de prática relacionados com o local de prática desportiva.....	99
Gráfico 14 - Nível de prática relacionados com a participação em grupos culturais.....	100

Gráfico 15 - Fator “competência desportiva” em relação ao nível de prática por faixa etária.....	108
Gráfico 16 - Fator “amizade e lazer” em relação ao nível de prática por faixa etária.....	111
Gráfico 17 - Fator “aspectos relativos à saúde” em relação ao nível de prática por faixa etária.....	113
Gráfico 18 - Teste de resistência abdominal em relação ao nível de prática por idade.....	117
Gráfico 19 - Teste de agilidade em relação ao nível de prática por idade.....	119
Gráfico 20 - Teste de força de preensão manual em relação ao nível de prática por idade.....	121
Gráfico 21 - Teste de mobilidade da coluna vertebral em relação ao nível de prática por idade.....	122
Gráfico 22 - Teste de resistência de longa duração em relação ao nível de prática por idade.....	123
Gráfico 23 - Teste de força explosiva dos membros inferiores em relação ao nível de prática por idade.....	124

Gráfico 24 - Teste de tempo de reação em relação ao nível de prática por idade.....	126
Gráfico 25 - Teste de velocidade de deslocamento em relação ao nível de prática por idade.....	127

RESUMO

O presente estudo, com preocupações definidas no âmbito do desporto de crianças e adolescentes, insere-se no espaço das investigações referenciadas a detecção de talentos desportivos e considerando esta como fazendo parte de um construto multidimensional, onde entre outros interfere os hábitos de vida, as motivações para a prática desportiva além das variáveis específicas da aptidão física, tem por objetivo identificar possíveis variáveis discriminantes que sejam passíveis de se consubstanciar em indicadores da presença de prováveis talentos desportivos no espaço limitado ao futebol de campo. A amostra composta por dois grupos de crianças e adolescentes de 10 a 14 anos praticantes de futebol de campo no Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

Nível de Prática 1 (NP1) - Composto de crianças e adolescentes que participam da escolinha de futebol e participam de um campeonato interno durante o ano. Nível de prática 2 (NP2) - Composto por crianças e adolescentes selecionados a partir do grupo 1 para as equipas de competição.

A amostra selecionada é do tipo causal, sendo constituída por 345 alunos do sexo masculino matriculados na escolinha do futebol do GFBPA.

De acordo com a análise dos dados, pode-se concluir que houve diferença significativa nos hábitos de vida entre os grupos no Tipo de condução para ir ao clube, Horário de acordar, ler, escutar música e “jogar video game. Nos demais itens investigados não houve diferença significativa.

Ao se analisar a motivação através do fator “competência desportiva” observa-se não haver diferença estatisticamente significativa entre os grupos. Os aspectos relacionados com a amizade e os aspectos relacionados com a saúde foram os fatores onde se diferenciaram os dois grupos.

Após a análise dos resultados em função das diferenças encontradas entre os grupos, através de cada variável nas diferentes faixas etárias, nos permite concluir que: Os alunos da escolinha, pertencentes ao grupo (NP2) possui na sua maioria uma performance superior ao grupo (NP1). No que refere a força-resistência abdominal, agilidade, força de preensão manual, flexibilidade e força explosiva dos membros inferiores em todas as faixas etárias com diferença estatisticamente significativa.

1 - INTRODUÇÃO

A atividade física e o desporto tem estado em evidência no mundo contemporâneo, em consequência, diversos estudos procuram relacionar a aptidão física e o estilo de vida desportivo com níveis adequados de saúde, bem estar e performance desportiva de crianças e adolescentes. Todavia, determinar os parâmetros satisfatórios que possam significar níveis adequados de aptidão física, torna-se difícil, na medida em que são muitas as variáveis que interferem no processo. Variáveis sócio-culturais, psicológicas e biológicas confirmam uma relação de complexidade que descarta a possibilidade de interferirmos neste processo limitando-nos a estudos que não sejam de cunho multidisciplinar. Deste modo torna-se necessário a avaliação destas variáveis, permitindo elaborar um quadro de referências normativas, objetivando o desenvolvimento de programas adequados às necessidades da população que se deseja estudar.

Não obstante, como refere Bento (1989), as alterações das condições sociais da vida contemporânea conduziu, de modo acentuado nos últimos anos a modificações nos pressupostos de rendimento corporal da atual

geração de crianças e adolescentes (e mesmo nas crianças em vias de entrar na escola), traduzidas, entre outros aspectos, no aumento do peso e estatura, porém, sendo que os parâmetros de rendimento corporal, tais como força, velocidade, resistência e habilidades motoras de base não tem experimentado uma medida de desenvolvimento igual a do peso e estatura.

Por outro lado, o jovem, de acordo com suas potencialidades, pode envolver-se no desporto de uma forma recreativa ou com aspirações para atingir elevados níveis de performance. Então , sobre o aspecto da aptidão física o que é que distingue o atleta com talento? Vários autores tentaram identificar essa diferença.

1- De acordo com Cazorla e Mompetit (1988) o conceito de talento associa-se com indivíduo que possui aptidões e habilidades naturais e/ ou adquiridas num dado gênero de atividades.

2- Segundo Hebbelinck (1990), apoiado numa investigação realizada nos Estados Unidos, Educação para os Bem Dotados e Talentosos, Congresso dos E.E.U.U., 1972, o conceito de talento associa-se ao indivíduo que é possuidor de habilidades capazes de um alto nível de desempenho em qualquer das seguintes áreas: a) habilidade intelectual geral; b) aptidão

acadêmica específica; c) pensamento produtivo ou criativo; d) liderança; e) artes visuais e de performance; f) habilidade psicomotora.

3- Ainda Hebbelink (1990) refere que os jovens entre 8 e 18 anos que são reconhecidos nas suas escolas como portadores de habilidades intelectuais globais e que demonstram um nível elevado de desempenho e sobre os quais tenham sido feitas predições com alto nível de desempenho, com um elevado grau de confiança.

4- Hahn (1987) refere que o talento associa-se ao indivíduo que se caracteriza por uma certa facilidade na execução dos movimentos, na precisão, na velocidade de aprendizagem e que possui um grande repertório gestual (talento motor geral); indivíduos com predisposições superiores à média, conducentes ao sucesso desportivo (talento desportivo); indivíduo com elevado grau de dotação para elevados rendimentos num dado desporto (talento desportivo específico).

5- Bloom (1985), num estudo com indivíduos que demonstraram elevados níveis de prestação em diferentes atividades (tenistas, nadadores, pianistas, matemáticos, neurologistas e escultores), também refere que todos os indivíduos deste estudo, para além de apresentarem pressupostos essenciais para a sua especialidade, possuíam as seguintes características comuns: a)

grande interesse e envolvimento emocional para determinado campo; b) capacidade de dispendir grande quantidade de tempo, esforço e vontade para atingir altos níveis de prestação; c) capacidade e facilidade de aprendizagem; d) elevado grau de interesse e motivação.

6- Segundo Nadori (1983) o talento desportivo resulta da interrelação de fatores endógenos que, submetidos a influência de condições exógenas ótimas, possibilitam prestações desportivas elevadas.

Por outro lado, devemos considerar que a formação de um estilo de vida sadio, possivelmente será mais facilmente atingida se alcançarmos um nível superior na capacidade de rendimento corporal e desportivo das nossas crianças e adolescentes que em nossa opinião, poderá se processar através da melhoria da qualidade e eficácia de uma pedagogia desportiva quer nas aulas de educação física (de forma obrigatória) ou de maneira extracurricular (clubes e escolinhas).

O presente estudo, com preocupações definidas no âmbito do desporto de crianças e adolescentes, insere-se no espaço das investigações referenciadas a detecção de talentos desportivos e considerando a aptidão física como fazendo parte de um construto multidimensional, onde entre outros interfere os hábitos de vida, as motivações para a prática desportiva

além das variáveis específicas da prestação motora, tem por objetivo identificar possíveis variáveis discriminantes que sejam passíveis de se consubstanciar em indicadores da presença de prováveis talentos desportivos no espaço limitado ao futebol de campo.

Deste modo, delimitou-se uma amostra composta por dois grupos de crianças e adolescentes de 10 a 14 anos praticantes de futebol de campo de um dos principais clubes de futebol do BRASIL - Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense :

Grupo 1 - Nível de Prática 1 (NP1) - Composto de crianças e adolescentes que participam da escolinha de futebol, treinam uma vez por semana e participam de um campeonato interno durante o ano.

Grupo 2 - Nível de prática 2 (NP2) - Composto por crianças e adolescentes selecionados a partir do grupo 1 para as equipes de competição, treinam três vezes por semana e participam de competições fora do âmbito do clube (competições regionais, nacionais e internacionais).

A faixa etária, entre 10 e 14 anos escolhida para o nosso estudo justifica-se na medida em que faz parte do intervalo de idades normalmente utilizado pelas escolinhas de futebol e etapa do desenvolvimento onde se caracteriza um rápido crescimento e mudanças em nível estrutural.

Comportamentos independentes são assumidos nestas idades, sobretudo ao nível do estilo de vida e atividade física, fatores que reconhecemos, dificulta análises definitivas ou conclusivas (Tanner, 1962; Eveleth et Tanner, 1990; Corbim, 1991; Malina e Bouchard, 1991).

Como objetivos específicos o presente estudo terá a preocupação de:

- 1- Estabelecer possíveis critérios de prospecção de talentos em função dos dois grupos selecionados nas variáveis analisadas: Hábitos de Vida, Motivação para a Prática Desportiva e Aptidão Física.
- 2- Verificar possíveis diferenças entre crianças e adolescentes de 10 a 14 anos que praticam atividades físicas em escolinhas (NP1) e crianças e adolescentes que representam os clubes em competições regionais, nacionais e internacionais (NP2).

O trabalho, em sua estrutura, será desenvolvido apartir de dois momentos: O primeiro identificado com o referencial teórico onde através de uma revisão bibliográfica se pretende analisar: estudos semelhantes em nível nacional e internacional, relacionados com aptidão física, hábitos de vida e motivação para a prática desportiva.

O segundo compreenderá um trabalho de campo com abordagem comparativa cujo objetivo já referimos anteriormente é avaliar os hábitos de

vida, a motivação para a prática desportiva e a aptidão física de crianças e adolescentes de 10 a 14 anos que praticam atividades físicas na escolinha de futebol do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre em dois níveis de prática: (NP1) e (NP2).

2 - REVISÃO DA LITERATURA

2.1 - HÁBITOS DE VIDA

Nos últimos tempos temos encontrado muitas pesquisas onde os investigadores têm se preocupado com o desenvolvimento humano nos seus diversos domínios: motor, cognitivo e afetivo. Todavia recentemente tem se investigado bastante sobre as relações existentes entre a criança e o seu meio, considerando principalmente o ambiente escolar e familiar. Por outro lado se encontram com maior raridade estudos a respeito das crianças em atividades livres no seu dia a dia, ou seja, fora da escola ou longe das atividades organizadas.

Bronfenbrenner (1976) refere que esta perspectiva é muito incompleta e reducionista, pois permite verificar apenas um dos polos importantes no desenvolvimento da criança que é ela própria, esquecendo-se do estudo do envolvimento onde se desenrole os processos que podem influenciar este desenvolvimento. Segundo este autor tem havido uma hipertrofia da teoria e

da investigação, centrada nas características dos indivíduos e apenas caracterizações rudimentares do ambiente em que o sujeito se desenvolve.

“Sabe-se muito mais dos indivíduos do que acerca dos contextos em que vivem, ou melhor, acerca do modo como os diferentes contextos afetam o seu desenvolvimento” (Bronfenbrenner, 1985, p.45).

Temos encontrado poucas investigações em que haja preocupações sobre os hábitos de vida das crianças. Das investigações encontradas, a maioria são de caráter pouco abrangentes, o que torna difícil a compreensão deste fenômeno tão complexo.

Neto (1979) refere que os estudos que relacionam a sociologia e a motricidade infantil são de extrema importância para que se possa conhecer cada vez melhor a criança. Neste sentido a rua é um excelente meio para estudos de desenvolvimento social, além da escola.

Ainda Neto (1984) afirma que devemos renovar os conceitos tradicionais sobre a infância, no que diz respeito às condições ambientais através da aplicação de novas estratégias, assim sugere que o modelo de análise comportamental tem se direcionado para perspectivas mais variadas levando-se em conta os diversos contextos onde ocorrem.

Bronfenbrenner (1985) refere que a nossa ciência tem sido particularmente unidirecional, isto é, sabemos mais das crianças do que dos envolvimento em que elas vivem ou dos processos mediante os quais esses envolvimento afetam o seu curso de desenvolvimento.

Por outro lado segundo Pereira (1993), um bom processo de aprendizagem para a criança é o fato de ela ter o adulto como modelo e poder observá-lo no seu dia a dia, podendo com isso tornar-se mais independente, desenvolvendo a sua própria autonomia. No entanto se a atmosfera que a envolve for pouco favorável, ela poderá apresentar perturbações ao nível do desenvolvimento psicológico, social e motor, pondo em risco a sua futura inserção social.

Portugal (1992) observa que estudos a respeito do quotidiano são importantes e é onde se vai observar a realidade.

“Importa diferenciar o que se passa do que se pensa que se passa, isto é, do que se supõe estabelecido teóricamente; importa o não recurso a uma aplicação uniforme de conceitos, mas que haja uma problematização baseada no que acontece, no que se observa. Por

outras palavras, Há que não limitar a realidade a esquemas pré concebidos ou então não avançamos na descoberta da realidade?”. (Portugal, 1992, P. 24)

Bairrão (1992) verificou que certas perspectivas teóricas no âmbito de estudos sobre Hábitos de vida tiveram de ser repensadas devido a sua aplicabilidade puramente teórica e à sua pouca importância no que diz respeito aos problemas da vida real. Temos assim uma perspectiva unidirecional, onde o desenvolvimento humano é explicado como resultante da maturação de mecanismos endógenos e pouco afetado por mecanismos externos.

Vários estudos tem procurado demonstrar os motivos pelos quais as crianças de hoje estão se tornando cada vez mais sedentárias.

Deste modo, Tappe, Duda e Ehrnwald (1990), nos Estados Unidos, apontaram os seguintes fatores que limitavam a atividade e interferiam nas rotinas de vida das crianças: a) o aparecimento de novas tecnologias; b) as tensões motivadas pelo trabalho diário e c) aspectos relacionados com fatores sociais.

Honig (1983) refere que a televisão é o companheiro não silencioso e o professor de nossos dias. No entanto, ver televisão é um processo de via

única, onde não é permitido uma interação com as pessoas que se está observando, interação esta que é de fundamental importância para que as crianças adquiram a compreensão dos sentimentos e atitudes dos adultos.

Pereira (1993) aponta um estudo onde conclui que o espetáculo televisivo ocupa 92% da população a partir dos 13 anos de idade e que a porcentagem de lares que possuem aparelhos de televisão é de 88%.

Dumazedier (1988) em vários estudos realizados na França apontam que metade dos tempos livres dos jovens, (16h por semana em média) é ocupado a ver programas de televisão e que a duração da exposição anual de um aluno à televisão é de cerca de 1000 horas, ultrapassando o tempo que é dedicado às atividades escolares durante um ano letivo.

Tucker (1986) constatou que há uma relação inversamente proporcional entre o tempo que a criança fica vendo televisão e a sua condição física. Conclui-se que a televisão influi de forma direta na aptidão física das crianças e afastando-as de outras atividades que seriam mais favoráveis ao seu desenvolvimento.

Balding, realizou três questionários (1986, 1987 e 1988) onde procurou saber como é o passa tempo das crianças britânicas. Concluiu que

essas crianças passam seu tempo vendo televisão, vídeos e jogos de computador, em proporções alarmantes, levando obviamente uma vida sedentária.

Sabendo que as crianças de hoje passam muitas horas à frente da televisão, Honig (1983) aconselha os pais a verem os programas educativos com os filhos, podendo assim, através de explicações, minimizar as dificuldades que possam surgir.

Tizard e Hugues (1984) referem que as crianças que vêem televisão em conjunto com as suas famílias, desenvolvem níveis de aprendizagem semelhantes aos desenvolvidos com o ouvir histórias.

Piaton (1977), na Universidade de Lion II, realizou um inquérito sobre o centro de interesse de 274 crianças entre os 9 e os 12 anos, verificando que:

- A televisão é o seu principal tema de conversas (76% contra 61% para atividades relacionadas com a escola e 37% para a família).

- 97% das crianças vêem televisão, principalmente à noite, aos fins de semana e durante as refeições.

- O tipo de programas que mais vêm, são os desenhos animados (89%), seguidos dos filmes (82%), séries (81%), programas musicais (77%), vida dos animais (76%), desporto (53%) e notícias (52%).

-70% das crianças declarou ver televisão pelo menos 4 dias por semana e 44,6% todos os dias.

Bronfenbrenner (1974 e 1975) refere que a televisão é um dos fatores que mais conduz a criança ao isolamento, dificultando a possibilidade de interação entre ela e os outros.

Além da televisão, uma outra causa que limita a criança nas suas atividades são as tensões motivadas pelas suas tarefas diárias, afim de obter resultados satisfatórios na escola, reduzem os seus tempos livres.

Cale (1992) conclui que o aumento do trabalho escolar está diretamente relacionado com a redução do tempo em que ela dedica às suas atividades livres diárias.

Um estudo desenvolvido na Irlanda do Norte (The Northern Ireland Survey, 1989. citado por Cale), constatou que cerca de 50% dos jovens de 18 anos dedica mais de duas horas por noite aos trabalhos escolares,

revelou, portanto que são os jovens de idade mais avançada que dedicam mais tempo aos trabalhos escolares.

Por outro lado, a necessidade de cuidar dos irmãos mais novos deixa menos tempo para se dedicar às atividades mais ativas.

Balding (1986, 1987 e 1988), efetuou estudos onde revelam que entre 94,4% e 98,9% das crianças com idade entre 11 e 16 anos, principalmente do sexo feminino, ajudam os pais nos afazeres domésticos.

Dumazedier (1988) verificou que os momentos mais agradáveis do dia para os jovens eram:

- O tempo dedicado a uma atividade desportiva voluntária (21,4%);
- O tempo dedicado a atividades desenvolvidas no exterior com colegas (18,9%);
- O tempo dedicado a ver programas de televisão, assim como outras atividades; passear, ouvir música, vida em família, descansar, ler, ir ao teatro, etc. (5%).

Nos nossos dias tem surgido outros fatores que interferem significativamente na atividade diária das crianças, tais como: violência, assaltos seqüestros, as drogas entre outros, provocando um natural confinamento e conseqüentemente uma diminuição das atividades e brincadeiras de rua.

Um estudo sobre o jogo e o lazer das crianças recentemente encomendado pela UNESCO (Santos, 1993), revela que neste momento, é nítida a prevalência de atividades de interior, em pequenos grupos, pouco ativos fisicamente, com brinquedos comercializados e divertimentos pré-fabricados. Deixando bem claro a tendência ao afastamento das crianças do espaço exterior, modificando assim as suas praticas lúdicas. Por outro lado estes fatores sócio-espaciais de que a criança dispõe são igualmente importantes para o seu desenvolvimento. Estes fatores podem ser positivos ou negativos em relação as atividades que ela pode desenvolver no seu dia a dia.

Segundo Johnson et alii (s. d.) o tipo de jogos que a criança realiza e o seu conseqüente empenhamento está diretamente relacionado ao tipo de espaço que lhe é proporcionado. Deste modo os espaços interiores estão

mais aptos para o desenvolvimento do jogo simbólico e do jogo construtivo e os espaços de jogo exteriores estão mais adequados para a atividade ludico-motora.

Neto (1984) refere que a falta de espaços bem como uma planificação sobre os espaços de jogo nas cidades modernas, tem limitado a população infantil no acesso a determinadas experiências corporais, tais como, jogos de aventura, entre outros.

Lopes (1992) aponta ainda fatores importantes que podem interferir no tipo de atividades que a criança pode desenvolver, tais como: o meio onde a habitação se situa (rural ou urbano), e a extensão deste meio (densidade populacional, densidade de construções, etc.).

Apresentaremos agora alguns estudos feitos em Países da língua portuguesa, nos últimos anos, sobre as rotinas de vida diária das crianças.

Sobral (1992) aplicou um questionário na área do grande Porto, onde avaliou o estilo de vida na infância e adolescência. Foram inquiridos 163 indivíduos de ambos os sexos, com idades entre 10 e 15 anos, verificando que:

- A maioria dos inquiridos morava em casa (59,8%) e os demais em apartamento.

- Em relação à distância da residência à escola, 33,1% dos inquiridos moram a menos de 1000m da escola, 28% até 2000m, 20,2% entre 2000 e 5000m e 15,3% a mais de 5000m.

O deslocamento da casa para a escola se dá com mais da metade (52,8%) dos inquiridos deslocando-se a pé, 32,5% em transporte público, 11% em transporte particular e 2,4% de bicicleta.

- Em relação aos hábitos de sono, 82,2% dos inquiridos vão dormir entre 21 e 23h, enquanto 68,7% se acorda entre as 7 e 8h.

- Quanto as atividades praticadas em casa, verificou-se que ver televisão (94,5%) é a mais apontada, seguido de conviver com os amigos (87,7%), ajudar nos trabalhos domésticos (76%), ler (70,6%), e outros passatempos (60%). As menos apontadas são jogar computador (36,2%) e ajudar os pais nas suas profissões (33,1%).

- Em relação as atividades praticadas fora de casa, conviver com os amigos (84%) aparece em primeiro lugar, seguida de frequentar o café

(58,9%), assistir espetáculos desportivos (49,1%), passear (47,2%), ir ao cinema (33,7%) e frequentar o clube (29,4%). As menos apontadas são frequentar bailes/discotecas (17,8%) e jogar fliperama (16,6%).

Condado (1993) num estudo desenvolvido no meio urbano, procurou comparar as rotinas de vida das crianças entre 6 e 10 anos com incidência particular nas atividades lúdicas de dois contextos familiares e habitacionais distintos: contexto A - situação familiar “normal” e contexto B - situação familiar instável, resultado na frequência de um internato.

Neste estudo, relativamente às atividades desenvolvidas pelas crianças fora de casa, o autor verificou que:

- O parque infantil, o jardim público e as instalações desportivas eram frequentadas pelas crianças de ambos os grupos, principalmente durante os fins de semana.

- A rua ou pracinha era também um local pouco frequentado, aumentando essa frequência nos finais de semana em ambos os grupos.

- Relativamente às atividades desportivas e artísticas praticadas, as crianças pertencentes ao contexto A, todas praticavam uma ou mais destas

atividades. As crianças pertencentes ao contexto B ao contrário, referiam na sua grande maioria não praticar qualquer tipo de atividade artística ou desportiva.

- Em relação à distância da casa para a escola, em ambos os grupos a distância máxima era de até 2000m e a distância mínima era de 500m. Por outro lado o autor verificou que as crianças do contexto A moravam mais próximo da escola que as crianças pertencentes ao contexto B.

- Quanto ao tempo de percurso, variava de 5 até mais de 20min. O autor verificou que enquanto as crianças pertencentes ao contexto A se deslocavam em sua maioria de automóvel e acompanhadas pelo pai ou mãe, as crianças do contexto B, faziam-no preferencialmente a pé e sozinhas.

No que diz respeito as atividades praticadas em casa o autor verificou que:

- As crianças de ambos os grupos tem hábitos de leitura nos seus tempos livres, no entanto as crianças pertencentes ao contexto A o fazem com maior frequência.

- As crianças pertencentes ao contexto A utilizam o computador muito mais que as crianças pertencentes ao contexto B.

- Quanto a utilização de jogos eletrônicos, verifica-se de igual modo, uma maior utilização destes por parte das crianças pertencentes ao contexto A.

- Relativamente as tarefas em casa, aos estudos e trabalhos de casa, ambos os grupos tem uma participação elevada.

- Relativamente às coleções, as crianças pertencentes ao contexto A fazem mais que o outro grupo de crianças.

- Em relação a ouvir musica, ambos os grupos refere em sua maioria ouvir música.

- As crianças do contexto A refere ver mais televisão ou vídeo que as crianças do contexto B.

- Em relação à atividade musical (tocar instrumentos) e a brincar com brinquedos, o autor concluiu que ambos os grupos tem comportamentos semelhantes.

Alturas (1993) descreveu as rotinas de vida diária de um grupo de 30 crianças pertencentes ao distrito de Lisboa e que frequentavam uma atividade física regular (natação).

O autor verificou que as crianças frequentam o parque infantil com maior regularidade aos finais de semana, havendo também um número significativo de crianças que nunca utiliza este espaço.

A utilização de instalações desportivas, além das piscinas, é realizada por menos da metade das crianças em estudo e as que utilizam, frequentam-nas preferencialmente nos dias úteis.

Apenas um terço das crianças utilizam os jogos eletrônicos com bastante frequência.

Todas as crianças realizam com frequência as atividades de trabalhos de casa/estudar.

A televisão e o vídeo, são uma atividade realizada regularmente e com muita frequência pelas crianças durante os seus tempos livres em casa.

Todas as crianças que fizeram parte do estudo referiram que brincam frequentemente utilizando brinquedos nos seus jogos.

Quase metade das crianças que fazem parte deste estudo, frequenta catequese.

Santos (1994) procurou saber as rotinas de vida diária de um grupo de 90 crianças com idades entre 9 e 12 anos, residentes num meio rural do distrito de Leiria.

A autora verificou que:

- Em relação às habilitações académicas dos pais, há uma predominância do ensino primário, embora, em relação ao pai se verifique também com valores elevados de frequência, o ensino preparatório.

- Quanto à composição da família, ela é composta maioritariamente por 4 ou 5 pessoas e uma grande quantidade das crianças tem mais irmãos.

- São poucos os familiares das crianças que têm uma prática desportiva regular.

- No que diz respeito ao tipo de moradia, a maioria das crianças viviam numa casa que possuía entre 4 a 6 peças e possuía espaço exterior onde a criança podia brincar.

- A distância entre a residência e a escola é no máximo 5000m, no entanto a maioria das crianças mora a menos de 1000m da escola. O tempo dispendido por grande parte das crianças neste trajeto é no máximo 10 minutos, podendo as crianças que moram mais longe levar mais de 20 minutos. O deslocamento de casa para a escola é feito em sua maioria a pé, sendo também utilizados, porém com valores baixos o automóvel, a bicicleta e os transportes públicos. Sobre o acompanhamento no trajeto casa-escola a maioria das crianças referiu que com os amigos ou sozinho.

Em relação as práticas nos tempos livres a autora verificou que:

As crianças dispunham em sua maioria de 4 a 5 horas diárias para poder brincar. O local mais utilizado nos seus tempos livres é em casa e no quintal, seguindo-se as atividades na rua.

- O parque infantil, o jardim público, o rio, a piscina e instalações desportivas são pouco utilizadas pelas crianças quer durante a semana ou no fim de semana, aparecendo como lugar preferencial, a rua ou a pracinha.

- As atividades mais praticadas pelas crianças quando estão em casa, são: realização de trabalhos de casa, ver televisão, brincar com brinquedos e

ouvir música. Quanto as menos praticadas as crianças apontam o computador, jogos de mesa, tocar instrumentos e outras atividades.

Em relação aos programas de televisão, as crianças preferem os desenhos animados, filmes, concursos e telenovelas. Os documentários são também apontados, porém com menor frequência.

- Verificou-se que as crianças não tem o hábito de construir os seus brinquedos.

- A autora verificou que a maioria não praticava qualquer tipo de atividade desportiva ou artística orientada.

- Relativamente a outras atividades, que não as desportivas ou artísticas praticadas pelas crianças, aparece em primeiro lugar a frequência da catequese e o passear, com uma menor frequência, ir a espetáculos desportivos, cinema e visitar exposições.

- Sobre os motivos apontados pelos pais, na inclusão dos seus filhos em atividades para a ocupação dos seus tempos livres, aparece em primeiro lugar o fato de a criança gostar, os pais acharem importante e como complemento da ação da escola, seguido de os amigos frequentarem e

mantê-las ocupadas, aparecendo em último lugar o fato de os pais não terem onde deixá-la, por sugestão do médico e por outros motivos.

Frazão (1994) Estudou a ocupação dos tempos livres de crianças com idades entre 6 e 10 anos no meio urbano, no distrito de Lisboa.

Neste estudo a autora verificou que:

- Relativamente às habilitações académicas dos pais, há uma predominância no ensino secundário e superior embora apareçam muitos pais apenas com o ensino primário.

Em relação ao tipo de habitação, a maioria vive em apartamento próprio com três e quatro peças sem espaço exterior onde a criança possa brincar.

Relativamente à prática de tempos livres, a autora verificou que:

- A maior parte do tempo livre das crianças é passado em casa, seguido de um local onde pratica uma atividade física regular e aparecendo a rua como local onde a criança passa menos tempo.

- Quanto aos espaços frequentados, as crianças apontam que nas suas atividades de tempo livre, frequentam muito a piscina e jogos desportivos, as vezes o parque infantil, o jardim público e a rua, largo ou pracinha, a maioria nunca frequenta o rio.

Quanto as atividades praticadas em casa, a autora verificou que:

- As crianças realizam com muita frequência as seguintes atividades: ler, estudos/trabalhos de casa, ver televisão, vídeo e brincar com brinquedos. Apontam realizar com alguma frequência as seguintes atividades: jogos eletrônicos, computador, tarefas de casa, fazer coleções, ouvir música e tocar instrumentos.

- No que diz respeito as atividades desportivas ou artísticas escolhidas pelas crianças além da natação, a autora verificou que foram a ginástica, a catequese, a escola e ouvir música as mais referenciadas.

- Relativamente às atividades que a criança participa regularmente sob a orientação de alguém, em primeiro lugar aparece a participação em festas de aniversário de colegas, seguido de passear, ir à catequese, cinema ou visitar museus. Aparecem ainda mencionadas, com menor frequência, visitar exposições, ir a espetáculos desportivos e aprender informática.

- A respeito dos hábitos de prática desportiva dos familiares das crianças, a autora verificou que a maioria das mães e avós das crianças não tinham hábitos de prática desportiva; os pais tinham alguns hábitos de prática desportiva e os irmãos tinham muitos hábitos de prática desportiva.

- Quanto aos horários de sono das crianças, pode apontar-se que nos dias úteis a maioria das crianças se levanta entre as 7h e 30min e 8h e 30min e vai dormir entre 21h e 30min e 22h e 30min. Nos fins de semana, a maioria das crianças se levanta as 8h e 30min e vai dormir entre 22h e 30min e 23h.

Torres e Gaya (1997), numa investigação sobre sobre os hábitos de vida de alunos da rede municipal de ensino de Porto Alegre, utilizando o inventário Estilo de Vida na Infância e Adolescência - EVIA (Sobral, 1992) adaptado para a realidade brasileira, concluíram que: a maioria dos alunos reside em casa com quarto e cinco peças e com cinco moradores. Os alunos residem próximo à escola e costumam percorrer a pé a distância entre a sua casa e a instituição de ensino. Os hábitos de sono diferem de acordo com o seu turno de estudo. Assistir televisão, brincar/conversar com os amigos, escutar música e realizar tarefas domésticas são as atividades mais

realizadas por estes alunos no interior de suas moradias, porém, o hábito de lazer doméstico preferencial é o de ver televisão. No exterior da residência ficou caracterizado que brincar/conversar com os amigos e andar de bicicleta foram os hábitos mais comuns. Os locais para as práticas desportivas são o pátio da casa e a rua e estas práticas são informais. A participação sócio-cultural destes estudantes apresenta-se bastante restrita.

2.2- MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DESPORTIVA

A motivação no desporto tem sido motivo de grandes debates nos círculos académicos. Todavia dado este grande interesse, seria de se esperar que as relações entre motivação e o desporto fosse mais profundamente estudada. Porém o estudo sistemático dos processos motivacionais e o desporto somente tem recebido uma atenção significativa nos últimos vinte anos (Roberts, 1992).

A motivação é um dos temas centrais em psicologia. Tanto se trata de políticos que discutem o desejo da sociedade, pais discutindo o esforço de seus filhos, treinadores protestando sobre o compromisso de seus jogadores, professores de educação física discutindo sobre a aderência de seus alunos à

prática sistemática de exercícios físicos, todos tem a ver com os níveis de motivação (Roberts, 1992). Segundo Roberts (1992), apesar de ter a motivação um papel de extrema importância na vida dos indivíduos de uma maneira geral, é pobremente entendida no terreno prático, inclusive no desporto. Neste caso muitos técnicos, em discussões entre si ou com psicólogos sobre os aspectos da sua profissão, procuram encontrar lances mágicos para motivar seus atletas, o que demonstra uma certa ingenuidade no que se refere a complexidade da motivação humana e os que oferecem soluções tão simples, em nome de uma credencial psicológica, são profissionais não confiáveis (Cratty, 1983).

Na tentativa de conceituar motivação, Roberts(1982) define que a motivação refere a fatores da personalidade, variáveis sociais, e ou conhecimentos que entram em jogo quando uma pessoa realiza uma tarefa para a qual é avaliada. Por isso se supõe que o indivíduo é responsável pelo resultado da tarefa e que é inerente a certo nível de desafio. Além do mais, se acredita que estas circunstâncias facilitam determinadas disposições motivacionais e valorizações cognitivas que influenciem na conduta humana em situações de êxito.

As razões pela qual as crianças e jovens atuam no desporto são extremamente variáveis e difíceis de serem reduzidas a conceitos rígidos. Weiss (1993) em um artigo de revisão que trata dos principais motivos pelos quais crianças e jovens iniciam, mantêm-se e inserem-se no desporto de rendimento, refere autores como Coacley, Lewko et Greendorfer e Mc Pherson et Brown, bem como Longhurst et Spink (1987), Gill et alii (1983); Gould et alii (1985), em trabalhos isolados, sugerem que entre os fatores motivacionais, situam-se: a) adquirir habilidades; b) estar em forma; c) competir; d) aprender novas habilidades e, e) participar de desafios.

Sapp e Haubenstricker (1978), no estado de Michigan examinaram as razões para a prática de esportes em jovens de 11 a 18 anos e revelaram que os fatores motivacionais eram: a) diversão; b) adquirir habilidades; c) aptidão física; d) ter amigos e e) fazer novos amigos.

Gill, Gross e Huddleston (1983) em pesquisa realizada com 1138 nadadores universitários de ambos os sexos, aplicando o "Participation Motivation Questionnaire" (PMQ), constataram que os fatores motivacionais eram: a) adquirir habilidades; b) diversão; c) aprender novas habilidades; d) desafio e, e) aptidão física.

Gould et alii (1985) aplicando o (PMQ) em 365 nadadores escolares constataram que os motivos mais importantes para a sua participação desportiva eram: a) diversão; b) aptidão física e c) adquirir habilidades.

Klint et Weiss (1986) em pesquisa realizada com ginastas concluíram que os principais fatores motivacionais eram: a) competição; b) recreação e c) amizade.

Longhurst et spink (1987), examinaram os motivos pelos quais 621 crianças australianas, participantes de desporto extra-escolar e revelaram que os fatores motivacionais para a prática desportiva eram: a) adquirir habilidades; aptidão física; c) gostar de desafio e d) competir. Sendo que o item competir aparece como o fator mais importante.

Serpa (1992) traduziu para o português o inventário de Gill et alii, que intitulou-se: Questionário de Motivação para as Atividades Desportivas, aplicando-o a 750 alunos de desporto escolar em Portugal, apontou como principais motivos para a prática desportiva: a) estar em boa condição física; b) trabalho em equipe; c) aprender novas técnicas; d) espírito de equipe; e) fazer exercícios e, f) manter a forma.

Strong et alii (1963), durante as últimas décadas tentaram determinar o que motiva a criança para o desempenho físico. Em sua maior parte os

especialistas empregaram experimentos de laboratório de preferência às experiências no atletismo, utilizando vários exercícios de aptidão e declarou a competição como motivador principal.

Missouro (1964) declarou que crianças com menos de cinco anos de idade, quando ativadas pela presença de outros, em várias tarefas, tendem a ficar excitadas e mostram maior eficiência no teste de resistência. Ele mostrou contudo que, em crianças acima de cinco anos o aumento da ativação tendia a se traduzir em mudanças mensuráveis de desempenho. As investigações de Alderman (1976), aplicando testes de motivos através de um questionário para determinar o grau em que jovens jogadores de hóquei de 11 a 14 anos de idade eram influenciados por vários sistemas de incentivos, esses sistemas eram baseados nas conclusões de Veroff (1969), que dizem haver nos seres humanos sistemas principais de motivação que governam as condutas dirigidas para um determinado objetivo. Esses sistemas compreendem condutas sensoriais, curiosidade, sucesso, agressividade, sentimento de se sentir aceito, força e independência. Alderman, modificou ligeiramente o último para adaptá-lo as suas opiniões sobre o que pode motivar o jovem para o esporte e considerar a força relativa da aceitação, sucesso, excelência, agressividade, tensão, poder e

independência. Os resultados indicam que a aceitação (a certeza de que se é aceito e bem considerado pelos companheiros e que se pode manter as amizades existentes) foi considerado o motivo mais forte expresso pelos jovens atletas. Uma das questões mais importantes que se verifica em várias pesquisas em crianças, diz respeito a determinação de condições e incentivos que podem produzir motivação intrínseca (desempenho estimulado pelo interesse na própria tarefa) em contraste com a motivação extrínseca (esforço modelado por prêmios materiais e sociais externos à natureza básica e ao interesse na própria tarefa). É melhor se as crianças estiverem intrinsecamente motivadas em vez de precisar de algum tipo de recompensa externa ao praticarem desporto. Julga-se que as crianças motivadas intrinsecamente, tem mais possibilidade de serem mais persistentes, apresentar níveis de desempenho mais altos e realizar mais tarefas do que as que requerem reforçadores externos (Thomas et Tennant, 1980).

Em fins da década de 60 e início da de 70 houve grande interesse nessa dicotomia de motivos. Os estudos realizados então indicaram que a aplicação constante de recompensas externas para crianças que anteriormente estavam interessadas na realização pela própria realização,

poderia causar uma mudança na opinião de si mesmas e da situação, elas poderiam nessas condições tornar-se muito pouco motivadas intrinsecamente (Craty, 1983). Os teóricos atribucionistas explicam as hipóteses dessa mudança aparente dizendo que, inicialmente, a criança percebe a si mesma com todo o controle da situação, do sucesso e dos níveis de desempenho; Os prêmios externos oferecidos tendem a fazer com que a criança perceba que ela não tinha esse controle e assim, atribui o sucesso ou fracasso a fatores externos a si mesma (Deci, 1972).

Em relação a essa hipótese referida no parágrafo anterior, foi usado o termo “sobrejustificação” significando que as pessoas, a principio motivadas intrinsecamente podem ter seu comportamento minado através da administração de recompensas, de alto valor estimulante, prêmios estes que, se continuados, farão com que os jogadores achem que suas ações foram motivadas por tais prêmios. O resultado final será o desempenho visto como um meio para um fim (o prêmio em vez de ser um meio de satisfação em si mesmo) (Craty, 1983). Essa hipótese, traduzida para o desporto em crianças e adolescentes indica que, embora à principio a criança possa gostar de movimentos lúdicos, jogos e esportes pouco organizados, talvez arranjados por companheiros, se ela é introduzida numa situação competitiva completa,

com troféus, medalhas e outras recompensas e dirigidas por adultos, pode então encarar o esporte, a participação física e sua experiência total no desporto sob uma luz diferente das anteriores, (Gerson, 1978).

Alguns pesquisadores estudaram a influencia do grande número de recompensas externas nas motivações intrínsecas de jovens; alguns empregaram testes de aptidão física, outros não. O experimento serviu para apurar os significados visíveis das interações de prêmios, na motivação intrínseca e extrínseca com o desempenho de crianças.

Alguns dos resultados foram:

- 1- Os adultos ao observarem uma criança atuar, como forma de recompensa externa (ou castigo), diminuirão a motivação intrínseca na tarefa (Lepper et Greene, 1974).
- 2- Se forem esperadas recompensas externas, a criança provavelmente, tornar-se-á menos motivada intrinsecamente, contudo, se não houver recompensas externas, ou se elas forem dadas inesperadamente, haverá apenas uma diminuição da motivação intrínseca (Greene et Lepper, 1974).
- 3- Se a tarefa é desde o início, muito interessante para a criança, recompensas externas diminuirão a motivação intrínseca, ao passo que, se a

tarefa é inicialmente percebida como “ruim”, a motivação intrínseca pode ser aumentada pela oferta de recompensas externas (Calder et Staw, 1975).

Estudos experimentais sugerindo que os possíveis efeitos prejudiciais de prêmios externos podem diferir nas crianças de várias faixas etárias foram realizadas por (Schultz, Butkowsky, Pearce et Shanfield, 1975), nelas registrou-se que as crianças menores (de 5 a 6 anos) não parecem perder seu interesse intrínseco na tarefa ao receberem recompensas externas pela participação, ao passo que as mais velhas mostraram diminuição da sua motivação intrínseca quando lhes eram oferecidos prêmios externos. Essa aparente diferença na idade, foi atribuída ao fato de as crianças mais moças não processarem correta e eficazmente todas as informações e relações de causa e efeito em determinada situação ao contrário das mais velhas, que possuem maior aptidão para processar informações.

A conquista da excelência por si só indica que os atletas estão motivados a um bom desempenho porque possuem as técnicas ou as qualidades físicas necessárias para a prática desportiva, ou em outras palavras, estão motivados internamente. Deci (1971) refere dúvidas a respeito da conveniência da oferta contínua de prêmios palpáveis e se esta prática trará mudanças de sentimentos no jovem atleta que espera como

recompensa o bem estar originado pela própria atuação. Por exemplo, um dos estudos concluiu que o sucesso em determinado esporte terá probabilidade de promover motivação interna, independentemente de outros motivos externos (Weimber et Ragan, 1979). Outra pesquisa mostrou que o excesso de crítica verbal poderá impedir o interesse intrínseco do atleta na própria tarefa (Vallerand et Reid, 1979). Halliwell (1976), Resumindo os trabalhos recentes no setor, chegam a conclusão de que o estilo cognitivo do atleta, a complexidade da tarefa e a disposição básica do indivíduo interagem para determinar se os prêmios prejudicam ou promovem o interesse intrínseco na tarefa. Halliwell (1976) adverte, contudo, para o fato de que os indivíduos que atribuem o sucesso ou o fracasso a fatores internos a eles (aptidão, esforço) podem ser demasiadamente influenciados se tiverem muitos prêmios externos. Nestas circunstâncias, continua Halliwell (op. cit.), os sentimentos do sujeito sobre a causa do sucesso ou do fracasso podem localizar-se em atributos externos.

Alderman (1978) em um levantamento sobre métodos para motivar jovens atletas baseado em sua pesquisa bem como em alguns estudos já descritos, indica que crianças devam ser recompensadas com cuidado e com frequência ao aprenderem uma tarefa e ao mudarem o desempenho de modo

preciso. Após a aprendizagem da tarefa ou da técnica do esporte, contudo Alderman recomenda o uso de reforçadores externos com maior moderação e intermitência. Craty (1983) acrescenta que este tipo de recompensa intermitente, para que tenha o máximo de eficácia deverá ser considerado como um prêmio extra e uma surpresa para o jovem atleta, em vez de ser um direito que ele saiba que vai adquirir.

Por outro lado, Weiss (1969), assinala que a busca pela excelência é parte inerente a muitas culturas e declara também que uma das poucas maneiras pelas quais os jovens podem se mostrar superiores é através de realizações físicas, usando seus corpos para conquistar uma grandeza não alcançável pela juventude através de esforços intelectuais que requerem maior experiência.

Ao examinar recentes pesquisas, Wankel (1980), chega a conclusão que alguns atletas podem ter uma atuação melhor na presença de público, enquanto que para outros isto é indiferente.

Outros motivos relacionados com a vida em sociedade podem classificar os atletas, como por exemplo, Sorrentino e Sheppard (1978) acharam diferenças significativas em dois grupos de nadadores: os que se preocupavam com a atuação dos outros e os que eram motivados só em

evitar a rejeição dos outros. Alderman et Wood (1976) investigaram a força de vários incentivos sobre 425 jogadores de hóquei, concluindo que a vontade de ser aceito era uma motivação mais poderosa do que o sucesso ou o consequente desempenho máximo.

Recentemente, pesquisadores tem dado bastante ênfase ao divertimento desportivo e suas conseqüentes relações com a motivação. Em revisão a alguns estudos realizados com crianças e adolescentes em programas de desporto escolar e juvenil, tem mostrado repetidamente que a razão principal que se dá para a participação em um programa é o desejo de diversão, enquanto que a falta de divertimento é um importante determinante do abandono (Gill, Gross et Huddleston, 1983; Sapp et Hauben-stricker, 1978; Gould et Horn, 1984 e Weiss et Petlich koff, 1989).

Scanlan et Lewthwait (1986), em pesquisas realizadas com lutadores, reforçam as importantes conseqüências motivacionais do divertimento desportivo, com uma correlação de .70 entre o divertimento dos lutadores e seus desejos de participar em seu esporte no futuro. Scanlan, Stein, et Ravizza (1989), igualmente encontraram correlação entre divertimento e motivação em "skatistas".

Na bibliografia sobre motivação, o conceito de divertimento, a princípio tem sido tratado com referência a motivação intrínseca (Csikszentmihalyi, 1975; Deci et Ryan, 1985). Deci (1985) afirmou que os sentimentos de divertimento se experimentam quando a participação em uma atividade cria uma sensação de competição e autodeterminação. De acordo com Deci et Ryan (1985) o divertimento é uma recompensa experimentada na execução da conduta motivada intrinsecamente. Os valores de divertimento são utilizados para definir operacionalmente os níveis de motivação intrínseca.

Para especificar melhor as fontes de divertimento, Csikszentmihalyi (1975) construiu uma lista de oito razões relativamente independentes das atividades desportivas divertidas, baseada em entrevistas com jogadores universitários de futebol e hóquei. Ele depois, apresentou a lista a 40 jogadores universitários de basquete e lhes pediu que classificassem as razões por que se divertiam jogando basquete, da mais a menos importante, ficando: 1) competição e valorização do eu contra outros; 2) desenvolvimento de destrezas pessoais; 3) amizade e companheirismo; 4) atividade por si; 5) divertimento da experiência; 6) comparação dos ideais do eu com os ideais próprios; 7) prestígio recompensa e glamour; 8)

liberação emocional. Apesar destas 8 razões serem todas fontes de divertimento em desporto, é interessante ressaltar que a razão primária que estes jogadores deram ao divertimento em basquete, foi identificada por Csikszentmihalyi (1975) como definitivamente extrínseca, mesmo que, os itens identificados como puramente intrínsecos ficaram em 4º e 5º na ordem de preferência dos atletas. Isto vai ao encontro da a idéia de que as fontes de divertimento no desporto provocam uma expectativa mais ampla do que o conceito de motivação intrínseca.

Chalip, Csikszentmihalyi, Kleiber e Larson (1984) empregaram o modelo citado anteriormente para examinar as diferenças subjetivas relatadas por estudantes de ambos os sexos da escola superior e constatou que geralmente, o maior desafio percebido foi associado com o maior grau de divertimento, isto tanto no cenário do desporto organizado como no desporto informal e nas classes de educação física.

Harris (1984) encontrou relação entre diversão e progresso desportivo com crianças e jovens de 10 a 12 anos, apesar de os resultados revelarem que a diversão era menos notável que outros aspectos de participação, chegou a conclusão que os jogadores experimentavam maior diversão

quando reportavam maiores níveis de atividades e melhor controle das ações.

Mais recentemente, Gaya et Silva (1996) realizaram um estudo descritivo exploratório, que serviu de base para diferentes estudos da motivação no PRODESP (Projeto Desporto) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com crianças e adolescentes de 7 a 14 anos em diferentes níveis de prática desportiva do estado do Rio Grande do Sul, constatando entre principais indicadores motivacionais: manter a saúde; exercitar-se, ser um atleta; Manter o corpo em forma e competir. Mais adiante, Gaya et Silva (1996b), na perspectiva de fugir de uma lógica empirista, constatada através de uma minuciosa revisão bibliográfica e realizando estudo de campo do tipo descritivo exploratório, propõe: identificar os possíveis efeitos das variáveis: sexo, idade e níveis de prática desportiva, além das interações entre essas variáveis sobre três fatores da motivação para a prática desportiva teoricamente definidas “ad hoc”: 1- fatores relacionados à competência desportiva; 2- fatores relacionados à amizade e ao lazer; 3- fatores relacionados à saúde. Fatores estes, os quais comportam os principais indicadores de motivação que se expressam nos diversos trabalhos anteriormente citados, o que permite portanto tecer

análises comparativas, o que é imprescindível. Os resultados da pesquisa anteriormente citada, em crianças e adolescentes de 7 a 14 anos de diferentes níveis de prática (federados, não federados e escolares, de ambos os sexos) Gaya et Silva (1996) concluíram: 1- As variáveis sexo e idade compartilhadas e sexo isoladamente tem efeito sobre o fator competência desportiva, ou seja, os meninos são mais motivados para este fator que as meninas e essa diferença aumenta com o avanço da idade. 2- As variáveis nível de prática desportiva compartilhadas com a idade tem efeitos sobre o fator competência desportiva. ao transitarem dos 7 aos 10 anos para os 11 aos 14 anos, o grupo da educação física e o grupo federado aumentam seus níveis motivacionais enquanto o grupo não federado, diminui significativamente seus níveis de motivação. 3- As variáveis sexo e idade compartilhada e idade isoladamente tem efeito sobre o fator motivacional amizade e lazer. Meninos e meninas diminuem seus níveis de motivação para este fator ao transitarem dos 7 aos 10 anos para os 11 aos 14 anos. E considerando isoladamente a idade, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos etários. 4- As variáveis nível de prática desportiva compartilhadas com idade, exercem efeitos sobre o fator amizade e lazer. Os federados apresentam menor índices de

motivação neste fator que os não federados e, esses menores índices que os alunos da educação física. Ao transitarem para o grupo etário mais alto, os alunos de educação física apresentam perdas mais acentuadas nos níveis de motivação para amizade e lazer, seguido do grupo não federado e finalmente o grupo federado. 5- A variável nível de prática desportiva exerce efeito isolado sobre o fator de motivação saúde, de forma a diferenciar de modo estatisticamente significativo, os grupos de federados com níveis mais baixos em relação aos não federados e alunos de educação física.

Foi portanto nesta perspectiva, que ao verificarmos os resultados entre motivação e performance sustentados por Gaya et Silva (1996), embasamos o nosso trabalho, com o intento de verificar os fatores motivacionais para crianças e jovens nas idades de 10 a 14 anos, que praticam futebol na escolinha do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense em dois diferentes níveis de prática (NP1 e NP2, no sexo masculino). O objetivo do nosso estudo é, portanto, fazer uma análise sobre os possíveis efeitos das variáveis faixa etária (10 a 14 anos) e os níveis de prática (NP1 e NP2) e as prováveis interações entre essas variáveis sobre as três dimensões da motivação para a prática desportiva: 1- Aspectos relacionados com a

competência desportiva; 2- aspectos relacionados com a amizade e o lazer;
3- aspectos relacionados com a saúde.

2.3 - APTIDÃO FÍSICA

2.3.1 - Conceito de aptidão física

O conceito de aptidão física tem sofrido mudanças ao longo dos anos. Estas mudanças vem sempre atreladas ao objetivo, especificidade e linguagem utilizada, isto é, de acordo com os interesses e necessidades operacionais (Caspersen et alii, 1985 e Maia, 1989). Deste modo, torna-se difícil conceituar aptidão física, pois ela sofre constantes modificações em função da evolução do conhecimento científico e às variações das exigências das atividades que requerem diferenciados níveis de performance e por outro lado às modificações das exigências e preocupações sociais.

Segundo Rowland (1990), quando tratamos sobre o conceito de aptidão física devemos perguntar sempre “aptidão física para quê? isto porque a aquisição de uma dada performance desportiva, a preparação para as tarefas do cotidiano, a prevenção de doenças são exemplos de objetivos

distintos que determinam especificidades operativas muito particulares. A própria prontidão desportiva depende em muito da especificidade da modalidade. Portanto como refere Sobral (1990), não existe um protocolo capaz de definir uma aptidão universal e dentro da mesma modalidade a evolução técnico-tática impõe periodicamente a revisão dos atributos necessários à performance .

Atualmente existe uma tendência de relacionar níveis de aptidão física e saúde e não somente a virilidade muscular como ocorria em tempos anteriores. Hoje a aptidão física é tida como um estado geral de prontidão motora e bem estar físico e mental, incorporando a saúde e a prevenção de doenças.

A revisão da literatura aponta, diversos autores e seus conceitos de aptidão física:

Para Darling et alii (1948), é a capacidade de um indivíduo para cumprir uma tarefa. Karpovich (1965), define como sendo o grau de capacidade de um indivíduo para executar uma tarefa específica sob condições ambientais específicas. Segundo Clarke (1967), aptidão física é capacidade de cumprir tarefas cotidianas com vigor e prontidão, sem fadiga e com ampla energia para recrear nos tempos livres e responder a situações

de emergência. Já para Fleishman (1964) é a capacidade funcional de um indivíduo para executar certos tipos de tarefas que requerem atividade muscular. Para Sobral (1976), aptidão física configura-se como sendo a capacidade geral que permite a um indivíduo responder pelos seus meios físicos a uma multiplicidade de exigências, de situações, a um stress generalizado. Segundo a definição da AAHPERD (1980), aptidão física é um “contínuum” multifacetado que se prolonga desde o nascimento até a morte. Os níveis de aptidão são afetados pela atividade física e variam desde a capacidade ótima em todos os aspectos da vida até limites de doença e disfunções. É um conjunto de atributos que as pessoas tem ou adquirem e que se referem a capacidade de prestação da atividade física (Caspersen et alii, 1985). Para Pate (1988) é o estado caracterizado pela: a) capacidade de realizar atividades diárias com vigor e, b) por traços e capacidades associadas ao risco de desenvolvimento prematuro de doenças hipocinéticas. Já para a AAHPERD (1988), que aprimora sua definição anterior, aptidão física é um estado físico de bem estar que permite às pessoas realizar as atividades diárias com vigor e reduzir os problemas de saúde relacionados com a falta de exercício. Proporciona uma base de aptidão para a participação em atividades físicas. Safrit (1990), define como sendo um

construto multifacetado. Para Marsh (1993), É um construto multidimensional que não pode ser compreendido se a sua multidimensionalidade for ignorada.

Para Pate e Shephard (1990), o problema da definição de aptidão física coloca-se em função da necessidade de operacionalização, por isso, deve:

- a) Referir-se às capacidades funcionais requeridas pelo envolvimento confortável e produtivo nas tarefas do quotidiano, sendo aplicável à maioria das pessoas;
- b) Ser consistente com o corpo atual do conhecimento baseado em relações cientificamente estabelecidas e, por isso, incluir a manifestação de benefícios para a saúde que advêm de um grau elevado de atividade física.
- c) empregar uma linguagem clara que seja facilmente operacionalizável pelos professores de educação física.

O conceito de aptidão física deve ser visto de maneira multifatorial, onde devemos identificar com clareza as suas dimensões ou componentes (Maia, 1989). Embora a complexidade deste construto não permita determinar de forma segura uma estrutura da aptidão física, a tendência atual

é a de apresentar-se as suas componentes em dois grupos: 1) que se refere à saúde e 2) que se refere à performance.

Com a intenção de estabelecer diferenças em termos operacionais entre aptidão física para a performance e aptidão física relacionada com a saúde, Carperson et alii (1985), propõe um conceito de aptidão física integrando onde: 1) como componentes da aptidão física associada a saúde encontram-se: a) aptidão cardiorrespiratória; b) resistência muscular; c) força muscular; d) composição corporal e e) flexibilidade. 2) Como componentes da aptidão física associada ao rendimento encontram-se: a) agilidade; b) equilíbrio; c) coordenação; d) velocidade; e) potência e f) tempo de reação.

Pate (1988) propõe a adoção de três grupos de componentes que são:

- 1) **condição física**, que se refere às capacidades estritamente funcionais, as quais fazem parte: a) força muscular; b) resistência muscular e c) resistência cardiorrespiratória.
- 2) **Aptidão física** associada à saúde, que se refere às capacidades e traços associados à prevenção e desenvolvimento prematuro de doenças hipocinéticas, que são: a) força muscular; b) resistência muscular; c) resistência cardiorrespiratória; d) flexibilidade e e) composição corporal.
- 3) **Rendimento motor**, que seria o conceito amplo dos três

definido como a capacidade de desenvolver atividades físicas vigorosas, incluindo as desportivas, que são: a) capacidade aeróbica; b) velocidade; c) força muscular; d) resistência muscular; e) resistência cardiorrespiratória; f) flexibilidade e g) agilidade.

Considerando que a maior causa de morte em muitos países industrializados provem de doenças cardio-vasculares e as investigações tem sugerido que a aptidão física e a atividade física exercem um efeito positivo sobre os fatores de risco destas doenças o que provoca uma relação bastante consistente entre aptidão física e saúde. Dessa maneira o conceito de aptidão física passa a integrar, como sua componente, um grupo de indicadores metabólicos, tais como: pressão arterial, perfil lipoproteico e a tolerância à glicose. Este grupo de componentes é hoje denominado de Aptidão Fisiológica ou Metabólica (Bouchard et alii, 1988, Bouchard e Shephard 1993 e Malina, 1993).

A preocupação com a saúde e o bem-estar e a sua relação com a aptidão física, tem sido uma constante, traduzida por diversos programas de desenvolvimento do valor físico das populações em geral particularmente

das crianças e jovens (AAHPERD, 1980, Kemper e Verschuur, 1985, EUROFIT, 1988).

Nos Estados Unidos, se observa esta tendência pela transformação do American Alliance for Health Physical Education Recreation and Dance (AAHPERD) Fitness Test, no Health Related Physical Test. Atuando de 1957 a 1976, apesar das constantes modificações, a AAHPERD promoveu uma bateria de testes única, relacionando aptidão física com rendimento. Porém em 1980 esta organização criou uma nova bateria de testes, distinguindo dois programas, um relacionando aptidão física com rendimento motor e outro relativo à saúde. Apesar de apresentarem grandes incertezas, baseiam-se em evidências científicas atuais.

Na bateria da AAHPERD, as componentes que integram a aptidão física relacionada com a saúde são: a resistência cardiovascular, a flexibilidade, a resistência muscular e a composição corporal. As componentes que integram a aptidão física associada ao rendimento motor, fazem parte, além das anteriormente citadas, a velocidade, potência muscular e agilidade, menos a composição corporal.

A bateria EUROFIT (1988) apresenta uma estrutura centrada na performance, embora contenham quase todos os itens das baterias centradas na saúde. Os itens da bateria relacionados com a performance, são: coordenação, potência, resistência cardiorrespiratória, força, resistência muscular, medidas antropométricas, agilidade, velocidade e equilíbrio. Os itens da bateria relacionados com a saúde, são: resistência cardiorrespiratória, força, resistência muscular, medidas antropométricas e agilidade.

A bateria de testes FACDEX (1991), apresenta uma estrutura semelhante à Eurofit. Os seus componentes são: resistência, flexibilidade, força (superior, abdominal e inferior), velocidade e coordenação/agilidade.

O PRODESP (1995), Projeto desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresenta um bateria de testes aos moldes do FACDEX, apenas com o acréscimo do item “velocidade de reação”, além de alterações na estrutura de alguns testes.

Deste modo, em forma de síntese, traçaremos a seguir, alguns aspectos que permitem evidenciar e delimitar a estrutura da aptidão física de uma forma mais ou menos operacional.

1- Aparecem como elementos centrais da aptidão física os seguintes itens: (força, velocidade, resistência, flexibilidade, coordenação-agilidade, equilíbrio e composição corporal.

2- Existe uma grande semelhança em todas as baterias de testes no que refere às componentes que pretendem medir:

a) No domínio da saúde, as componentes resistência cardiorrespiratória e força abdominal são comuns a todas as baterias. A flexibilidade foi avaliada em cinco baterias de testes (AAHPERD, 1980; 1988; EUROFIT, 1988; FACDEX, 1991 e PRODESP, 1995) e a composição corporal em três (AAHPERD, 1980; 1988 e EUROFIT, 1988).

b) No domínio da performance, a força superior foi identificada como uma importante componente da aptidão física em sete baterias de testes (AAHPER, 1958; 1965; 1976; AAHPERD, 1988; EUROFIT, 1988; FACDEX, 1991 e PRODESP, 1995). A agilidade e força inferior foram utilizadas em seis baterias (AAHPER, 1958; 1965; 1976; EUROFIT, 1988; FACDEX, 1991 e PRODESP, 1995) e a velocidade em cinco (AAHPER, 1958; 1965; 1976; EUROFIT, 1988, FACDEX, 1991 e PRODESP, 1995).

c) As componentes cardiorrespiratória e força abdominal são comuns a todas as baterias.

3- Os testes utilizados na medição das componentes da aptidão são muito semelhantes.

a) O “sit up’s” é utilizado para medir a força abdominal em todas as baterias apenas diferindo em alguns critérios : número máximo de repetições, número máximo em 30 seg ou o número máximo em 60 seg.

b) As corridas de longa duração são os testes mais usados na avaliação da resistência cardiorrespiratória, variando a distância ou o tempo em alguns casos.

c) As dobras cutâneas de tríceps e perna foram as medidas utilizadas por todas as baterias que avaliaram a composição corporal. O índice de massa corporal é apresentado como opção na AAHPERD (1988).

d) A elevações na barra ou o tempo de suspensão com os braços flexionados foram os testes mais utilizados na avaliação da força superior. Caso particular, as baterias AAHPER (1958;1976); FACDEX (1991), que apresentam os testes de lançamento de softball/ bola de hóquei em campo e

ainda o teste de arremesso do peso de 2 Kg e o caso da bateria do PRODESP (1995) que apresenta o teste de força de preensão manual na medição desta componente.

e) Os testes de corrida de curta distância (20 ou 45,9 ou 50m), corrida vai-vem (shuttle run ou 10x5m), salto em distância sem corrida preparatória e “sit and reach” foram utilizados por todas as baterias de testes na medição das restantes componentes da aptidão: velocidade, agilidade, força inferior e flexibilidade, respectivamente.

2.3.2 - Aptidão Física em diferentes populações

A determinação dos indicadores objetivos da aptidão física em suas populações é uma preocupação antiga de europeus e americanos.

As primeiras normas no campo da aptidão física foram construídas por Oseretzky (1931) estudando a população Russa.

Os estudos nesta área tem se caracterizado de forma que os resultados se apresentam em tabelas por idade e sexo normalmente em escalas percentílicas.

Uma evolução desta primeira fase foi o surgimento de estudos onde se comparam populações diferentes, onde se destaca o trabalho de Kraus e Hirshland (1954) que contrastava a população europeia com a americana, com os resultados apontando níveis inferiores das crianças americanas em força e flexibilidade. Fato que levou os americanos a alterações políticas no campo da educação física, do desporto e da saúde, criando meios de investigações, modificando programas educacionais e criando campanhas para a promoção da atividade física. Estes fatos despertaram a preocupação e a conseqüente implementação destas decisões políticas em outros países, daí o surgimento de um grande número de baterias de testes que expressaram uma preocupação com a relação aptidão física e saúde (Baterias de testes já citadas anteriormente).

2.3.3 - Alguns dos principais estudos no domínio da aptidão física nos países europeus

Na Bélgica, Ostyn et alii (1980) estudaram o desenvolvimento motor e somático das crianças e jovens das escolas secundárias belgas com idades compreendidas entre 12 e 20 anos com uma amostra de 21174 rapazes.

Na França, Szczesny (1984) avaliou a aptidão física das crianças francesas com idades entre os 7 e 14 anos com uma amostra de 1583 meninos e 1328 meninas, utilizando a bateria de testes BAP (Brévet d'Aptitude Physique).

Kemper (1986) na Holanda analisou o crescimento e saúde dos adolescentes, com uma amostra de 102 meninos e 131 meninas.

Também na Holanda Van Mechelen et alii (s.d.) construíram escalas de referência Eurofit em crianças holandesas com idades compreendidas entre 12 e 16 anos.

Em Portugal as investigações neste campo provavelmente iniciaram com Paula Brito et alii (1972) com o estudo “Sondagen sobre a condição física (performance) da população escolar feminina portuguesa de 11, 13 e 15 anos”, este estudo teve como objetivo contribuir para o estabelecimento de uma base de dados, cuja finalidade era de realizar estudos comparativos e avaliar a sua comparação através de estudos longitudinais. A amostra tem um total de 20000 crianças e jovens e abrange diferentes níveis sócio económicos da população escolar de 10 zonas diferentes do país. Foi utilizada uma bateria de testes adaptadas da AAHPER e os resultados são

apresentados em tabelas percentílicas, embora sem qualquer análise e discussão dos mesmos.

Mais recentemente, Nunes et alii (1981), com o objetivo de conhecer o adolescente escolar, numa tentativa de intervir na orientação desportiva do país, com o trabalho “caracterização do adolescente escolar - avaliação da condição física” utilizando uma amostra de 6708 indivíduos de ambos os sexos com idades de 13 a 17 anos. Como bateria de testes, utilizou um esboço inicial da bateria Eurofit. Os resultados são expressos em tabelas por prova, idade e sexo. É efetuada uma breve análise dos resultados obtidos além de um estudo comparativo entre os dois sexos. Concluiu-se que os rapazes apresentam melhores resultados que as meninas em todas as provas e idades com exceção da flexibilidade.

Sobral (1986; 1989) Procurou descrever o estado de crescimento e aptidão física da população escolar dos Açores com idade entre 10 e 15 anos. Com uma amostra de 1008 indivíduos divididos em 531 meninos e 477 meninas, onde se observou diversas variáveis dos domínios somático e motor. Os resultados são apresentados em tabelas por sexo, grupo etário e

comparados com outras populações: belga, espanhola, islandesa e ainda com a população continental portuguesa.

Os perfis comparados apontaram melhores desempenhos dos açorianos (masculino e feminino) nas provas de força explosiva dos membros superiores em relação aos jovens belgas da mesma idade e sexo e quase coincidente na prova de força explosiva dos membros inferiores. Os islandeses apresentaram níveis de desempenho superiores em relação aos açorianos. Em relação a população espanhola, os valores obtidos na prova de “sit-up’s” são semelhantes nas duas populações, à exceção no grupo etário de 15 anos onde os espanhóis apresentam valores mais elevados.

Marques et alii (1992) com o projeto FACDEX - Desenvolvimento Somato-Motor e Fatores de Excelência Desportiva na População Escolar Portuguesa pretenderam, assim como Sobral (1986; 1989) conhecer os níveis de capacidades motoras da população escolar portuguesa que pratica desporto escolar. A amostra é constituída por 212 pessoas de ambos os sexos (133 do sexo masculino e 79 do sexo feminino) de 11 a 14 anos que praticam desporto escolar em 9 escolas preparatórias e secundárias do

grande Porto. Os testes aplicados foram selecionados do Eurofit e da experiência de Sobral (1986; 1989) nos Açores.

O projeto FACDEX foi concebido em duas vertentes: a primeira orientada para a caracterização do estado de crescimento e de maturação, a segunda centrada nos fatores de excelência desportiva de natureza motora, sócio-cultural e motivacional (Sobral, 1993). O quadro das variáveis contemplam os domínios: somáticos (antropométricos e maturacionais); aptidão física; coordenação sensório motora; avaliação postural; estilo de vida e atividade física habitual; educação da saúde e conceito do corpo e a motivação para a prática desportiva.

Os resultados da aptidão física são apresentados em quadros por prova, classe de idade e sexo com uma análise da evolução dos resultados por sexo e intra-sexos em cada prova. após são feitas comparações com outras populações : americana, belga, canadense, francesa, holandesa e portuguesa.

As conclusões são divididas em tres domínios: 1) a evolução dos resultados com a idade; 2) comparação entre sexos; 3) comparação com outras populações. Foram obtidas melhores marcas na prova de corrida de

12 minutos em relação à população americana (AAHPERD, 1980) e francesa (Szczesny, 1984) e a melhoria dos resultados deste estudo relativamente a outros realizados em Portugal, nas provas de: corrida de 50m em relação a estudos de Nunes et alii (1981), salto em distância sem corrida de impulsão e dinamometria de mão em relação a estudos de Sobral (1986; 1989).

Na região Autónoma da Madeira, Freitas (1994) adotou os testes utilizados no projeto FACDEX (Marques et alii, 1992). A sua amostra é constituída por 583 alunos de ambos os sexos do 2º e 3º ciclos do ensino básico, com idades compreendidas entre 11 e 15 anos, de oito escolas da Madeira e uma do Porto Santo. Como resultado, encontrou diferenças em cada ítem em função da idade e sexo. A comparação com estudos realizados no contexto nacional e internacional sugere que: 1) os madeirenses de ambos os sexos apresentam em todos os escalões etários, uma tendência geral para resultados inferiores nos testes “sit and reach” e salto em distância sem corrida de impulsão. O mesmo é válido para o teste de lançamento da bola de hóquei nos rapazes e corrida de 12 minutos nas meninas; 2) os valores médios alcançados pelos jovens madeirenses nos testes “sit up’s” e dinamometria de mão situam-se numa posição mediana e

3) os resultados apresentados pelos jovens madeirenses de ambos os sexos nas provas de arremesso de peso de 2 Kg e corrida de 50 m são muito similares. Situação idêntica é constatada na prova de lançamento da bola de hoquei nas meninas.

2.3.4 - Estudos no domínio da aptidão física na Austrália e Nova Zelândia

Na Nova Zelândia, Nocac (1957) realizou a avaliação da capacidade física da população Escolar neo-zelandesa com idades compreendidas entre os 6 e 17 anos, com uma amostra de 6621 utilizando a bateria de Kraus Weber.

Mc Caughan (1974) também na Nova Zelandia, avaliou 8692 rapazes com idades entre 13 e 17 anos, utilizando uma bateria de testes de aptidão física para as escolas.

Na Australia Pyke (1987) realizou a avaliação da aptidão física das crianças australianas de ambos os sexos com idades compreendidas entre os

7 e 15 anos, utilizando a bateria AHAFS (Australian Health and Fitness Survey).

2.3.5 - Estudos no domínio da aptidão física nos países da america do norte

AAHPER (1976) - “Yout Fitness Test” nos Estados Unidos, com um estudo onde apresenta tabelas baseadas nos resultados dos vários testes da bateria, em crianças e jovens com idades entre os 9-10 anos e 17 e mais.

Manitoba Departement of Education (1977), no Canadá, “Manitoba Physical Fitness Performance test and Fitness Objectives” com o estudo sobre aptidão e estilo de vida das crianças canadenses com idades entre 5 e 19 anos.

Nos Estados Unidos a AAHPERD (1980) com o estudo “Health Related Physical Fitness Test” onde apresenta tabelas baseadas em resultados de 12000 crianças e jovens de 5 aos 18 anos de idade em escolas de 13 estados norte americanos.

No Canadá o Canada Fitness Survey (1983), com o estudo “Canadian Youth and Physical Activity” com uma amostra de 15519 indivíduos com idades entre os 7 e 69 anos.

Ross e Gilbert (1985) nos Estados Unidos, realizaram o estudo sobre o estado de aptidão das crianças e jovens dos Estados Unidos e padrões de participação na atividade física. Utilizaram uma amostra de 8800 indivíduos de ambos os sexos com idades compreendidas entre 10 e 17 anos.

2.3.6 - Estudos no domínio da aptidão física nos países africanos

No Egito, Elnashar et alii (1984), realizaram um estudo sobre o estado de aptidão física das crianças egípcias com idades entre os 9 e 18 anos, sendo 339 do sexo masculino e 311 do sexo feminino utilizando a bateria da AAHPER - “Youth Fitness Test” 1976.

Na África do Sul, Goslin et alii (1986) realizaram a avaliação da aptidão física das crianças de ambos os sexos das escolas secundárias com uma amostra de 222 indivíduos (98 brancos, 92 mestiços e 32 negros).

Em Moçambique, Prista (1994) Realizou um estudo sobre a influência da atividade física e dos fatores sócio-econômicos sobre as componentes da estrutura do valor físico relacionadas com a saúde, com uma amostra de 593 indivíduos, sendo 277 do sexo masculino e 316 do sexo feminino.

2.3.7 - Estudos no domínio da aptidão física no Brasil

No Brasil, provavelmente um dos primeiros estudos nesta área tenha sido desenvolvido por Mazzei (1964), com 28528 alunos de ambos os sexos do ensino de grau médio em idades de 10 a 17 anos submetidos aos teste de Kraus e Weber encontrando um índice de fracasso de 63,5%. Camargo Neto (1976), em estudo com 1000 alunos de 1º a 8º série de escolas estaduais de Porto Alegre analisando a capacidade muscular mínima e a flexibilidade frente aos testes de Kraus e Weber encontrando um índice de fracasso de 57,7%. Barbanti (1982), submetendo um grupo de aproximadamente 2200 crianças de ambos os sexos, com idades entre 6 e 14 anos, pertencentes à rede oficial de ensino do município de Itapira, em São Paulo, a uma rotina de avaliação que envolveu medidas cineantropométricas e aptidão física. Embora este estudo não tenha nos dado informações mais precisas para

elaborar um “design” amostral que pudesse garantir uma maior representatividade à população estudada, pelo menos tornou-se possível a proposição dos primeiros valores normativos referenciais brasileiros a respeito de desempenho motor.

Outro estudo no âmbito nacional foi o desenvolvido por Dorea (1990), com aproximadamente 1700 crianças de ambos os sexos, de 7 a 12 anos de idade, pertencente à rede escolar do município de Jequié, na Bahia. No referido estudo se observa que apenas se limitou a analisar crianças no período pré-púbere, não se preocupando em analisar o desempenho motor no período púbere e inicial do pós- pubere.

Matsudo (1993) realizou estudo sobre a aptidão física nos países em desenvolvimento: Caracterização da população brasileira em diferentes faixas etárias, níveis de nutrição e atividade física, com uma amostra de 1500 indivíduos de ambos os sexos com idades entre os 7 e 18 anos.

Guedes (1994), através de uma abordagem transversal, analisou o comportamento das variáveis que procuram evidenciar as características de crescimento, composição corporal e desempenho motor em crianças e adolescentes pertencentes ao município de Londrina (PR), estabelecendo um

paralelo com informações existentes na literatura a respeito deste assunto. Onde concluiu que as crianças e adolescentes de Londrina (PR), possuem índices inferiores no que tange ao crescimento e também nos aspectos motores, quando comparados com os americanos. Em relação ao Brasil Guedes encontrou resultados similares quanto as variáveis de crescimento e composição corporal e quanto ao desempenho motor, constatou discretas vantagens favorecendo a população de Londrina.

O Projeto Desporto (PRODESP) realizado por Gaya et alii (1996), realiza um estudo com escolares de 7 a 14 anos nos municípios de Porto Alegre, Arroio dos Ratos, Santa Cruz do Sul e Esteio no Estado do Rio Grande do Sul, além dos jogos da juventude em Curitiba, Paraná (810 crianças e adolescentes). Seus dados, ainda preliminares, estão publicados em (livro, revista movimento e perfil).

O presente estudo, inserido no Projeto Desporto (Gaya, 1995) adota a bateria de testes do PRODESP para a avaliação da aptidão física.

3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 - População

A população é constituída de todos os alunos da escolinha do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (1000 alunos) com idades entre 10 e 14 anos, subdivididos em dois grupos: Grupo 1- Nível de prática 1 (NP1), composto por crianças e adolescentes que treinam uma vez por semana e participam de um campeonato interno durante o ano. Grupo 2 - Nível de prática 2 (NP2), composto por crianças e adolescentes selecionados a partir do grupo 1 para as equipes de competição, treinam três vezes por semana e participam de competições fora do âmbito do clube (competições regionais, nacionais e internacionais).

3.2 - Amostra

A amostra selecionada é do tipo causal, sendo constituída por 345 alunos do sexo masculino matriculados na escolinha de futebol do Grêmio Fot-Ball Porto Alegrense (GFBPA) com idades compreendidas entre 10 e 14 anos. A amostra contém dois grupos: o grupo 1 que pertence ao nível de

prática 1 (NP1) constituída por 233 alunos e o grupo 2 que pertence ao nível de prática 2 (NP2) com alunos que praticam futebol, selecionados a partir do grupo 1 para as equipas de competição, constituída por 112 alunos.

Fizeram parte da amostra todos os alunos que participavam regularmente dos treinamentos semanais da escolinha e contém 34,5% da população.

Para definição do grupo etário foi considerado o intervalo de idades cujos limites correspondem ao ano completo e aos seis meses anteriores e ao ano completo e aos cinco meses posteriores (Eveleth e Tanner, 1990). Os indivíduos testados estão assim distribuídos por idade e nível de prática (tabela 1).

Tabela 1 - Distribuição dos indivíduos por idade e nível de prática

Idade	Nível de prática 1 (NP1)	Nível de prática 2 (NP2)
10	42	20
11	41	20
12	55	24
13	54	26
14	41	22
Total	233	112

3.3 - Métodos de Abordagem

3.3.1 - Problema

São diferenciadas as características de aptidão física, hábitos de vida e motivação para a prática desportiva em crianças e adolescentes de 10 a 14 anos que praticam desporto de competição em escolinhas e clubes de futebol em relação a crianças e adolescentes de mesma faixa etária, na mesma instituição, que praticam desporto de recreação?

3.3.2 - Hipóteses

Do presente problema deduz-se a seguinte hipótese geral:

Crianças e adolescentes, na faixa etária entre 10 e 14 anos que participam de desporto de competição em escolinhas e clubes de futebol, apresentam índices de aptidão física mais elevados e, hábitos de vida e motivação para a prática desportiva diferenciados das crianças e adolescentes da mesma faixa etária participantes de desporto de recreação.

Da Hipótese Geral depende-se as seguintes Hipóteses Específicas.

a) Dos hábitos de vida

H1- As crianças e adolescentes de 10 a 14 anos que praticam desporto de competição apresentam comportamentos diferenciados no que tange ao estilo de vida e a atividade física habitual em relação às crianças e adolescentes da mesma faixa etária que praticam desporto de recreação.

b) Da motivação

H2 - As crianças e adolescentes de 10 a 14 anos que praticam desporto de competição apresentam níveis mais elevados de motivação para a prática desportiva em relação as crianças e adolescentes da mesma faixa etária que praticam desporto de recreação.

c) Da Aptidão física

Crianças e adolescentes na faixa etária de 10 a 14 anos que praticam desporto de competição apresentam índices mais elevados de aptidão física do que crianças e adolescentes da mesma faixa etária praticantes de desporto de recreação.

Os níveis de aptidão física compreendem 8 testes:

H3 - Mobilidade da coluna lombar e isquio-tibiais.

H4 - Velocidade de deslocamento.

H5 - Força explosiva dos membros inferiores.

H6 - Agilidade.

H7 - Força de preensão manual.

H8 - Resistência muscular localizada dos músculos abdominais.

H9 - Velocidade de reação.

H10 - Resistência geral.

3.3.3 - Variáveis

Tendo em vista as hipóteses formuladas torna-se necessário definir operacionalmente as seguintes variáveis.

1- Desporto de recreação (NP1) - É a prática de futebol onde as crianças e adolescentes, organizados em grupos por faixa etária, participam de atividades recreativas, objetivando a prática do futebol, por duas horas, uma vez por semana, além de participarem de um campeonato interno inter-grupos nos finais de semanas.

2 - Desporto de competição (NP2) - É a prática de futebol em escolinhas ou clubes onde as crianças e adolescentes, organizados em equipes, participam de treinamento, sistematizados (físico, técnico e tático) por duas horas, três vezes por semana, além de participarem de competições

em nível estadual, nacional e internacional. (Escolinha do Grêmio foot-Ball Porto Alegrense).

3 - Hábitos de vida e prática desportiva - Configura-se no perfil das crianças e adolescentes de 10 a 14 anos delineando a partir do inventário EVIA (Estilo de vida e atividades físicas habituais) adaptado para o Brasil por (Santos e Cardoso, 1995). (Anexo 1).

4 - Motivação para a prática desportiva - Será avaliado através do inventário MOT-PRODESP (Cardoso, 1995). (Anexo 2)

5- Aptidão Física - São os indicadores da expressão das capacidades físico-orgânicas e motoras através dos testes de aptidão física PRODESP (Projeto Desporto) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (Gaya, 1995) que por sua vez baseiam-se nos testes aplicados no FACDEX (Desenvolvimento Somato-Motor e Fatores de Excelência desportiva na População Escolar Portuguesa), testes estes que foram criados a partir de propostas do EUROFIT (Conselho da Europa, 1988), da adaptação desta proposta em estudos anteriores em Portugal (Nunes et ali., 1981) e outros realizados no território nacional (Portugal) por (Sobral, 1986, 1989; Marques, 1988). Deste modo os testes que indicam as variáveis mais comuns para o preenchimento da estrutura da Aptidão Física são:

a) Mobilidade Articular - Índice de flexibilidade da coluna vertebral e tensão dos músculos dorso-lombares e isquio-tibiais medido através do teste “senta e alcança” (sit and reach).

b) Força de preensão manual- nível de força estática da mão em Kgf, medida através de um dinamômetro manual .

c) Resistência muscular localizada dos músculos abdominais - Número de repetições em um minuto no teste “sit up’s”.

d) Força Explosiva dos Membros Inferiores - Distância atingida na prova do teste de salto em comprimento sem corrida preparatória e com os pés juntos.

e) Velocidade - Melhor índice de tempo atingido para percorrer a distancia de 20 metros rasos.

f) Agilidade - Tempo atingido para percorrer “10 x 5m” com mudança de direção.

g) Velocidade de reação - Reação ao estímulo dado no menor tempo possível através do teste da régua de 50cm.

h) Resistência cardiorrespiratória - Distância percorrida em 9min de corrida.

3.3.4 - Os testes

Os testes aplicados correspondem aos da bateria PRODESP (Gaya et alii., 1995). São apresentados 8 testes para avaliar as seguintes capacidades motoras: força, agilidade, flexibilidade, resistência, velocidade de reação e velocidade de deslocamento.

Os testes e os objetivos são sintetizados na tabela 2

Tabela 2 - Testes de Aptidão Física e objetivos (PRODESP, Gaya et Alii., 1995)

Testes	Objetivos
Sit Up's (60'')	Força- resistência dos músculos abdominais
10 x 5m	Agilidade
Hand Grip	Força de preensão manual
Sit and Reach	Mobilidade da coluna vertebral
Corrida de 9 min	Resistência aeróbica
Salto em distância sem corrida preparatória	Força explosiva dos membros inferiores
Velocidade de Reação	Velocidade de reação ao estímulo visual
Corrida de 20m	Velocidade

3.3.5 - Instrumentos

para a realização dos testes de aptidão física foram utilizados os seguintes instrumentos:

a) Para a determinação da força de resistência dos músculos abdominais foi realizado o teste de "sit ups" 60 em segundos. A partir da posição decúbito dorsal, braços cruzados sobre os peitorais, joelhos fletidos

a 90 graus, pés apoiados no solo, pelo avaliador efetuar em 60 segundos o maior número de flexões do tronco, tocando com os cotovelos nos joelhos.
material: Um colchonete de ginástica e um cronômetro.

Obs.: O resultados serão expressos em número de movimentos por minuto.

b) Para determinação da agilidade foi utilizado o teste de corrida de mudança de direção de 10 X 5 m, consiste em correr o mais rápido possível, partindo da posição de pé, com um pé mais avançado, imediatamente atrás da linha de partida, deslocando-se até a outra linha, transpondo-a com ambos os pés e voltando até a linha de partida até completar cinco ciclos ou dez percursos. Será considerado o tempo de percurso.

Material: Um cronômetro, giz, uma fita métrica.

Obs.: O comprimento das linhas de partida e chegada devem ter 120cm;

Cada aluno deve transpor a linha de chegada e de partida e não sair do corredor traçado;

Após cada ciclo, efetuar a sua contagem em voz alta;

O teste termina com a transposição de um pé da linha de chegada;

O resultado será expresso em segundos e décimos de segundos.

c) Para a determinação da força de preensão manual foi utilizado o teste de “Hand Grip”. O teste consiste em segurar o dinamômetro com a mão dominante, afastar levemente o dinamômetro do corpo e fazer pressão de forma progressiva e contínua, mantendo-a durante 2 segundos. Fazer duas tentativas e considerar a melhor.

Material: Um dinamômetro manual com punho adaptável.

d) Para a determinação da mobilidade da coluna lombar e tensão dos músculos isquio-tibiais, foi utilizado o teste “sit and reach”. Utilizando o banco de Wells, o indivíduo ao ser testado, na posição sentado, com as pernas estendidas deverá alcançar com as mãos o mais longe possível à frente, sendo que o nível das pontas dos pés é considerado como sendo 15 pontos cada aluno executa duas tentativas, sendo considerado o melhor índice.

Material: Um banco de Wells.

e) Para a estimativa da capacidade cardiorrespiratória (resistência aeróbica), foi efetuado o teste de 9 minutos que consiste em correr ou andar 9 minutos percorrendo a maior distância possível.

Material: Um cronômetro e um apito.

Obs.: Os resultados serão expressos em metros com aproximação de dezenas.

f) Para a determinação da força explosiva dos membros inferiores foi utilizado o teste de salto em comprimento sem corrida preparatória com os pés unidos. Consiste em saltar da posição de pé o mais longe possível. Serão executados três saltos e será registrado o melhor.

Material: Uma fita métrica e giz.

g) Para a estimativa da velocidade de reação ao estímulo foi efetuado o teste de régua de 50cm. Consiste em segurar o mais rápido possível uma régua de 50cm que é suspensa na altura do polegar e indicador da mão dominante, é registrado o número em centímetros que a régua desloca-se para baixo até o aluno segurá-la com o polegar e o indicador. O aluno deverá estar sentado e com o braço apoiado.

Material: Uma régua de 50 cm e uma cadeira com apoio para o braço.

g) Para a determinação da velocidade de deslocamento foi utilizado o teste de 20 m lançados, que consiste em correr a distância de 20 m no menor tempo possível, partindo da posição alta. Será registrado o tempo em segundos e décimos de segundos.

Material: um cronômetro e uma fita métrica.

Para a determinação dos Hábitos de Vida foi utilizado um questionário com vinte perguntas EVIA (Sobral, 1992), adaptado à realidade brasileira (Torres e Gaya, 1995), (anexo 1) o qual pretende: verificar o nível de participação socio-econômica da amostra, a organização do cotidiano, a participação sócio-cultural e esportiva e identificar as possíveis diferenças nos hábitos de vida em relação aos níveis de prática recreação (NP1) e competição (NP2).

Para a análise da motivação para a prática desportiva foi utilizado um questionário (anexo 2) criado por Gaya et Silva (1996) que visa analisar os fatores motivacionais em três dimensões da motivação para a prática desportiva: 1- aspectos relacionados com a competência desportiva; 2- aspectos relacionados com a amizade e o lazer; 3- aspectos relacionados com a saúde.

3.3.6- Estudo da validade e fidedignidade dos instrumentos de coleta de dados

Para a análise da validade, foi adotado o critério de validade de conteúdo, tendo sido os instrumentos analisados por 5 experts em cada área (aptidão física, hábitos de vida e motivação) que os consideraram adequados

para os fins a que se propunha. Além disso os instrumentos foram submetidos à análise dos professores de educação física que atuam diretamente com a população estudada, tendo sido considerado adequado às crianças quanto a linguagem utilizada (questionários EVIA e Motivação) ou quanto a dificuldade na execução dos testes (aptidão física), bem como a relevância das informações passíveis de fornecer. Todavia, ainda durante o projeto piloto, considerou-se o critério de exaustividade, que proporcionou aos respondentes a oportunidade de acrescentar itens que por ventura não constassem no instrumento original (no caso dos questionários EVIA e Motivação). Desta forma, com o intuito de aprimorar os questionários foram realizadas algumas modificações, tais como: inclusão de alguns itens, exclusão de outros e modificações no enunciado de algumas questões.

A definição da fidedignidade dos instrumentos de coleta de dados da aptidão física deu-se através da realização de teste e reteste com espaçamento de 14 dias numa amostra de 64 alunos, sendo os resultados submetidos a uma análise através da correlação linear de pearson.

Tabela3 - Coeficientes de correlação intraclasse (r) para cada teste.

TESTES	r
Sit Up's (60")	0.750
10 X 5	0.871
Dinamometria da mão	0.941
Sit an Reach	0.896
corrida de 9 minutos	0.799
Salto em distância sem corrida preparatória	0.860
Velocidade de reação	0.810
Corrida de 20 metros	0.957

Os valores mais baixos de “r” foram obtidos no “Sit Up’s” (60”) (r= 0.750) e corrida de 9 minutos (r= 0.799), esses valores são aceitáveis tendo em conta o valor norma referência de r= 0.70 apresentado por Safrit e Nunally (1990). Os valores de “r” para as demais provas é elevado (r>0.810), sendo que o maior valor para “r” foi encontrado no teste de velocidade (corrida de 20 m).

Para a determinação da fidedignidade do instrumento (EVI), por se tratar de um inventário que adota, alternadamente, escalas intervalares e nominais, procedeu-se a um estudo de correlação entre teste e reteste com

espaçamento de 14 dias numa amostra de 64 alunos. Deste modo foram definidos os seguintes procedimentos: 1) Correlação linear de Pearson para itens em escalas intervalares, obtendo o índice de 0,98; 2) Análise de contingência para itens em escalas nominais, obtendo o índice de 0,90; 3) Atribuição de valores numéricos às escalas nominais e, assumindo-as como tal, aplicação do teste de correlação linear de Pearson para todo o instrumento, obtendo o índice de 0,98.

Portanto, considerando os índices obtidos, o instrumento foi considerado adequado para os fins a que se propõe.

Para testar a fidedignidade do instrumento Motivação, adaptado para a população brasileira, foi realizado teste e reteste numa amostra de 64 sujeitos com espaçamento de 14 dias. tendo em vista tratar-se de uma escala intervalar, utilizou-se a técnica de correlação linear de Pearson entre teste e reteste, tendo sido encontrado um índice de 0,94. Considerando os índices obtidos, o instrumento foi considerado adequado para os fins propostos.

3.3.7 - Procedimentos Estatísticos

Para a caracterização dos grupos amostrais foram adotadas técnicas de estatística descritiva, traçando o perfil da amostra através de médias e desvios padrão.

Para a prova das hipóteses foram adotadas para os testes de aptidão física o teste t, teste de diferenças entre médias de configuração paramétricas para dados independentes com escala intervalar (significância de 0,05). Para fins de identificação do desempenho para a prática do futebol, na perspectiva de identificar variáveis detentoras de performance, foi adotado, a análise da função discriminante.

Para a prova das hipóteses referentes aos hábitos de vida, tratando-se de escalas nominais foi adotado o teste qui quadrado de diferença entre frequências (significância de 0,05).

Para a prova das hipóteses referentes a motivação para a prática desportiva tratando-se de escalas intervalares utilizou-se a estatística descritiva (média nos valores de respostas e desvios padrão) para a configuração do perfil de cada dimensão da motivação para a prática desportiva em cada faixa etária. Para as análises inferenciais entre os níveis

de prática utilizou-se a análise de variância do tipo ONE-WAY (ANOVA), sendo que para os testes post-hoc utilizou-se o teste de Duncan. Para todas as inferências estatísticas, adotou-se o nível de significância definido em 0,05.

4 - RESULTADOS

4.1 - HÁBITOS DE VIDA

O perfil dos hábitos de vida foram analisados através do questionário EVIA (Sobral 1992), adaptado para a realidade brasileira (Cardoso e Gaya, 1995), contendo 20 perguntas (anexo 1), com o objetivo de:

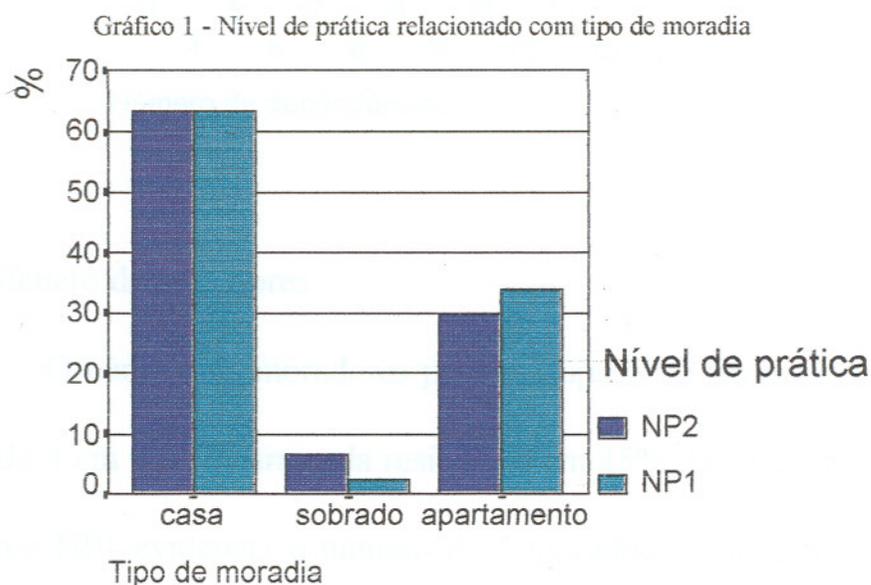
- Verificar o nível de participação sócio-econômica da amostra através da análise do tipo de moradia e número de moradores(questões de 1 a 7).
- Conhecer a organização do cotidiano referente às ocupações básicas domésticas e de lazer, a distância da residência à escola e ao clube, ao meio de transporte utilizado para esse deslocamento e aos hábitos de sono (questões de 8 a 13).
- Identificar a participação sócio-cultural e esportiva, tendo como referência os incentivos materiais espaciais e sócio-culturais (questões de 14 a 20).
- identificar as possíveis diferenças nos hábitos de vida em relação ao nível de prática (NP1 e NP2). Por se tratar de escalas nominais, foi adotado o

teste de qui quadrado de diferença entre frequências (significância de 0,05).

4.1.1- Nível de participação sócio econômica

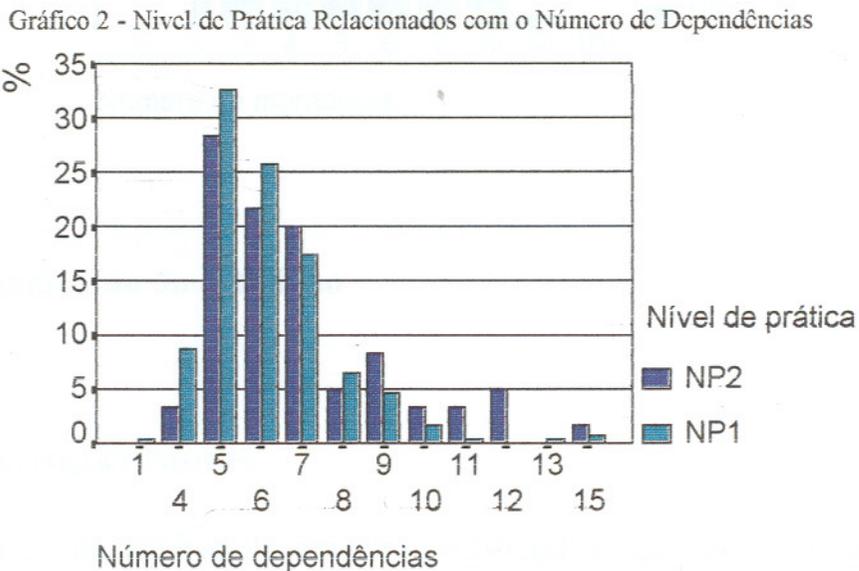
4.1.1.1- Tipo de Moradia

Constatou-se que que o tipo de moradia mais comum tanto em NP1 como em NP2 é a casa 63,3% e apenas 30% dos alunos pertencentes ao NP2 e 34,1% dos alunos pertencentes ao NP1 moram em apartamento, não havendo diferença significativa entre os grupos ($p = 0,2885$).



4.1.1.2- Número de Dependências

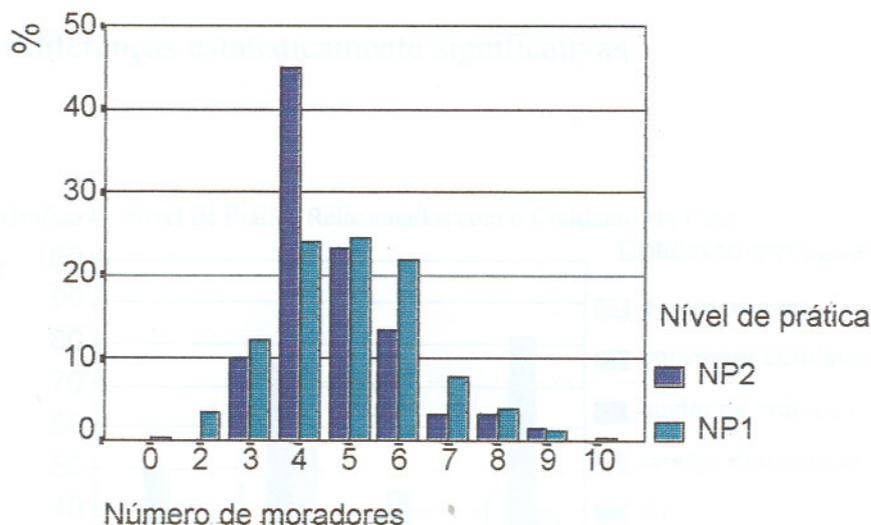
Ficou caracterizado como sendo cinco o número de dependências, que corresponde a moda, em ambos os grupos, 28,3% para o NP2 e 32,8% para o NP1, não havendo diferença estatisticamente significativa ($p=0,0767$).



4.1.1.3- Número de moradores

O número de moradores para o grupo NP2 ficou caracterizado como sendo 4 em média para cada residência em 45% da amostra, ao passo que o grupo NP1 evidencia o número de 5 moradores por residência com 24,5% da amostra, porém não houve diferença significativa entre os grupos ($p=0.1440$).

Gráfico 3 -Nível de Prática Relacionados com o Número de Moradores

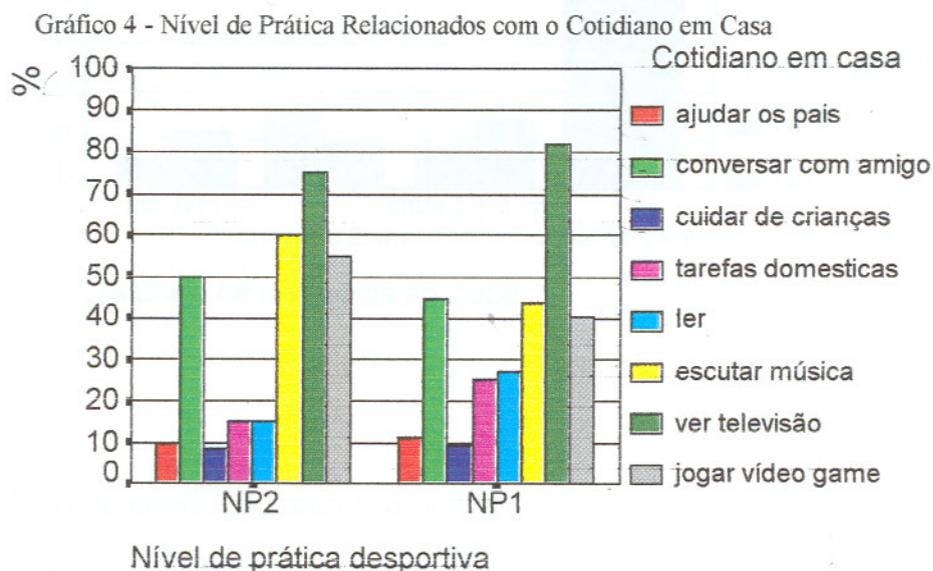


4.1.2- Organização do cotidiano

4.1.2.1- Ocupações básicas

Através da análise da amostra, verificou-se que as atividades mais executadas em casa são: ver tv; escutar música, conversar com os amigos e jogar video game enquanto que outras atividades, como: ler, ajudar os pais nas suas profissões, ajudar nas tarefas domésticas, cuidar das crianças menores ficaram num plano inferior de realização. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos itens: ler ($p=0,0461$) em prol dos alunos do grupo NP1; jogar video game ($p=0,0390$) em prol dos alunos do grupo NP2 e escutar música ($p=0,0240$) em prol dos alunos do grupo

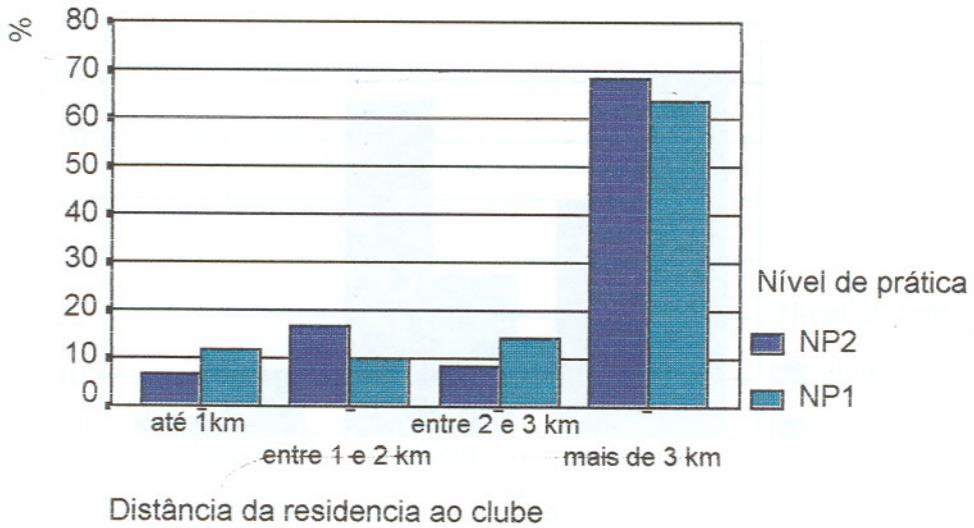
NP2. Nos demais itens de ocupações básicas executadas em casa não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.



4.1.2.2- Distância da residência ao clube

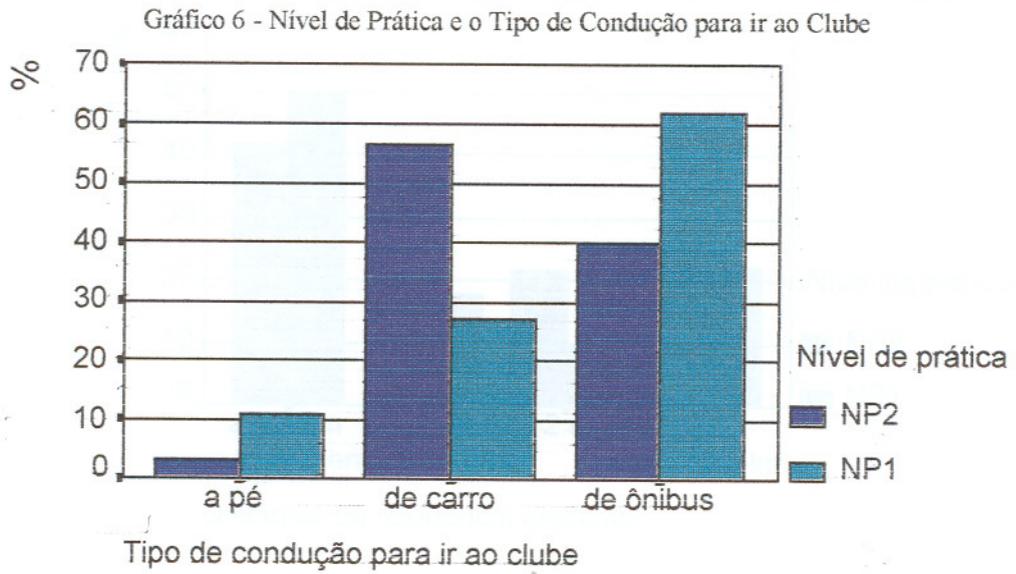
Os alunos da escolinha de ambos os grupos residem a mais de 3km do clube 68,3% e 63,8% para os alunos dos grupos NP2 e NP1, respectivamente, não havendo diferença significativa entre a ocorrência de frequência entre os grupos em todas as distâncias analisadas ($p = 0,2141$).

Gráfico 5 - Nível de Prática e a Distância da Residência ao Clube



4.1.2.3-Tipo de condução para ir ao clube

Os alunos do grupo NP2 vão de carro até o clube (56,7%) ($p=0,0000$) havendo diferença significativa entre os grupos, ao passo que os alunos do grupo NP1 vão de ônibus para o clube (62,06%) ($p=0,0021$) havendo diferença significativa entre os dois grupos. O item ir a pé ocorre em menor frequência, não havendo diferença estatisticamente significativa entre os grupos.



4.1.2.4- Distância da residência à escola

Ficou evidenciado que os alunos residem próximos da escola em que estudam (41,7%) dos alunos do grupo NP2 e (49,8%) dos alunos do grupo NP1 residem a menos de 1km da escola ($p=0,1042$), não havendo diferença significativa entre os grupos.

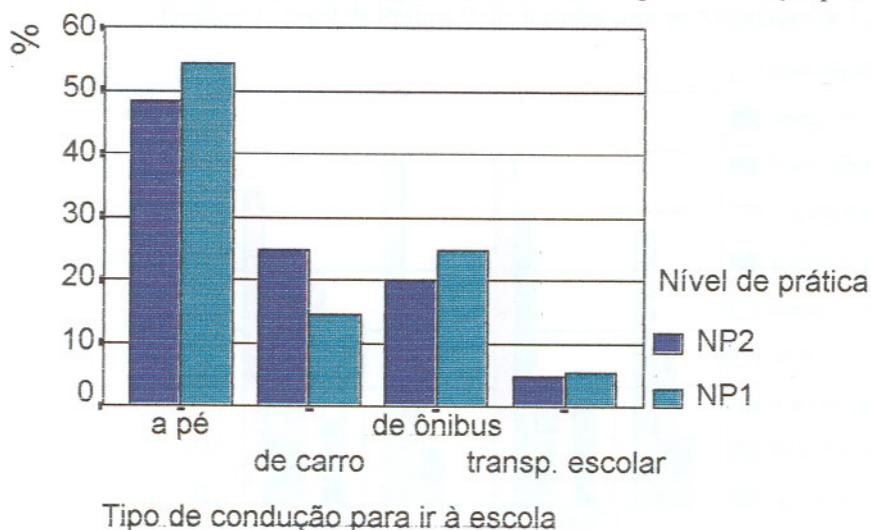
Gráfico 7 - Nível de Prática Relacionados com a Distância da Residência à Escola



4.1.2.5- Tipo de condução para ir à escola

Tanto os alunos do grupo NP2 como os do grupo NP1 deslocam-se até as suas escolas a pé (48,3%) e (54,6%), respectivamente, não havendo diferença significativa entre os níveis de prática ($p = 0,1086$).

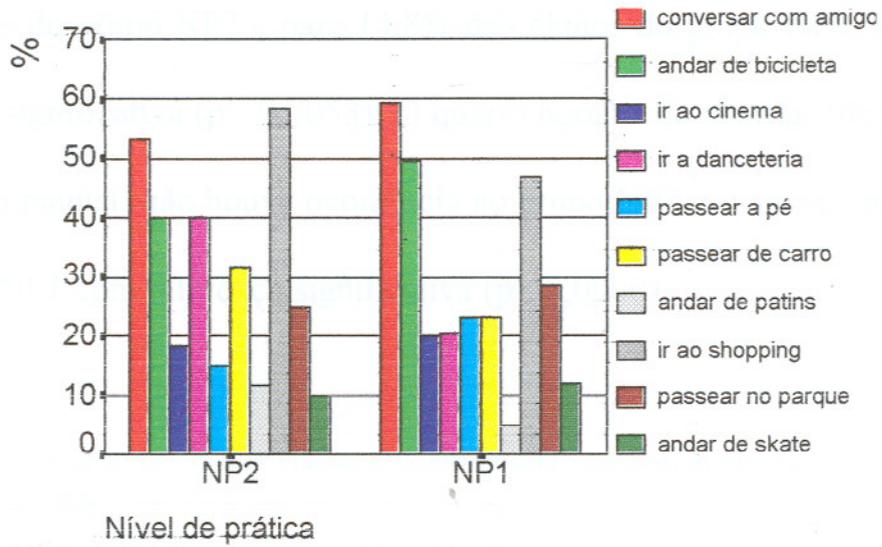
Gráfico 8 - Nível de Prática Relacionados com o Tipo de Condução para ir á Escola



4.1.2.6- Atividades de lazer

As atividades mais comuns para ambos os grupos são: conversar com os amigos, andar de bicicleta e ir ao shopping, por outro lado as atividades menos comuns foram: andar de skate, andar de patins, ir ao cinema, passear a pé e passear de carro, não havendo diferença significativa entre os grupos. Apenas no ítem ir a danceteria onde houve diferença significativa entre os grupos ($p = 0,0018$) em prol dos alunos do grupo NP2.

Gráfico 9 -Nível de Prática Relacionados com as Atividades de Lazer

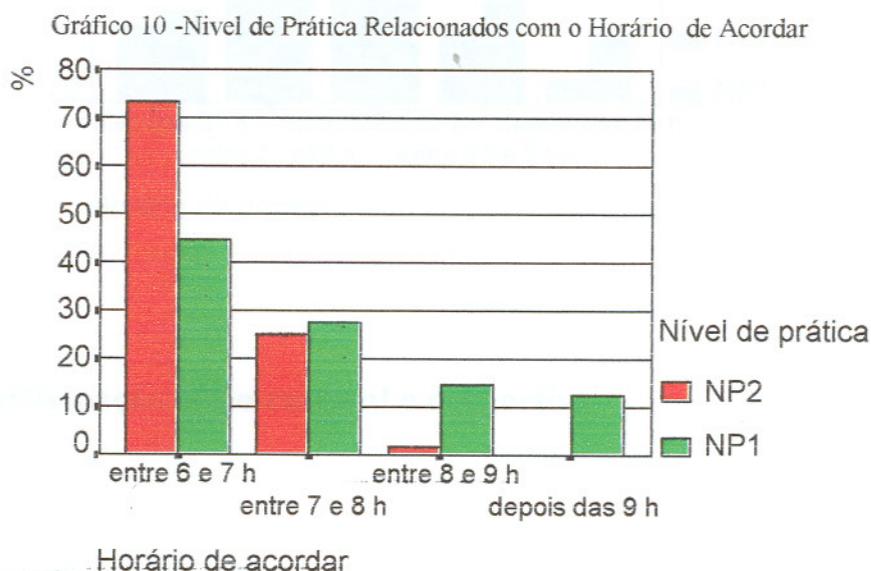


4.1.3- Hábitos de Sono

4.1.3.1- Horário de acordar

Os alunos do grupo NP2 (73,3%) e os alunos do grupo NP1 (45%) acordam entre 6 e 7 horas da manhã, houve diferença significativa entre os grupos ($p= 0,0000$), provavelmente porque todos os alunos do grupo NP2 estudam pela manhã e treinam à tarde, sem exceção e os do grupo NP1 não necessariamente. O segundo horário de acordar (entre 7 e 8 horas da manhã), não existe diferença significativa entre os grupos e ocorre para 25% dos alunos do grupo NP2 e 27,5% dos alunos do grupo NP1 ($p= 0,6965$). O

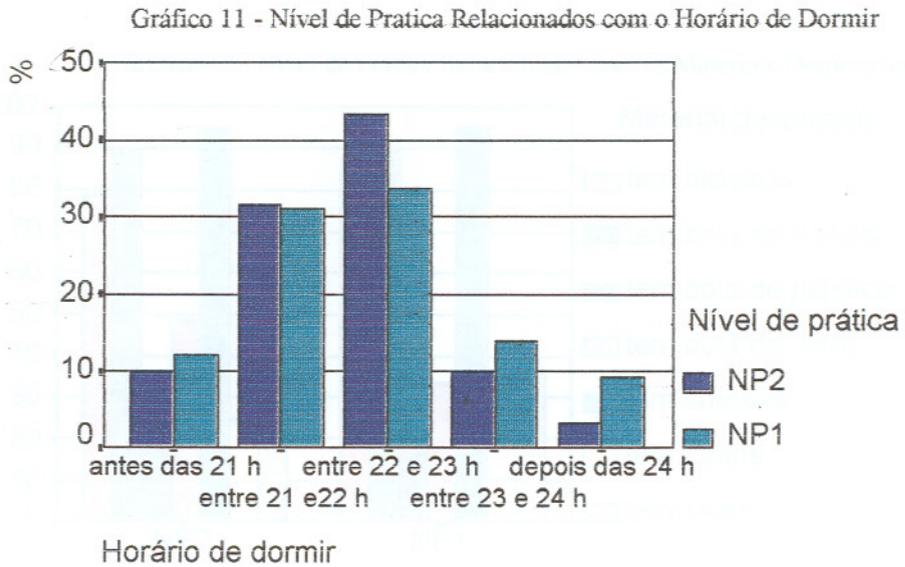
terceiro horário de acordar (entre 8 e 9 horas da manhã) ocorre para 1,7% dos alunos do grupo NP2 e para 14,8% dos alunos do grupo NP1, havendo diferença significativa ($p= 0,0053$). O quarto horário de acordar (depois das 9 horas da manhã) não houve ocorrência no grupo NP2 e ocorreu em 12,5% do grupo NP1 com diferença significativa ($p= 0,0000$).



4.1.3.2 - Horário de dormir

Ficou evidenciado que o horário de dormir tanto do grupo NP2 (43,3%) como do grupo NP1 (33,6%) situa-se entre 22 e 23h, não havendo diferença significativa entre os grupos ($p = 0,1625$). Ao confrontar o horário

de dormir com o horário de acordar constatou-se que os alunos de ambos os grupos costumam dormir em torno de 8 horas por noite.

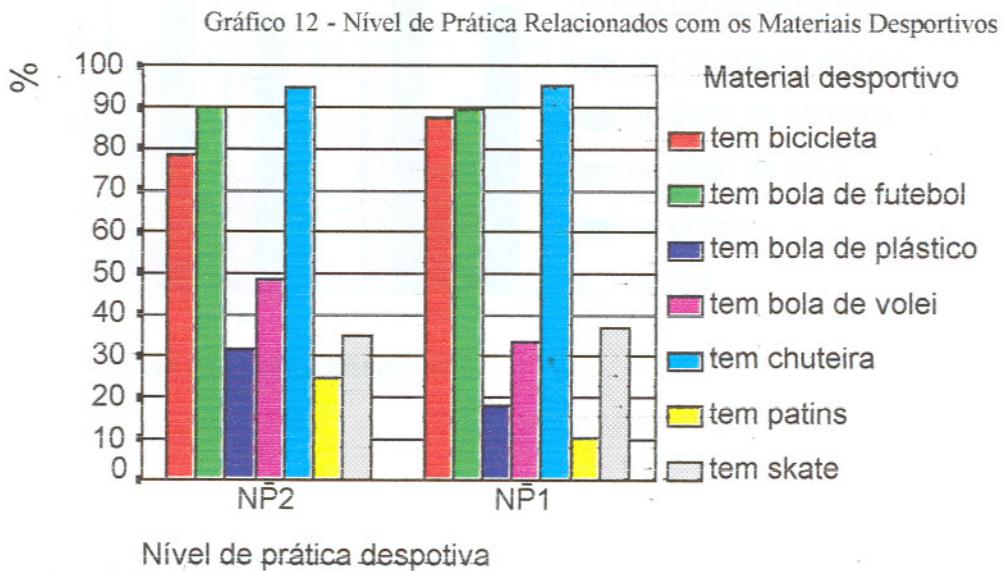


4.1.4 - Participação sócio-cultural e desportiva

4.1.4.1- Incentivos materiais

Os materiais para a prática desportiva que mais se evidenciam em ambas os grupos, são: chuteiras, bola de futebol, e bicicleta portanto, não havendo diferença significativa entre os grupos ao passo que outros materiais, como: bola de volei, patins e skates, são materiais referenciados apenas por uma minoria em ambos os grupos, havendo diferença

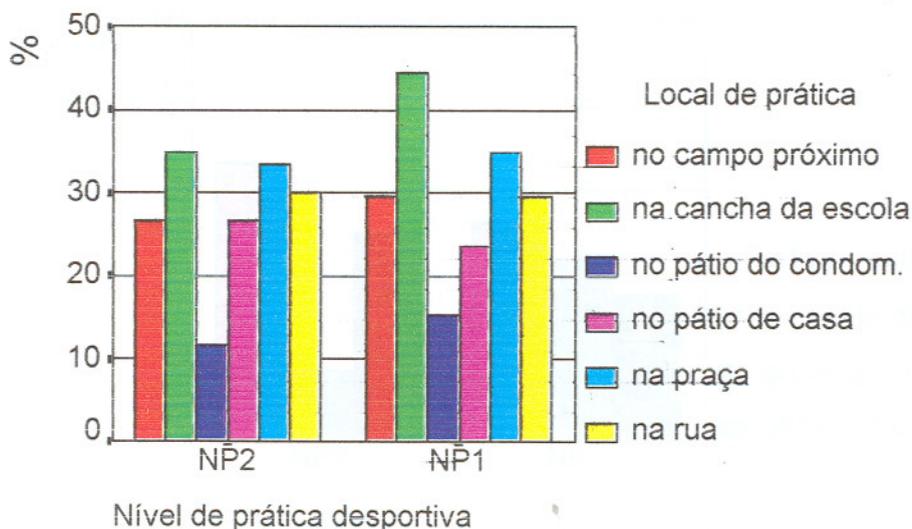
significativa somente nos itens patins ($p = 0,0033$) e bola de plástico ($p = 0,0193$).



4.1.4.2- Incentivos espaciais

A utilização dos espaços para a prática desportiva citados na pesquisa em geral são pouco utilizados pelos alunos de ambos os grupos, pois os locais onde eles mais frequentam são: o patio da escola e a praça com uma porcentagem inferior a 50%, o que possivelmente explique isso é o fato de eles praticarem desporto sistematicamente no clube. Pode-se observar, no entanto, que não ocorreram diferenças significativas na ocorrência de frequências entre os grupos diferenciados pelo nível de prática desportiva.

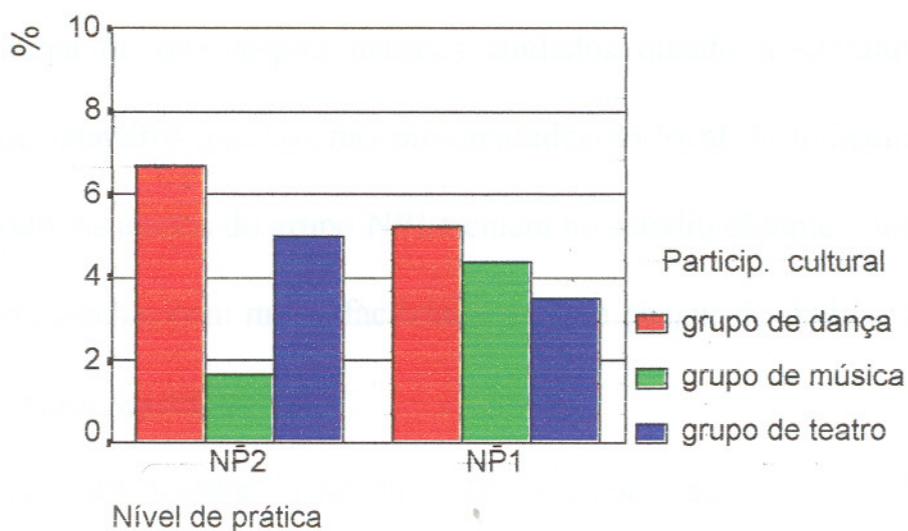
Gráfico 13 - Nível de Prática Relacionados com o Local de Prática Desportiva



4.1.4.3 - Incentivos Culturais

Os dados evidenciam que ambos os grupos (NP1 e NP2) não participam de grupos culturais (dança, música e teatro), possivelmente por estarem engajados exclusivamente na prática do futebol, o que caracteriza uma limitação e evidencia a necessidade de incentivos aos alunos para diversificarem mais as suas atividades.

Gráfico 14 -Nível de Prática Relacionados com a Participação em Grupos Culturais



4.1.5 - Considerações finais

De acordo com a análise dos dados, pode-se concluir que houve diferença significativa nos hábitos de vida entre os grupos (NP1 e NP2) da escolinha de futebol do Grêmio foot-Ball Porto Alegre somente em alguns itens, tais como:

a) “Tipo de condução para ir ao clube”, em que os alunos do grupo NP2 em sua maioria vão de carro, ao passo que os alunos do grupo NP1 vão de ônibus para os treinamentos, o que pode inferir uma diferenciação em termos de nível socio-econômico, todavia é hipótese apenas, pois isso pode ser causado pelos locais de treinamento serem diferenciados e distantes. Os

alunos do grupo NP2 treinam no bairro Cristal, local de difícil acesso de ônibus, além do que inspira maiores cuidados quanto a segurança pois ocorreram inúmeros assaltos nas proximidades do local de treinamento, de outro modo, os alunos do grupo NP1 treinam no estádio olímpico, localizado no bairro Azenha, com maior facilidade para se chegar de ônibus, além de oferecer maior segurança.

b) “Horário de acordar” pelo fato de os alunos do grupo NP2 serem obrigados a estudarem pela manhã porque os treinamentos são efetuados obrigatoriamente à tarde ao passo que os alunos do grupo NP1 podem optar pelo turno de treinamento, além de treinarem apenas um turno por semana.

c) Houve também diferença significativa nos itens “ler”, “escutar música” e “jogar video game”, onde os alunos do grupo NP2 lêem menos, escutam mais música e jogam mais video game em relação ao grupo NP1.

Nos demais itens investigados não houve diferença significativa tendo, portanto, os grupos (NP1 e NP2), apresentado o perfil dos hábitos de vida semelhantes e com as seguintes características:

a) Quanto ao tipo de moradia ficou caracterizado que moram em residências tipo casa e não em apartamento ou sobrados. essas residências possuem na

sua maioria cinco dependências constituídas de uma sala, um banheiro, uma cozinha e dois quartos onde residem quatro pessoas.

b) A distância da residência ao clube é acima de 3 Km e da residência à escola é de menos de 1 Km. Os deslocamentos para ir ao clube são feitos de carro pela categoria competição e de ônibus pela categoria recreação. Para ir à escola os deslocamentos são feitos a pé.

c) Quando estão em casa, os hábitos mais comuns são: ver televisão, conversar com os amigos, escutar música e jogar video game, ao passo que ler, ajudar nas tarefas domésticas, cuidar das crianças menores, ajudar os pais nas suas profissões faz parte do cotidiano de uma minoria da amostra estudada.

d) Em relação às atividades realizadas no exterior da residência, tais como: “conversar com os amigos”, “andar de bicicleta” e “ir ao shopping” foram as opções com maior frequência de respostas.

e) Quanto aos hábitos de sono a pesquisa indica que o horário de dormir é entre 22 e 23 h e o horário de acordar se dá entre 6 e 7 h o que caracteriza oito horas de sono diárias.

f) Os materiais esportivos mais comuns são: “chuteiras”, “bola de futebol” e “bicicleta”, os dois primeiros, obviamente por se tratar de uma amostra de alunos que praticam sistematicamente futebol.

g) Como local para a prática desportiva, o mais comum, além do campo de treinamento, é a cancha da escola onde estudam, não havendo necessidade de mais nenhum local informal, pois o seu tempo livre para a prática desportiva se esgota com a escola e com os treinamentos na escolinha de futebol.

h) A participação sócio-cultural, grupos de “dança” “teatro” e “música” se restringe a pouquíssimos alunos, evidenciando a necessidade de conduzirmos os alunos a uma diversidade maior de opções em termos de atividades culturais.

4.2 - MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DESPORTIVA

A motivação para a prática desportiva tem sido uma das variáveis importantes quando se deseja analisar o perfil de um grupo ou tecer comparações em diferentes grupos. Neste caso é de fundamental importância pelo fato de existir dois grupos de distintos níveis de prática: Grupo 1 (NP1) são crianças e adolescentes com idades que variam de 10 a 14 anos que participam da escolinha de futebol, treinam uma vez por semana e participam de um campeonato interno durante o ano; Grupo 2 (NP2) são crianças e adolescentes de mesma faixa etária selecionados a partir do grupo 1 para as equipes de competição, treinam três vezes por semana e participam de competições fora do âmbito do clube (competições regionais, nacionais e internacionais), ambos na mesma instituição (Grêmio Foot-Ball Porto Alegre).

O nosso estudo se caracteriza pela análise de possíveis efeitos das variáveis faixa etária (10 a 14 anos), níveis de prática (NP1 e NP2) e as prováveis interações entre essas variáveis sobre as três dimensões da motivação para a prática desportiva: 1 - Aspectos relacionados com a

competência desportiva; 2 - Aspectos relacionados com a amizade e o lazer;
3 - Aspectos relacionados com a saúde.

Para a análise dos dados utilizou-se a estatística descritiva (média nos valores de respostas e desvios padrão) para a configuração do perfil de cada dimensão da motivação para a prática desportiva em cada faixa etária. Para as análises inferenciais entre os níveis de prática utilizou-se a análise de variância do tipo ONE-WAY (ANOVA), sendo que para os testes “post-hoc” utilizou-se o teste de Duncan. Para todas as inferências estatísticas, adotou-se o nível de significância definido em 0,05.

4.2.1 - Aspectos relacionados com a competência desportiva

O fator competência desportiva aparece como sendo um dos fatores mais importantes quando se analisa a motivação de crianças e adolescentes participantes do desporto extra-escolar, conforme refere Longhurst et Spink (1987) em um estudo realizado com crianças Australianas, participantes do desporto extra-escolar, o fator “competir” aparece em primeiro lugar, além de “adquirir habilidades, aptidão física e gostar de desafios”. No nosso estudo, a tabela 4 apresenta as médias nos valores de respostas e desvios padrão em cada faixa etária nos dois níveis

de prática (NP1 e NP2). A análise de variância demonstra não haver diferença estatisticamente significativa entre NP1 e NP2, o que permite concluir que tanto os indivíduos que participam do campeonato interno (NP1) quanto os que participam de campeonatos regionais nacionais internacionais (NP2) possuem semelhante motivação para a competição. Isto ocorre, provavelmente porque a seleção dos atletas para fazerem parte do grupo (NP2) é feita internamente a partir do grupo de (NP1), portanto os atletas que hoje são do grupo NP2 pertenceram no passado ao grupo NP1 e os atletas do grupo NP1, mesmo não sendo selecionados no momento, permanecem com a expectativa de sê-lo num futuro próximo. Embora não se observe diferenças entre os grupos, as médias nos valores de respostas são elevadas (NP1=2,73 e NP2= 2,68), considerando que o valor máximo de resposta é =3. Ao analisarmos as faixas etárias, através do teste de Duncan observa-se que existe diferença estatisticamente entre os indivíduos de 10,11 e 12 anos em relação aos indivíduos de 14 anos, sendo que os indivíduos com idade inferior possuem maior motivação para a prática desportiva que os indivíduos com idade mais avançada. Ao se fazer uma análise inferencial intragrupo em cada faixa etária, verificou-se que no grupo NP1, não existe diferença estatisticamente significativa, ao passo que no grupo NP2 existe

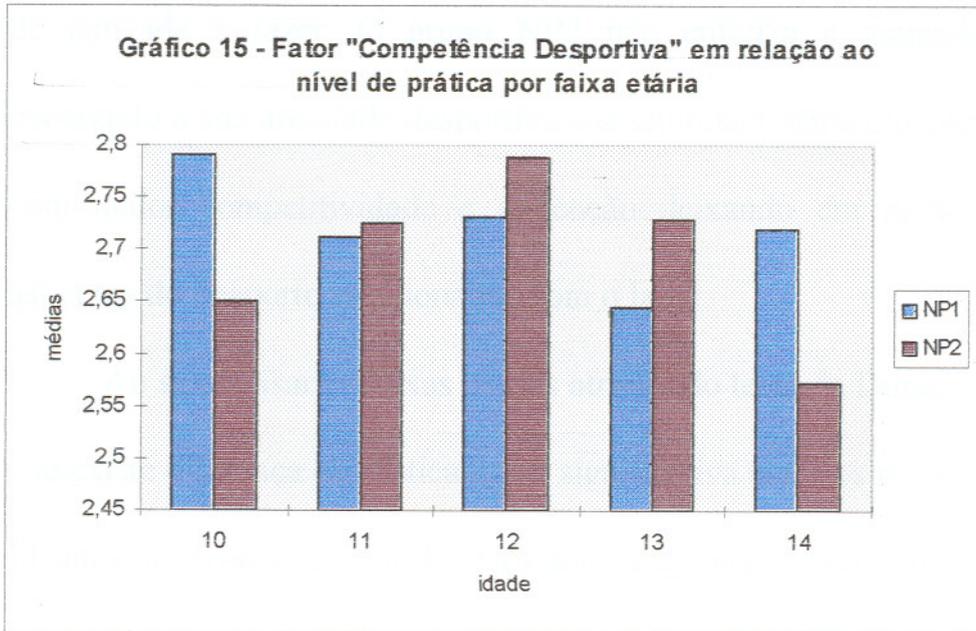
diferença estatisticamente significativa nas faixas etárias de 11 e 12 anos em relação aos indivíduos de 14 anos em prol dos atletas mais jovens.

Tabela 4 - Médias nos valores de respostas e desvios padrão nas diferentes faixas etárias, para os aspectos relacionados com a competência desportiva em NP1 e NP2

NP1				NP2			
idade	N	média	DP	idade	N	média	DP
10	22	2,7898	,2738	10	10	2,6500	,2555
11	29	2,7116	,1862	11	15	2,7250	,2553
12	35	2,7321	,1897	12	16	2,7891	,1563
13	26	2,6442	,1959	13	12	2,7292	,2709
14	16	2,7188	,2642	14	26	2,5721	,1877
total	128	2,7314	,2191	total	79	2,6788	,2297

Ao analisar o gráfico 15, abaixo, verificou-se que, embora não havendo diferença estatisticamente significativa entre os grupos, em NP1 a medida que vai avançando a faixa etária vai ocorrendo uma tendência a diminuir a motivação dentro deste fator, provavelmente pela diminuição da expectativa de ser selecionado e somente volta a aumentar na faixa etária dos 14 anos, provavelmente por haver uma nova expectativa de ser testado no ano seguinte e então receber nova chance de ser selecionado para a categoria infante juvenil. Em NP2, a média nos valores de resposta neste fator aumenta até a idade de 12 anos e volta a cair nos 13 e 14 anos, nos falta subsídios para explicar este fenômeno, visto que o esperado era que se

mantivessem os níveis motivacionais já que se trata de um grupo de competição.



4.2.2 - Aspectos relacionados com a amizade e o lazer

O fator "amizade e lazer" vem sendo estudado, por diferentes autores na forma de "fazer novos amigos" "diversão" "recreação" e "amizade" entre outros o que prova a relevância deste estudo. Na tabela 5 apresenta-se as médias nos valores de respostas e desvios padrão em cada faixa etária nos dois níveis de prática (NP1 e NP2). A análise de variância demonstra haver

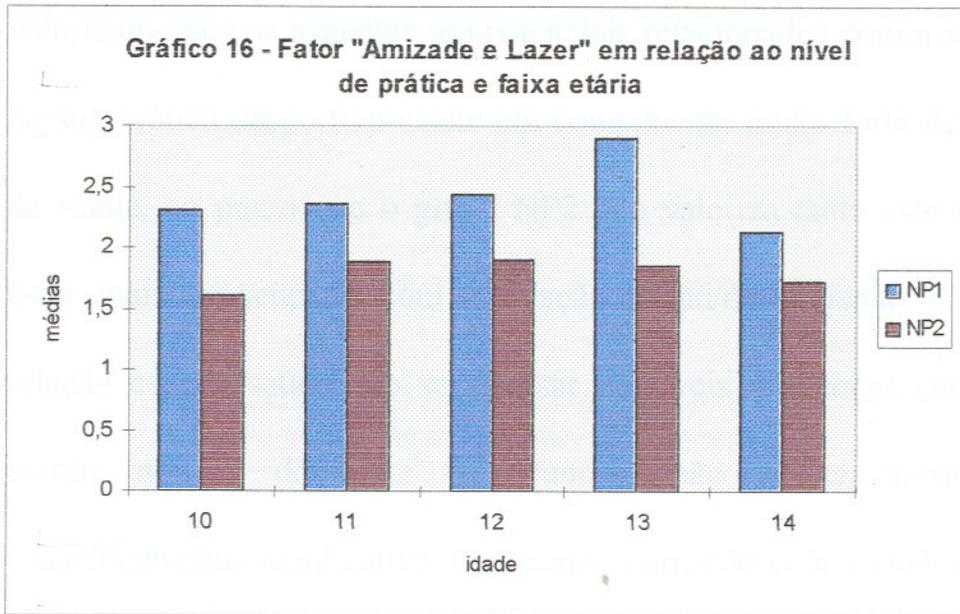
diferença estatisticamente significativa entre os dois níveis de prática (NP1 e NP2) a favor do NP1, o que permite concluir que os alunos da escolinha do grupo NP1 pratica futebol com objetivos distintos do grupo NP2 em termos de amizade e lazer. O grupo NP2 não enfatiza a amizade, portanto, encarando a sua atividade desportiva e o seu relacionamento com os colegas com maior competitividade e aplicação deixando em plano inferior os aspectos do desporto relacionados com o lazer.

Ao se analisar as faixas etárias através do teste de Duncan, observa-se que existe diferença estatisticamente significativa entre os indivíduos de 10 e 11 anos em relação aos de 13 e 14 anos a favor dos mais jovens. A análise inferencial intragrupo demonstra não haver diferença estatisticamente significativa entre as faixas etárias para o grupo NP2. Já para o grupo NP1 existe diferença significativa para as faixas etárias de 10,11 e 12 anos em relação aos de 13 anos e na faixa de 12 anos em relação aos de 14 anos sempre a favor dos mais jovens, o que nos leva a inferir que os mais jovens (10, 11 e 12 anos) do grupo NP1 possuem uma característica mais forte quando se trata de amizade quando comparados com os mais velhos (13 e 14 anos).

Tabela 5 - Médias nos valores de respostas e desvios padrão nas diferentes faixas etárias, para os aspectos relacionados com a amizade e o lazer em NP1 e NP2

NP1				NP2			
idade	N	média	DP	idade	N	média	DP
10	22	2,3182	,5465	10	10	1,6000	,4441
11	29	2,3534	,4458	11	15	1,8833	,6258
12	35	2,4500	,4192	12	16	1,9063	,4990
13	26	2,9038	,3878	13	12	1,8542	,7027
14	16	2,1250	,5000	14	26	1,7212	,3488
tótal	128	2,2539	,4900	total	79	1,7943	,5107

Conforme se pode verificar no gráfico 16, abaixo, o grupo NP1 aumenta discretamente a média nos valores de respostas nas idades de 10,11 e 12 anos, diminui aos 13 anos e volta a aumentar discretamente aos 14 anos de idade, o que evidencia um menor valor dado a este fator “amizade e lazer” pelos alunos com uma faixa etária mais elevada. Para o grupo NP2, conforme já foi citado anteriormente, não há modificações em relação a este fator e a idade, visto que, a análise intragrupo não evidenciou diferenças estatisticamente significativas.



4.2.3 - Aspectos relacionados com a saúde

A saúde tem sido um dos principais motivos pelos quais as pessoas de um modo geral procuram participar de atividades desportivas, portanto, torna-se relevante a inclusão deste fator neste estudo sobre motivação.

Para se analisar a motivação para a prática desportiva através dos aspectos relativos à saúde em nosso estudo, apresentou-se primeiramente a tabela 6 com as médias nos valores de respostas e desvios padrão em cada faixa etária. A análise de variancia demonstra haver diferença estatisticamente significativa entre os níveis de prática (NP1 e NP2) a favor do grupo NP1. O que permite concluir que os alunos do grupo NP1

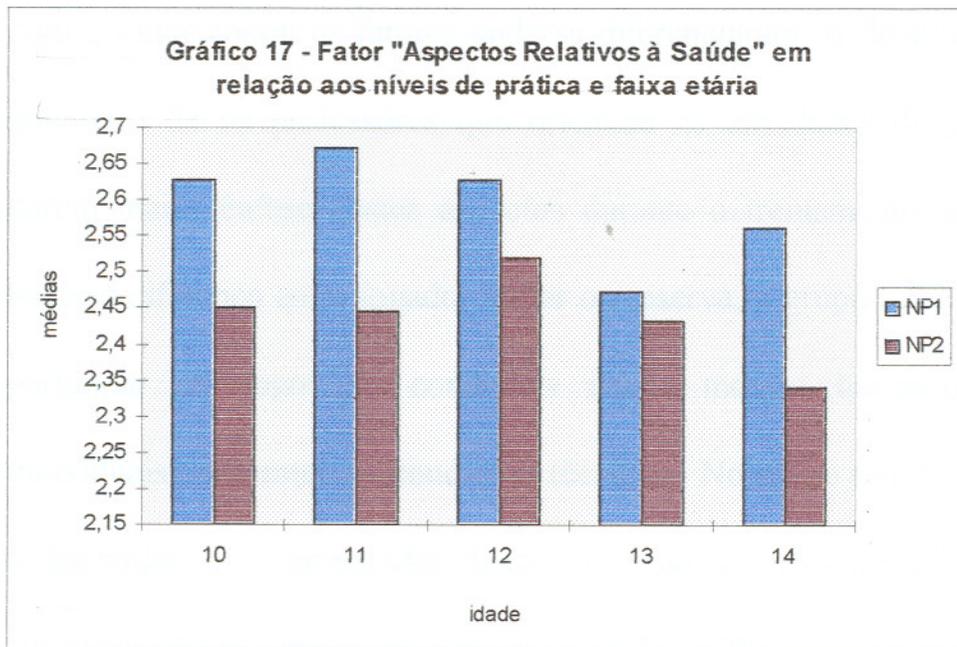
valorizam mais os aspectos motivacionais relacionados com a saúde, isto é, na sua prática desportiva existe um componente muito forte de valorização da saúde, ao passo que o grupo NP2 não valoriza tanto este aspecto, por estar mais preocupado com a relação treino/desempenho e não com a relação esporte/saúde. Ao se analisar possíveis diferenças entre as faixas etárias através do teste de Duncan, não se encontrou diferença estatisticamente significativa. O mesmo ocorrendo com a análise inferencial intragrupo.

Tabela 6 - Médias nos valores de respostas e desvios padrão nas diferentes faixas etárias, para os aspectos relacionados com a saúde em NP1 e NP2

NP1				NP2			
idade	N	média	DP	idade	N	média	DP
10	22	2,6288	,2906	10	10	2,4500	,1581
11	29	2,6724	,2616	11	15	2,4444	,3373
12	35	2,6286	,3479	12	16	2,5208	,2573
13	26	2,4744	,3762	13	12	2,4306	,4291
14	16	2,5625	,3843	14	26	2,3397	,3636
total	128	2.5990	,3343	total	79	2,4241	,1088

O gráfico 17, abaixo vem para demonstrar de maneira mais clara as diferenças encontradas em relação aos níveis de prática (NP1 e NP2), ao se analisar as médias nos valores de respostas em cada faixa etária, verifica-se em NP2 uma diminuição na média dos valores de respostas nas faixas de 13 e 14 anos em relação à faixa de 12 anos que traz um valor mais elevado, em

NP1 os valores diminuem aos 13 anos e voltam a aumentar discretamente aos 14 anos, porém a análise inferencial intragrupo demonstrou não haver diferença estatisticamente significativa entre as faixas etárias para NP1 e NP2, de maneira que não podemos tecer maiores comentários.



4.2.4 - Considerações finais

Ao se analisar a motivação através do fator “competência desportiva” observa-se não haver diferença estatisticamente significativa entre o grupo NP1 e o grupo NP2, o que prova haver um espírito competitivo nos dois grupos, talvez por estarem ambos arraigados a um clube de futebol onde a

competição faz parte da linguagem do dia a dia nos diferentes âmbitos do clube, além das expectativas de futuro relacionar-se a possibilidade de vir a ser um atleta profissional.

Os aspectos relacionados com a amizade e os aspectos relacionados com a saúde foram os fatores onde se diferenciaram os dois grupos, talvez pelo fato de os professores que orientam as atividades do grupo (NP1) darem maior ênfase nestes aspectos durante o treinamento, além de não haver a diferença entre jogador titular ou reserva, o grupo todo é obrigado a participar de jogo em condições iguais mesmo havendo diferenças individuais em termos de condições técnicas. No grupo (NP2) ao contrário, o treinador e o preparador físico orientam o trabalho objetivando as competições as quais a sua equipe irá participar, não existindo a obrigatoriedade de todos os atletas participarem do jogo, participam somente os melhores naquele momento porque a busca do resultado neste grupo já é uma realidade, esquecendo-se muitas vezes de ressaltar os aspectos saúde e amizade e lazer que podem proporcionar a prática desportiva.

4.3- APTIDÃO FÍSICA

Num primeiro momento serão apresentados os resultados através do comportamento de cada variável nas diferentes idades nos dois níveis de prática (NP1 e NP2), além do teste t para caracterizar as diferenças entre médias de configuração paramétricas para dados independentes com escala intervalar (significância de 0,05).

Para um segundo momento, tendo em vista as diferenças encontradas, proceder-se-á a análise da função discriminante que consubstancia-se numa técnica estatística a qual permite a maximização de uma diferença entre os grupos. Usou-se o índice de corte ou “Cut-off” de 0,40, valor limite em que neste estudo se considera a importância de uma variável como discriminante.

4.3.1- Comportamento de cada variável nas diferentes idades em indivíduos de ambos os níveis de prática

4.3.1.1- Para o teste de força-resistência abdominal

A tabela 7 apresenta os resultados do teste de força-resistência abdominal. O nível de prática NP1 apresenta um desenvolvimento

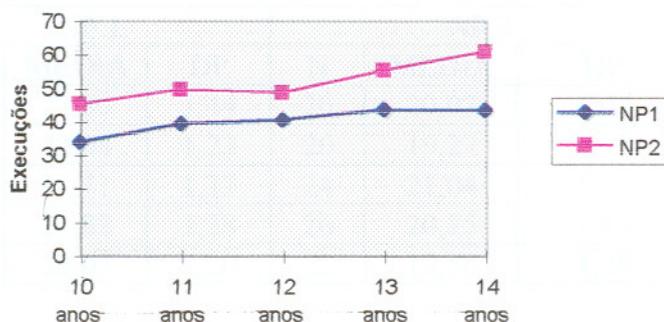
equilibrado na faixa etária dos 10 aos 11 anos, porém tende a se estabilizar nas demais idades, mantendo-se constante no período de 13 a 14 anos. O nível de prática NP2, assim como o NP1 apresenta um desenvolvimento equilibrado na faixa etária dos 10 aos 11 anos, ocorrendo uma discreta queda de desempenho dos 11 aos 12 anos e tornando a aumentar nas demais faixas 13 e 14 anos. Por outro lado, quando se compara os dois níveis de prática entre si, observa-se que existem diferenças estatisticamente significativas em todas as faixas etárias em favor do NP2 para $p=0,05$ (tabela 7). A evolução da força-resistência abdominal a medida que vai avançando a faixa etária se explica pelo simples fato de o próprio crescimento e desenvolvimento da criança provocarem um incremento nos níveis de força. Já as diferenças encontradas entre os níveis de prática são diferenças explicáveis pelos critérios e objetivos diferenciados de treinamento a que são submetidos os dois níveis de prática. O NP2, por treinar três vezes por semana com objetivos específicos de competição, trabalha mais essa valência física que o NP1. Uma outra explicação poderia ser o fato de os indivíduos do grupo NP2 ao serem selecionados já serem possuidores de uma capacidade maior de força-resistência abdominal e isso ser um dos fatores que os discrimina mesmo antes da seleção, porém não

podemos fazer tal afirmação como conclusiva pois não possuímos subsídios para tanto.

Tabela 7. Médias e desvios padrão e teste t referente ao teste de resistência abdominal por nível de prática (NP1 e NP2) e idade

IDADE	NP 1			NP 2			P
	N	MÉDIA	DP	N	MÉDIA	DP	
10 anos	42	33,71	8,71	20	44,90	9,96	,0000
11 anos	41	39,27	6,75	20	49,25	12,14	,0001
12 anos	55	40,44	8,11	24	48,33	9,29	,0003
13 anos	54	43,37	8,73	26	55,11	8,77	,0000
14 anos	41	43,29	6,66	22	60,68	6,99	,0000

Gráfico 18 - Teste de resistência abdominal em relação ao nível de prática por idade



4.3.1.2- Para o teste de agilidade

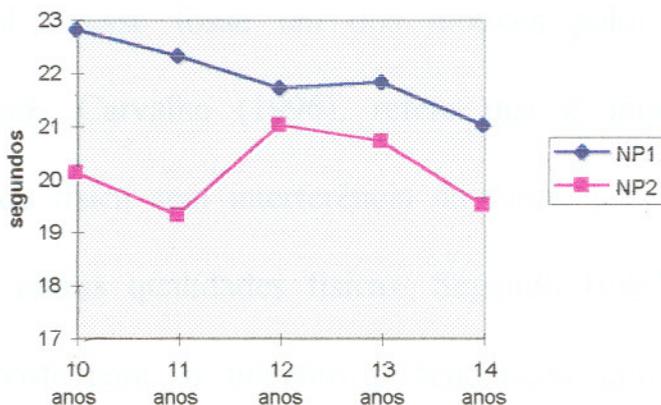
Quanto aos resultados do teste de agilidade para os alunos do NP1, ocorre um desenvolvimento equilibrado dos 10 aos 12 anos, se estabilizando na faixa dos 12 aos 13 anos e voltando a melhorar o desempenho aos 14

anos. Para os alunos do NP2, tal como ocorre em NP1 há um aumento da agilidade dos 10 para os 11 anos, porém dos 11 para os 12 anos há uma queda no desempenho, tornando a melhorar nas faixas etárias subsequentes (13 e 14 anos). Ressalta-se o pique de performance para o NP2 aos 11 anos, provavelmente por estar no momento do teste em uma fase de treinamento com ênfase para a agilidade. Ao se comparar os níveis de prática verifica-se que existe diferença significativa em todas as faixas etárias a favor do NP2 para $p=0,05$ (tabela 8).

Tabela 8 - Médias e desvios padrão e teste t referentes ao teste de agilidade por nível de prática (NP1 e NP2) e idade

IDADE	NP 1			NP 2			P
	N	MÉDIA	DP	N	MÉDIA	DP	
10 anos	42	22,80	1,44	20	20,07	1,02	,0000
11 anos	41	22,08	1,23	20	19,27	0,93	,0000
12 anos	55	21,71	1,37	24	21,04	1,38	,0494
13 anos	54	21,82	1,28	26	20,75	1,11	.0005
14 anos	41	20,97	1,20	22	19,50	1,28	,0000

Gráfico 19 - Teste de agilidade em relação aos níveis de prática e idades



4.3.1.3- Para o teste de força de preensão manual

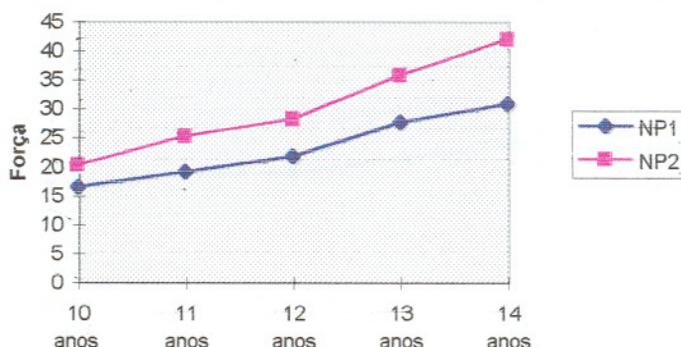
Os resultados do teste de força de preensão manual (gráfico 20) evidencia um incremento constante de performance dos 10 aos 14 anos em ambos os níveis de prática. Ao se comparar os níveis de prática entre si constata-se uma superioridade do NP2 com diferença significativa em todas as faixas etárias para $p=0,05$ (tabela 9). Conforme vasta revisão bibliográfica realizada por Carvalho (1996) era de se esperar este incremento de força com o avanço da idade. Porém a diferença encontrada entre NP1 e NP2 parece demonstrar que o nível diferencial de carga de treinamento entre os dois grupos é o responsável, ou seja, o grupo NP2 treina mais que o grupo NP1. A outra hipótese seria a de que o grupo NP2

ao ser selecionado a partir do grupo NP1 já possuisse maior força de preensão manual e esse fosse um dos motivos pelo qual ele seria selecionado. Ainda Carvalho (1996), refere que é impensável existir qualquer atividade física sem interferência da força, pois possui estreita ligação com as outras qualidades físicas. Segundo Bührle (1985), é o primeiro pressuposto para o aumento do rendimento em quase todas as disciplinas desportivas. Novamente Carvalho evidencia que muitos jovens, por manifesta falta de força, não conseguem adquirir nem dominar muitos dos gestos motores necessários à atividade física e desportiva. Portanto nos leva a crer que um dos motivos pelos quais os nossos atletas são selecionados é o fato de serem possuidores de uma força maior em relação aos outros, porém existe a necessidade de estudos mais detalhados para comprovação desta hipótese.

Tabela 9 - Médias e desvios padrão e teste t referente ao teste de preensão manual por nível de prática (NP1 e NP2) e idade

IDADE	NP 1			NP 2		P	
	N	MÉDIA	DP	N	MÉDIA		DP
10 anos	42	16,33	3,06	20	20,10	4,20	,0002
11 anos	41	18,97	3,48	20	25,15	4,34	,0000
12 anos	55	21,60	5,37	24	28,00	4,05	,0000
13 anos	54	27,50	6,50	26	35,57	6,18	,0000
14 anos	41	30,69	7,98	22	41,77	5,54	,0000

Gráfico 20 - Teste de força de prensão manual em relação aos níveis de prática e idade



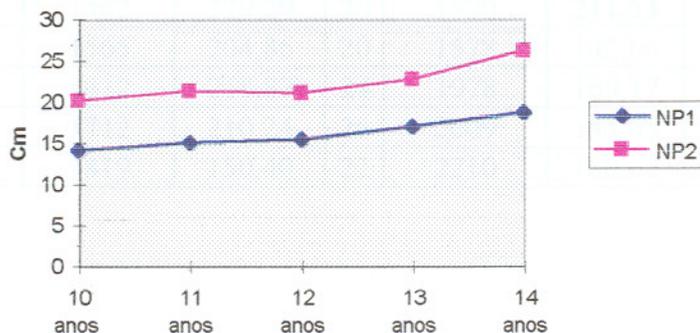
4.3.1.4- Para o teste de flexibilidade

Em relação aos resultados da variável flexibilidade, medida através da mobilidade da coluna vertebral (gráfico 21), evidencia-se um aumento constante na performance ao longo do período etário analisado para o NP1. Para o NP2, ocorre um discreto decréscimo na faixa etária dos 11 aos 12 anos, porém nas demais idades a performance aumenta com a idade. Ao se comparar os níveis de prática entre si, constata-se diferenças estatisticamente significativas em todas as faixas etárias em prol do NP2 para $p=0,05$ (tabela 10).

Tabela 10 - Médias e desvios padrão e teste t referente ao teste de flexibilidade por nível de prática (NP1 e NP2) e idade

IDADE	NP 1			NP 2			P
	N	MÉDIA	DP	N	MÉDIA	DP	
10 anos	42	14,05	4,63	20	20,05	3,60	,0000
11 anos	41	14,95	5,87	20	21,20	3,93	,0001
12 anos	55	15,34	5,80	24	20,96	5,54	,0001
13 anos	54	16,89	5,64	26	22,58	4,74	,0000
14 anos	41	18,61	6,60	22	26,09	7,10	,0001

Gráfico 21 - Teste de mobilidade da coluna vertebral em relação aos níveis de prática por idades



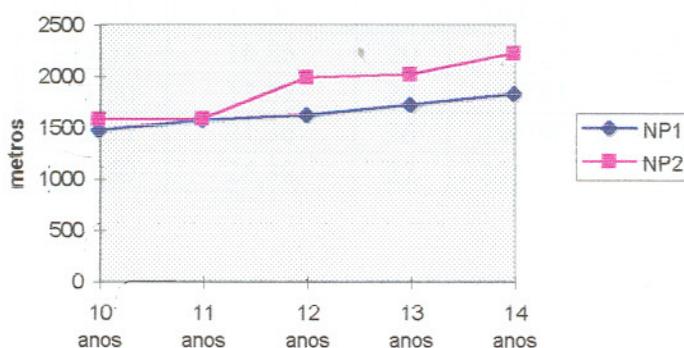
4.3.1.5- Para o teste de resistência de longa duração

A variável resistência de longa duração, medida através do teste de 9 minutos (gráfico 22) sugere que os alunos do NP1 aumentam a sua performance proporcionalmente a idade. Já os alunos do NP2 mantêm uma performance constante aos 10 e 11 anos e a partir daí evoluem até os 14 anos. Ao se comparar os dois níveis de prática, verifica-se que aos 10 e 11 anos não existe diferença estatisticamente significativa, provavelmente porque nesta faixa etária (10 e 11 anos) os treinadores do grupo NP2 não dêem ênfase para o treinamento aeróbico, porém nas faixas de 12, 13 e 14 anos ocorre diferença estatisticamente significativa a favor dos alunos do NP2 para $p=0,05$ (tabela 11).

Tabela 11 - Médias e desvios padrão e teste t referentes ao teste de resistência de longa duração por Nível de prática (NP1 e NP2) e idade

IDADE	N	MÉDIA	DP	N	MÉDIA	DP	P
10 anos	42	1462	229,29	20	1570	211,53	,0616
11 anos	41	1565	204,86	20	1578	142,60	,7997
12 anos	55	1612	258,87	24	1978	169,17	,0000
13 anos	54	1712	210,24	26	2009	143,05	,0000
14 anos	41	1819	150,40	22	2210	160,67	,0000

Gráfico 22 - Teste de resistência de longa duração em relação aos níveis de prática por idade



4.3.1.6- Para o teste de força explosiva dos membros inferiores

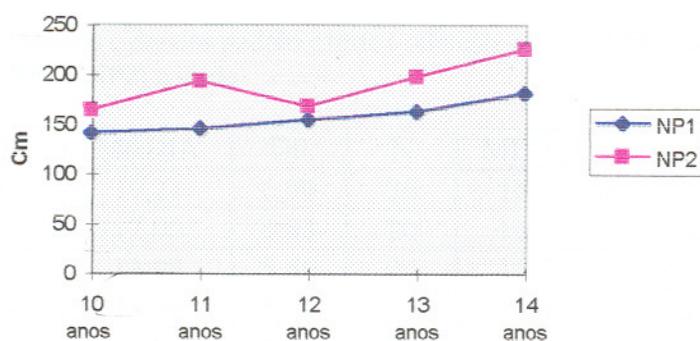
O gráfico 23 apresenta os resultados do teste de salto em distância sem balanço dos braços, teste que avalia a força explosiva dos membros inferiores e sugere que os alunos do NP1 aumentam a performance gradativamente de acordo com a idade. Já o Grupo NP2 apresenta um decréscimo de performance entre os 11 e os 12 anos, voltando a aumentar gradativamente nas demais faixas etárias. Ao se comparar os níveis de

prática entre si observa-se a existência de diferença estatisticamente significativa a favor do NP2 em todas as faixas etárias estudadas para $p=0,05$ (tabela 12).

Tabela 12 - médias e desvios padrão e teste t referente ao teste de saldo horizontal por nível de prática (NP1 e NP2) e idade

IDADE	NP 1			NP 2			P
	N	MÉDIA	DP	N	MÉDIA	DP	
10 anos	42	140,33	16,96	20	163,25	16,92	,0000
11 anos	41	144,58	16,85	20	192,25	16,89	,0000
12 anos	55	153,50	17,62	24	167,54	5,72	,0003
13 anos	54	162,33	21,36	26	196,88	26,40	,0000
14 anos	41	180,80	25,32	22	225,09	21,19	,0000

Gráfico 23 - Teste de força explosiva dos membros inferiores em relação aos níveis de prática e idade



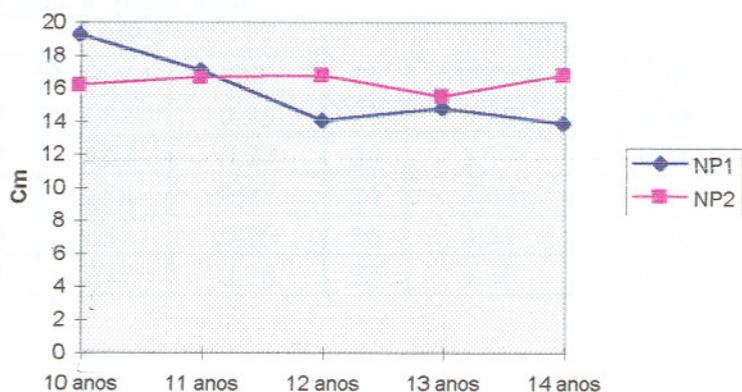
4.3.1.7- Para o teste de velocidade de reação

O gráfico 24 apresenta os resultados do teste de velocidade de reação, os dados sugerem para o grupo NP1 uma tendência de melhora de performance dos 10 aos 12 anos, porém dos 12 aos 14 anos os resultados não exprimem uma diferença que caracterize um aumento no desempenho. Quanto ao grupo NP2 se observa um resultado estável em todas as faixas etárias estudadas. Ao se comparar NP1 com NP2 observa-se diferença estatisticamente significativa aos 10 anos em prol do NP1, e aos 12 e 14 anos em prol do NP2, nas demais faixas não há diferença significativa para $p=0,05$ (tabela 13).

Tabela 13 - Médias e desvios padrão e teste t referente ao teste tempo de reação por nível de prática (NP1 e NP2) e idade

IDADE	N	MÉDIA	DP	N	MÉDIA	DP	P
10 anos	42	19,21	6,30	20	16,10	2,29	,0368
11 anos	41	17,00	6,83	20	16,60	2,52	,8015
12 anos	55	13,98	5,40	24	16,70	3,15	,0242
13 anos	54	14,72	5,70	26	15,42	3,32	,5636
14 anos	41	13,85	4,30	22	16,72	2,45	,0054

Gráfico 24 - teste de tempo de reação em relação aos níveis de prática e idade



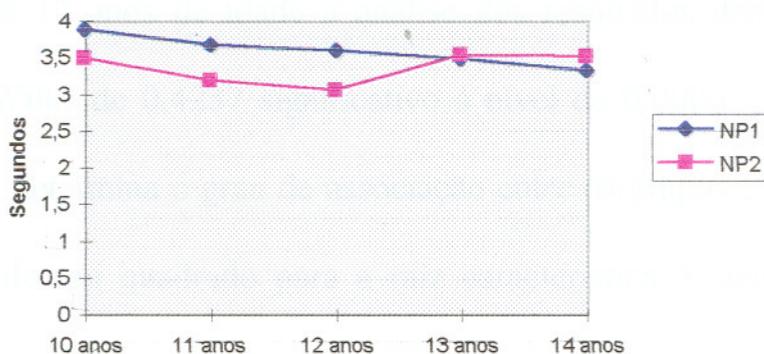
4.3.1.8- Para o teste de velocidade de deslocamento

A velocidade de deslocamento é medida através do tempo utilizado para percorrer a distância de 20 metros partindo lançado, o gráfico 25 demonstra que o desenvolvimento desta capacidade motora para o grupo NP1 é progressivamente linear em todas as faixas estudadas, para o grupo NP2 acontece um aumento de performance dos 10 aos 12 anos, dos 12 para os 13 anos ocorre uma diminuição nos níveis de performance se estabilizando dos 13 para os 14 anos. Ao se comparar os dois grupos entre si, observa-se que dos 10 aos 12 anos existe uma diferença estatisticamente significativa a favor do NP2, aos 13 anos não se observa diferença significativa e aos 14 anos a diferença é significativa em prol do grupo NP1, para $p=0,05$ (tabela 14).

Tabela 14 - Médias e desvios padrão e teste t referente ao teste de vinte metros lançados por nível de prática (NP1 e NP2) e idade

IDADE	NP 1			NP 2			P
	N	MÉDIA	DP	N	MÉDIA	DP	
10 anos	42	3,87	0,35	20	3,48	0,18	,0000
11 anos	41	3,67	0,27	20	3,17	0,18	,0000
12 anos	55	3,58	0,27	24	3,04	0,19	,0000
13 anos	54	3,47	0,26	26	3,52	0,16	,3645
14 anos	41	3,31	0,28	22	3,50	0,16	,0055

Gráfico 25 - Teste de velocidade de deslocamento em relação aos níveis de prática e idade



4.3.2- Análise da função discriminante em função da idade em cada teste nos dois níveis de prática (NP1 e NP2)

O recurso da análise da função discriminante permite conhecer mais detalhadamente a respeito da aptidão física representadas pelas variáveis que melhor separam os indivíduos. Ou seja, indica se as diferenças são robustas a ponto de poderem configurar dois grupos diferenciados. Desta forma os coeficientes canônicos estruturais (CCest) que representam

correlações entre as variáveis originais e os resultados obtidos, permitem uma análise mais clara da contribuição de cada variável para o eixo discriminatório. Adotou-se o “cut-off” de 0,40 como valor limite que se considera a importância de uma variável como discriminante.

4.3.2.1- Aos 10 anos de idade

Para os 10 anos de idade a análise dos resultados demonstrou um Lambda de Wilks de 0,4237 significativo à nível de 0,0000. A correlação canônica que determina o grau de associação entre os grupos é de 0,7591 e a estatística do qui quadrado para a raiz característica é significativa $p=0,0000$.

Os pesos canônicos estruturais (tabela 15) representam a contribuição relativa a cada variável para o compósito linear obtido. Observa-se que as variáveis que mais influenciaram na faixa etária dos 10 anos, são: agilidade, flexibilidade, força explosiva dos membros inferiores, velocidade de deslocamento, força-resistência abdominal e força de preensão manual.

Pode-se destacar que partindo de um “cut-off” de 0,4 que dos oitos testes aplicados, apenas dois (velocidade de reação e corrida de 9min) não servem como variáveis discriminantes para a faixa etária dos 10 anos.

Tabela 15 - Coeficientes Canônicos Estruturais de cada variável aos 10 anos de idade

TESTE	COEFICIENTES CANÔNICOS
Dez x cinco	-0,84185
Flexibilidade	0,57069
Salto em distância s/ corrida preparatória	0,55109
Corrida de 20m abdominal	-0,50747
Dinamometria da mão	0,49940
Velocidade de reação	0,44274
Corrida de 9min	-0,23642
	0,21085

Através da classificação de Jackknife que reclassifica os atletas de acordo com o modelo matemático nos grupos previamente definidos, a função discriminante permite classificar corretamente 90,5% dos casos (38) no grupo NP1 e 95% dos casos (19) no grupo NP2, em outras palavras significa que tem 1 sujeito no grupo NP1 que deveria estar no grupo NP2 e 4 sujeitos do grupo NP2 que deveriam estar no grupo NP1, demonstrando uma elevada qualidade do modelo matemático da função discriminante para ambos os níveis de prática. Ou seja, a seleção para o grupo NP2 partindo do grupo NP1 aos 10 anos parece adequada (tabela 16).

Tabela 16 - Reclassificação dos sujeitos nos seus grupos originais a partir da solução da Função discriminante encontrada para a idade de 10 anos.

	NP1	NP2
NP1	90,5% (38)	9,5 (4)
NP2	5,0% (1)	95,0% (19)

4.3.2.2 - Aos 11 anos de idade

A análise dos resultados para a idade de 11 anos demonstrou um Lambda de Wilks de 0,207275 significativo à nível de 0,0000. A correlação canônica entre os grupos é de 0,8904 e a estatística do qui quadrado para a raiz característica é significativa $p= 0,0000$.

Os pesos canônicos estruturais demonstraram que as variáveis que mais influenciaram na faixa etária dos 11 anos, são: Força explosiva dos membros inferiores, agilidade e velocidade de deslocamento, de acordo com a tabela 17. Ao se comparar os resultados obtidos aos 10 e aos 11 anos de idade verificou-se que aos 11 anos foram rejeitados as variáveis força de preensão manual, flexibilidade e força-resistência dos músculos abdominais que não haviam sido rejeitados na idade de 10 anos, porém os dois testes com menor classificação aos 10 anos também obtiveram a menor classificação aos 11 anos de idade.

Tabela 17- Coeficientes Canônicos Estruturais de cada variável aos 11 anos de idade

TESTE	COEFICIENTES CANÔNICOS
Salto em distância sem corrida preparatória	0,68973
Dez x cinco	-0,64174
Corrida de 20m	-0,48316
Dinamometria da mão	0,39868
flexibilidade	0,28641
abdominal	0,27509
Corrida de 9min	0,01697
Velocidade de reação	-0,01682

Através da classificação de Jakknife, a função discriminante permite classificar corretamente 100% dos casos (41) no grupo NP1 e 95% dos casos (19) no grupo NP2, significa que não existe nenhum sujeito do grupo NP1 que deveria estar no grupo NP2 e que tem 5 sujeitos do grupo NP2 que deveria estar no grupo NP1, conforme tabela 18, demonstrando uma elevada qualidade do modelo matemático da função discriminante para ambos os níveis de prática, apesar de haver apenas três das oito variáveis com “cut-off” acima de 0,4.

Tabela 18 - Reclassificação dos sujeitos nos seus grupos originais a partir da solução da Função discriminante encontrada, na idade de 11 anos

	NP1	NP2
NP1	100% (41)	0
NP2	5,0% (1)	95,0% (19)

4.3.2.3 - Aos 12 anos de idade

Para os 12 anos de idade a análise dos resultados demonstrou um Lambda de Wilks de 0,350043, significativo á nível de 0,0000. A correlação canônica é de 0,8062 e o qui quadrado para a raiz característica é significativa $p= 0,0000$.

Os pesos canônicos estruturais demonstraram que as variáveis que mais influenciaram na faixa etária dos 12 anos, são: velocidade de deslocamento, resistência de longa duração e força de preensão manual, de acordo com a tabela 19. Nesta faixa etária surge a variável resistência de longa duração que nas faixas anteriores não estava selecionada, provavelmente por não se tratar de uma valência física treinada aos 10 e 11 anos, porém, a partir dos 12 anos ela começa a surgir como variável discriminatória pelo fato de os treinadores enfatizarem o treinamento aeróbico nos seus programas.

Tabela 19 - Coeficientes Canônicos Estruturais de cada variável aos 12 anos de idade

TESTE	COEFICIENTES CANÔNICOS
Corrida de 20m	-0,72803
Corrida de 9min	0,53130
Dinamometria da mão	0,43626
flexibilidade	0,33532
abdominal	0,31830
Salto em distância sem corrida preparatória	0,31803
Velocidade de reação	0,19236
Dez x cinco	-0,16697

De acordo com a classificação de Jakknife, a função discriminante permite classificar corretamente 90,9% dos casos (50) no grupo NP1 e 95,8% dos casos (23) no grupo NP2, significa que existem 5 sujeitos do grupo NP1 que deveria estar no grupo NP2 e 1 sujeito do grupo NP2 que deveria estar no grupo NP1, demonstrando uma elevada qualidade do modelo matemático da função discriminante para os dois níveis de prática (NP1 e NP2) conforme tabela 20, apesar de apenas três variáveis das oito serem selecionadas com um “cut-off” acima de 0,4.

Tabela 20 - Reclassificação dos sujeitos nos seus grupos originais a partir da solução da Função discriminante encontrada, na idade de 12 anos

	NP1	NP2
NP1	90,9% (50)	9,1% (5)
NP2	4,2% (1)	95,8% (23)

4.3.2.4 - Aos 13 anos de idade

A análise dos resultados para os atletas com 13 anos de idade demonstrou um Lambda de Wilks de 0,349446, significativo à nível de 0,0000. A correlação canônica que determina o grau de associação entre os grupos é de 0,8066 e a estatística do qui quadrado para a raiz característica é significativa $p=0,0000$.

Os pesos canônicos estruturais demonstraram que as variáveis que mais influenciaram na faixa etária de 13 anos, são: força explosiva dos membros inferiores, resistência de longa duração, força-resistência abdominal e força de preensão manual, de acordo com a tabela 21.

Tabela 21- Coeficientes Canônicos Estruturais de cada variável aos 13 anos de idade

TESTE	COEFICIENTES CANÔNICOS
Salto em distância sem corrida preparatória	0,57424
Corrida de 9min	0,54045
abdominal	0,46714
Dinamometria da mão	0,43802
flexibilidade	0,36804
Dez x cinco	-0,30219
Corrida de 20m	0,07569
Velocidade de reação	0,04813

Através da classificação de Jakknife, a função discriminante permite classificar corretamente 92,6% dos casos (50) no grupo NP1 e 84,6% dos

casos (22) no grupo NP2, significando que tem 4 sujeitos do grupo NP1 que deveria estar no grupo NP2 e 4 sujeitos do grupo NP2 que deveriam estar no grupo NP1, de acordo com a tabela 22.

Tabela 22 - Reclassificação dos sujeitos nos seus grupos originais a partir da solução da Função discriminante encontrada, na idade de 13 anos

	NP1	NP2
NP1	92,6% (50)	7,4% (4)
NP2	15,4% (4)	84,6% (22)

4.3.2.5 - Aos 14 anos de idade

Para os 14 anos de idade a análise dos resultados demonstrou um lambda de Wilks de 0,174711 significativo à nível de 0,0000. A correlação canônica que determina o grau de associação entre os grupos é de 0,9085 e a estatística do qui quadrado para a raiz característica é significativa $p=0,0000$. Os pesos canônicos estruturais demonstram que as variáveis que mais influenciaram na faixa etária dos 14 anos, são: força resistência abdominal, resistência de longa duração e força explosiva dos membros inferiores, de acordo com a tabela 23.

Tabela 23 - Coeficientes Canônicos Estruturais de cada variável aos 14 anos de idade

TESTE	COEFICIENTES CANÔNICOS
abdominal	0,57199
Corrida de 9min	0,56582
Salto em distância sem corrida preparatória	0,41167
Dinamometria da mão	0,34136
Dez x cinco	-0,30455
flexibilidade	-0,24607
Velocidade de reação	0,16981
Corrida de 20m	0,16966

Através da classificação de Jakknife, a função discriminante permite classificar corretamente 97,6% dos casos (40) no grupo NP1 e 100% dos casos (22) no grupo NP2, em outras palavras significa que tem 1 sujeito do grupo NP1 que deveria estar no grupo NP2 e nenhum sujeito do grupo NP2 deveria estar no grupo NP1, demonstrando elevada qualidade do modelo matemático da função discriminante para ambos os níveis de prática, conforme tabela 24.

Tabela 24 - Reclassificação dos sujeitos nos seus grupos originais a partir da solução da Função discriminante encontrada, na idade de 14 anos

	NP1	NP2
NP1	97,6% (40)	2,4% (1)
NP2	0% (0)	100 (22)

4.3.3 - Considerações finais

Após a análise dos resultados em função das diferenças encontradas entre os grupos, através de cada variável nas diferentes faixas etárias, nos permite concluir que: Os alunos da escolinha, pertencentes ao grupo 2 (NP2) possui na sua maioria uma performance superior ao grupo 1 (NP1). No que refere a força-resistência abdominal, agilidade, força de preensão manual, flexibilidade e força explosiva dos membros inferiores o NP2 foi superior em termos de desempenho em relação ao NP1 em todas as faixas etárias com diferença estatisticamente significativa. Isto nos leva a seguinte reflexão: será que estas diferenças poderão ser atribuídas ao diferencial de volume de treinamento dado ao grupo NP2 ou seria uma característica inata e o aluno do NP1 é selecionado para o NP2 já possuindo estas características diferenciais de força, flexibilidade, velocidade e agilidade? Acredito que o treinamento somente se consubstancia num diferencial nas idades mais avançadas (12, 13 e 14 anos), assim como acontece quando analisamos os resultados do teste de resistência de longa duração, o NP2 obteve um resultado inferior aos 10 anos de idade (diferenças estatisticamente não significativas), aos 11 anos NP2 obteve um resultado superior ao NP1 (diferenças que não são estatisticamente significativas),

porém aos 12,13 e 14 anos se evidencia uma diferença (estatisticamente significativa) em prol do NP2, Nas idades mais baixas (10 e 11 anos) os treinamentos dos dois grupos não se diferenciam em relação a esta valência física, principalmente pelo fato de a seleção para o grupo NP2 ser iniciada nesta faixa de idade, o que infere uma semelhança nos níveis de resistência de longa duração, ao passo que a partir dos 12 anos o NP2 já possui uma base que pratica um volume maior de treinamento nesta valência física.

A análise da função discriminante com os respectivos coeficientes canônicos estruturais nos permitiu verificar com detalhes as variáveis que melhor separam os indivíduos dentro de cada faixa etária. A variável que mais contribuiu para o eixo discriminatório foi a força explosiva dos membros inferiores sendo selecionada aos 10, 11, 13 e 14 anos, após temos a velocidade de deslocamento aos 10, 11 e 12 anos, força resistência abdominal aos 10, 13 e 14 anos, força de preensão manual aos 10,12 e 13 anos, resistência de longa duração aos 12, 13 e 14 anos. Destas variáveis discriminadas pela faixa etária, notamos que a variável velocidade somente discrimina nas idades mais jovens (10,11 e 12 anos) e a resistência de longa duração somente aparece como discriminatória a partir dos 12 anos. A variável agilidade somente discrimina aos 10 e 11 anos e a flexibilidade aos

10 anos de idade. Já a variável velocidade de reação ao estímulo visual não surge com valores discriminatórios em nenhuma das faixas etárias estudadas o que nos permite concluir que para a amostra estudada o teste de velocidade de reação pode ser excluído quando temos a finalidade de separar dois grupos utilizando um “cut-off” de 0,4.

5 - CONCLUSÕES

De acordo com os resultados obtidos neste estudo realizado no âmbito da Escolinha de Futebol do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e que teve como objetivo identificar possíveis variáveis discriminantes que sejam passíveis de se consubstanciar em indicadores de prováveis talentos desportivos no espaço limitado ao futebol de campo, podemos concluir que:

5.1 - EM RELAÇÃO AOS HÁBITOS DE VIDA

A análise dos resultados nos demonstra haver diferenças significativas entre os dois grupos em apenas alguns itens, tais como: a) “no tipo de condução para ir ao clube”, em que os alunos do grupo NP2 vão em sua maioria de carro ao passo que os alunos do grupo NP1 vão de ônibus, porém no nosso entender não infere em diferenças de nível sócio-econômico porque os locais de treinamento para os dois grupos são diferenciados permitindo uma maior facilidade para o grupo NP1 para se deslocar de ônibus até o seu local de treino; b) “horário de acordar”, onde o grupo NP2 acorda mais cedo, o que se explica pelo fato deste grupo ser obrigado a estudar no turno da manhã porque os treinamentos são efetuados

obrigatoriamente no turno da tarde, ao passo que o grupo NP1 tem a possibilidade de opção para o turno de treinamento além de treinar apenas uma vez por semana; c) “ler”, “escutar música” e “jogar video game” são itens que diferenciaram os dois grupos. Porém me parece que estes itens onde houve diferenças significativas não servem para dizer que o estilo de vida destas crianças e adolescentes possa diferenciar os dois grupos estudados porque os outros itens, tais como, “tipo de moradia”, “número de moradores”, “distância da residência ao clube”, “hábitos de sono”, “materiais esportivos”, local de prática desportiva além do clube” e “participação sócio-cultural”, onde não houve diferenças significativas, possuem um peso maior no âmbito sócio-econômico e cultural.

5.2 - EM RELAÇÃO A MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DESPORTIVA

A motivação para a prática desportiva foi analisada levando-se em conta as interações entre os grupos NP1 e NP2 e as três dimensões da motivação: a) “competência desportiva”, esse item demonstrou não haver diferenças significativas entre os dois grupos, havendo no entanto um grande espírito competitivo nos dois grupos, por estarem ambos ligados a um clube

de futebol de alto nível competitivo, além de no futuro haver a possibilidade de ser um atleta profissional; b) “amizade e lazer”, a análise deste ítem demonstrou uma preocupação maior dada pelo grupo NP1, talvez, fomentados pelos professores que orientam o seu treinamento, além do que durante as suas competições internas uma condição singular é que não existem jogadores titulares e reservas, havendo a obrigatoriedade de todos participarem das partidas de futebol, já o grupo NP2 funciona na maneira mais tradicional de uma equipe de futebol onde existe uma disputa maior para saber quem será o titular da equipe muitas vezes em detrimento da amizade; c) “saúde”, esse ítem demonstrou que há uma maior preocupação por parte do grupo NP1, talvez pelos mesmos motivos citados no ítem anterior, os grupos possuem uma cultura desportiva diferenciada.

5.3 - EM RELAÇÃO A APTIDÃO FÍSICA

Ao se analisar as variáveis preditoras da aptidão física nas diferentes faixas etárias permite concluir que: os alunos pertencentes ao grupo NP2 possuem uma performance superior ao grupo NP1 no que tange a força-resistência abdominal, agilidade, força de prensão manual, flexibilidade e força explosiva dos membros inferiores com diferenças estatisticamente

significativas. Isto leva a seguinte questão: será que as diferenças em volume de treinamento provocaram a discrepância dos grupos nestas variáveis ou seria uma característica inata e o aluno do NP1 quando é selecionado para NP2 já possui este maior poder de força, flexibilidade, velocidade e agilidade e essas diferenças vem no entanto lhe proporcionar uma vantagem de desempenho técnico provocando a sua seleção por parte dos professores responsáveis e a sua conseqüente passagem para o grupo NP2?

A análise da função discriminante com os respectivos coeficientes canônicos estruturais, demonstra que a variável que mais contribuiu para o eixo discriminatório foi a força explosiva dos membros inferiores seguida pelas variáveis velocidade de deslocamento, força-resistência abdominal e resistência de longa duração. A variável velocidade apenas discrimina os mais jovens e a variável resistência de longa duração surge como discriminatória a partir dos 12 anos. A classificação de Jakknife permitiu classificar corretamente a maioria dos sujeitos nos seus grupos de origem.

E finalmente, com base nas constatações evidenciadas por ocasião da análise dos resultados, sugere-se alguns pontos para que novos estudos possam ser propostos, utilizando a mesma população:

a) Desenvolver estudos similares envolvendo outros clubes a fim de que se possam desenvolver perfis para as variáveis que se relacionam aos hábitos de vida, motivação e aptidão física;

b) Desenvolver estudos com a inclusão de outras variáveis, tais como: composição corporal, somatotipo e crescimento;

c) Com o intuito de atualizar e revisar as informações encontradas, desenvolver estudos similares utilizando a mesma população, para que ao longo do tempo se possam acompanhar as modificações provocadas.

d) Desenvolver estudos experimentais para que se verifique a influência dos programas de treinamento no desempenho das diferentes variáveis preditoras da aptidão física.

e) Para verificar as modificações individuais ao longo do tempo é fundamental que se desenvolvam estudos de caráter longitudinal para obter informações mais sensíveis que venham auxiliar no estabelecimento de curvas para as variáveis relacionadas aos hábitos de vida, motivação e aptidão física.

f) Que se realizem estudos com metodologias multivariadas para que se possa perceber a performance desportiva como um construto realmente multidisciplinar.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDERMAN, R. B.; WOOD N. L. An Analysis of Incentive Motivation in Young Canadian Athletes. Canadian Journal of Applied Sport Sciences. 169-176. 1976.

ALDERMAN, R. B. Strategies for Motivating Young Athletes. In W. Straub (ed). Sport Psychology: An Analysis of Athlete Behavior. Ithaca, N.Y. Movement Publications. 1978.

American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance. Health Related Physical Fitness Manual. Washington. DC. 1980

American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance. Physical Best. Washington. DC. 1958.

American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance. Physical Best. Washington. DC. 1965.

American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance. Physical Best. Washington. DC. 1976.

American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance. Physical Best. Washington. DC. 1988.

- BAIRRÃO, J. A. A Perspectiva Ecológica em Psicologia da Educação. Cadernos de Consulta Psicológica. (8): 57-68. 1992.
- BARBANTI, V. J. A. A Comparative Study of Selected Anthropometric and Physical Fitness Measurements of Brazilian and American School Children. Dissertation of Doctor. Iowa, University of Iowa. 1982.
- BENTO, J. Para uma Formação Desportivo-Corporal na Escola. Edições Livros Horizonte. Lisboa. 1989.
- BLOOM, B. S. Generalizations About Talent Development in Bloom S. (ed). Developing Talent in Young People. p 507-549. Ballantine Books. New York. 1985.
- BOUCHARD, C. e Col. Exercise Fitness and Health. The Consensus Statement. Exercise, Fitness and Health. A Consensus of Current Knowledge. Bouchard et alli (ed). Human Kinetics Books. Champaign. Illinois. (3- 31). 1988.
- BOUCHARD, C.; SHEPHARD, R. Physical Activity. Fitness and Health. Consensus Statement. Human Kinetics Publishers. 1993.
- BRITO, A. P. Sondagens Sobre a Condição (performance) da População Escolar Feminina de Onze, Treze e Quinze anos. Educação e Movimento. Vol. 16 (21-25). 1972

- BRONFENBRENNER, U. Contextos de la Crianza e del niño. Problemas y Prospectiva. *Infância e Aprendizage* (29). p. 44-45. 1985.
- BRONFENBRENNER, U. Developmental Research, Public Policy and the Ecology of Childhood. *Child Development*, 45, p.1-5. 1974.
- BRONFENBRENNER, U. Ecology of the Family as a Context for Human Development. *Research Perspectives. Developmental Psychology*. vol. 22. 6 p. 723-742. 1986.
- BRONFENBRENNER, U. Reality in the Ecology of Human Development. *Proceedings of the American Philosophical Society*. Vol. 119. 6 p.439-469. 1975.
- CALDER, B. J.; STAW, B. M. Self Perception of intrinsic and extrinsic Motivation. *Journal of Personality And Social Psychology*. (31): 599-605. 1975.
- CALLE, L. Les Enfants et L'Inactivité. Quelques Explications Possibles. *Revue de L'Éducation Physique*. Vol 32. (1): 37-41. 1992.
- CAMARGO NETO, FRANCISCO. A capacidade muscular mínima e a flexibilidade dos estudantes de Escolas Estaduais de 1 grau de Porto Alegre frente aos testes de Kraus e Weber. Porto Alegre : ESEF/UFRGS, 1976. Tese (Livre Docência). Departamento de

Ginástica e Recreação, Escola Superior de Educação Física,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CANADA FITNESS SURVEY. Canadian Youth and Physical Activity.
Fitness and Amateur Sport. Ottawa. 1983.

CARVALHO, C. M. P. A Força em crianças e jovens: O Seu
Desenvolvimento e treinabilidade. Livros Horizonte, LDA. 1996.

ÇAŞPERSEN, C. J.; POWELL, K. E.; CHRISTENSON, G. M. Physical
Activity and Physical Fitness. Definitions and Distinctions for Health-
Related Research. Public Health Reports. Vol 100 (2: 126-131). 1985.

CAZORLA, G. L' Élaboration des Capacités Motrices de L'Itineraire
D'Concept à L'Elaboration d'un Outil. Revue Française de Pédagogie.
Institut National de Recherche Pédagogique (89;15-22). 1989.

CHALIP, L.; CSIKSZENTMIHALYI, M.; KLEIBER, D.; e LARSON, L.
Variations of Experience in Formal and Informal Sport. Reserch
Quarterly for Exercise and Sport. n. 55(2). p. 109-116. 1984.

CLARKE, H. H. Aplication of Measurement to Healt and Fysical Education.
quarta edição. Prentice-Hall, Inc. Englewood Cliffs.1967.

- COAKLEY, J. When Should Children Begin Competing? A Sociological Perspective in Weiss M. Gould D. (ed). Sport for Children and Youth. Human Kinetics Publishers, Inc. p. 59-63. Champaign. Illinois. 1986.
- CONDADO, V. Estudo Comparativo da Atividade Lúdica da Criança dos 6 aos 10 anos. Trabalho de Seminário, não Publicado. F.M.H.- U.T.L. 1993.
- Conselho da Europa. EUROFIT. Sports Division Strasbourg. Estrasburgo. 1988.
- CORBIN, C. B. A Multidimensional Hierarchical Model of Physical Fitness. A Basis for Integration and Collaboration. Quest. 43. (296-306). 1991.
- CRATTY, B. Psicologia no Esporte. Rio de Janeiro. Prentice Hall. 1983.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. Beyond Boredom and Anxiety. San Francisco. Josey Bass. 1975.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. Chapter 14, Concept of Flow. In Sutton-Smith B. (ed). Play and Learning. New York. Gardner press. 1985.
- DARLING, E. e Col. Physical Fitness. Journal of the American Medical Association. 1948.
- DECI, E. L.; RYAN, R. M. Intrinsic Motivation and Self-Determination in Human Behavior. New York. Plenum Press. 1985.

- DECI, E. L. Effects of Externally Mediated Rewards on Intrinsic Motivation. *Journal of Personality and social Psychology*. (18): 105-115. 1985
- DECI, E. L. Effects of Externally Mediated Rewards on Intrinsic Motivation. *Journal of Personality and Social Psychology*. n.18. p. 105-115. 1971.
- DECI, E. L. Intrinsic Motivation, Extrinsic reinforcement and Inequity. *Journal of Personality and Social Psychology*. (22): 113-120. 1972.
- DOREA, V. R. Aptidão Física Relacionada à Saúde em Escolares de Jequié-Bahia. São Paulo. Dissertação de Mestrado. Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo. 1990.
- DUMAZEDIER, J. Révolution Culturelle du Temps Libre 1968-1988. Sociétés Méridiens Klincksieck, Paris. 1988.
- ELNASHAR, A. M.; MAYHEW, J. L. Physical Fitness Status of Egyptian Children Aged 9 - 18 Years. *British Journal of Sports Medicine*. Vol. 18 (1: 26- 29). 1984.
- EVELETH, P. B.; TANNER, J. M. Worldwide Variation in Human Growth. Second Edition. Cambridge University Press. Cambridge. 1990.

- FLEISHMAN, E. A. The Structure and Measurement of Physical Fitness. Prentice-Hall, Inc. Englewood Cliffs. 1967.
- FRAZÃO, A. Rotinas de Vida Diária da Criança dos 6 aos 10 anos - Estudo Descritivo Sobre a Ocupação dos Tempos Livres de 250 Crianças Residentes no Distrito de Lisboa e Praticantes de uma Atividade física Regular (Natação). Trabalho de Seminário, Não Publicado. F.M.H.-U.T.L. 1994.
- FREITAS, D. L. Aptidão Física da População Escolar da Região Autónoma da Madeira. Dissertação de Mestrado em Ciência do Desporto, Área de Especialização de Desporto para Crianças e Jovens. Universidade do Porto. 1994.
- GAYA, A. C. A. Desenvolvimento Somato-Motor, Hábitos de Vida e fatores de Prestação Desportiva em Crianças e adolescentes - Projeto Desporto - PRODESP. Projeto Integrado de Pesquisa. CNPq. Lapex/UFRGS. 1994.
- GERSON, R. Intrinsic Motivation: Implications for Children's Athletics. Motor Skills: Theory into Practice. 2 (2): 111-119. 1978.

- GILL, D. L.; GROSS, J. B.; HUDLESTON, S. Participation Motivation in Youth Sport. *International Journal of Sport Psychology*. (14) 1-14.1983.
- GOLSIN, B. R.; BURDEN, S. B. Physical Fitness of South African School Children. *Journal of Sports Medicine*. Vol. 26 (2: 128- 136). 1986.
- GOULD, D.; HORN, T. Participation Motivation in Young Athletes. In Silva J e Weimberg R (ed). *Psychological Foundations of Sport*. p. 359-370. Champaign. Illinois. Human Kinetics.1984.
- GOULD, D.; FELTZ, D.; WEISS, M. Motives for Participating in Competitive Youth Swimming. *International Journal of Sport Psychology*. (6): 126-140. 1985.
- GUEDES, D. P. Crescimento, Composição Corporal e Desempenho Motor em Crianças e Adolescentes do Município de Londrina (PR), Brasil. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 1994.
- HALLIWELL, W. R. Toward and interactionist approach to the Study of Intrinsic Motivation. p. 72-77. In Roberts e Newell (ed) *Psychology of Motor Behavior and Sport*. Champaign. Illinois. Human Kinetics Publishers.1978.

- HANN, E. L'Entrainement Sportif des Enfants. Problèmes, Théorie de L'Entrainement et Pratique. Editions Vigot. Paris. 1987.
- HARRIS, J. C. Interpreting Youth Baseball: Players Understandings of Fun and excitement, Danger and Boredom. Quarterly for exercise and Sport. n. 55. p. 379-382. 1984.
- HEBBELINCK, M. Identificação e Desenvolvimento de talentos no Esporte: Relatos Cineantropométricos. Vrije Universiteit. Bélgica. Revista Brasileira de Ciencias do Movimento. 4 (1) 46-62. 1990.
- JOHNSON, J.; CHRISTIE, J.; YAWKEY, T. Play and Early Childhood Development. Scott, Foresman and Co. Illinois. (s.d.).
- KARPOVICH, P. V. Physiology of Muscular activity. Saunders. Filadelfia. 1965.
- KEMPER, H. C. G.; VERSCHUUR, R. Influence of Age, Body Height and body Mass upon The Moper Fitness Test Results of 12 - 18 years Old Boys and Girls. Procedures of International Council of Physical Fitness Test Research. Tokyo. 319- 326. 1985.
- KEMPER, H. C. Growth, Healt and Fitness of Teenagers in the Netherlands. Indreit og Oppvekstvilkar Norsk Forening for Ibbrettsforskmgng Univerdsitets Forlaget (105- 122). 1986

- KLINT, K. A.; WEISS, M. R. Dropping in and Dropping out. Participations
 Motives of Current and Former youth Gymnasts. Canadian Journal of
 Applied Sport Sciences. (11): 106-114. 1986.
- KRAUS, H.; HIRSHLAND, R. P. Minimum Muscular Fitness Tests in
 School Children. Research Quarterly. Vol. 25 (2: 178- 188). 1954.
- LEPPER, M. R.; GREENE D. Turning Play Into Work: Effects of Adult
 Surveillance and Extrinsic Rewards on Children's Subsequent Intrinsic
 Interest. Child Development. (45): 1141-1145. 1974.
- LEWKO, J. H.; GREENDORFER, S. L. Family Influences in Sport
 Socialization of Children and Adolescents. In Smoll F Magill R e Ash
 M. (ed). Children in Sport. (3): 287-300). Champaign Illinois. Il
 Human Kinetics. 1988.
- LONGHURST, K.; SPINK, K. S. Participation Motivation of Australian
 Children Involved in Organized Sport. Canadian Journal of Sport
 Sciences. (12): 24-30.1987.
- LOPES, V. Desenvolvimento Motor-Indicadores Bioculturais e Somáticos
 do Rendimento Motor em Crianças de 5/6 anos. Monografia de
 Mestrado, não Publicado.F.M.H.- U.T.L. 1992.

- MAIA, J. A. R. Avaliação da Aptidão Física. Programa Eurofit Introdução e Problemas de Apresentação. Intervenção no Curso de Medicina Desportiva. Lisboa. 1989.
- MALINA, R. M.; BOUCHARD C. Growth, Maturation, And Physical Activity. Human Kinetics Books. Champaign. Illinois. 1991.
- MALINA, R. M. Longitudinal Perspectives on Physical Fitness During Childhood and Youth. World-wide Variation in Physical Fitness (94-105). Institute of Physical Education. Leuven. 1993.
- MARQUES, A. T.; COSTA, A.; MAIA, J.; OLIVEIRA, J.; GOMES, P. Aptidão Física. FACDEX, Desenvolvimento somato-motor e factores de Excelência Desportiva na População Portuguesa (33- 53). Sobral F, Marques A T, (ed) Ministério da Educação. Gabinete Coordenador do Desporto Escolar. 1988.
- MARQUES, A. T.; COSTA, A.; MAIA, J.; OLIVEIRA, J.; GOMES, P. Aptidão Física. FACDEX, Desenvolvimento somato-motor e factores de Excelência Desportiva na População Portuguesa (33- 53). Sobral F, Marques A T, (ed) Ministério da Educação. Gabinete Coordenador do Desporto Escolar. 1991.

- MARQUES, A. T.; COSTA, A.; MAIA, J.; OLIVEIRA, J.; GOMES, P.
Aptidão Física. FACDEX, Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência Desportiva na População Portuguesa (33- 53). Sobral F, Marques A T, (ed). Volume 2. Relatório Parcelar Área do Grande Porto. Ministério da Educação. Gabinete Coordenador do Desporto Escolar. 1992.
- MARSH, H. W. The Multidimensional Structure of Physical Fitness. Invariance Over Gender and Age. *Research Quarterly for Exercise and Sport*. Vol. 64 (3: 256-273). 1993.
- MATSUDO, V. K. Aptidão Física nos Países em Desenvolvimento. *Espaço*. Vol. 1 (2: 23- 32). 1993.
- MAZZEI, J. e TEIXEIRA, M. S. Coleção C.E.R. 2 ed. São Paulo. Fulgor. Vol 3. 1964.
- MC CAUGHAN, L. R. A Physical Ability Test Battery for New Zealand Sools. *New Zealand Journal of Health, Physical Education and Recreation*. Vol 7 (3: 19- 27). 1974.
- MC PHERSON, B.; BROWN, B. A. The Structure, Processes and Consequences of Sport for Children. In Smoll F Magill R e Ash M. (ed).

- Childrem in Sport. (3): 265-285). Champaign Illinois. Il Human Kinetics. 1988.
- MISSOURO, W. The Development of Reflex Activity In Children In International Research in Sport in Physical Education. Jokl E and Simon E (ed) Springfield Illinois. p 373-83. 1964.
- NADORI, L. Il Talento e la Sua Selezione. Scuola dello Sport. Revista di Cultura Sportiva. (2) Anno II p 43-48. 1983.
- NETO, C. A Criança, o Espaço e Desenvolvimento Motor. Ludens. Vol. 3. 2/3, Janeiro/ Junho. p. 35-44. 1984.
- NETO, C. Motricidade Infantil e Contexto Social. Suas Implicações na Organização do Ensino. Horizonte. Vol. 1. (3): 8-16. 1984.
- NOVAC, L. P. New Zealand Children and the Kraus Weber Test. J. H. P. E. R.. Vol 13. 1957.
- NUNES, L. S.; SOARES, M. S.; LOURENÇO, J. R. Caracterização do Adolescente Escolar. Avaliação da Condição Física. Comunicações das I Jornadas de Informação Científico-Desportiva (Comunicações) IND (39- 64). 1981.
- OSERETZKY, N. Psychomotoric, Methoden zur Untersuchung der Motorik. Psychologie. 57. 1931.

- OSTYN, M. e Col. Somatic and Motor Development of Belgian Secondary Schoolboys. norms and Standars. Katholieke Universiteit Leuven. Leuven University Press. 1980.
- PATE, R. R.; SHEPHARD, R. J. Characteristics of physical Fitness in Youth. Perspectives in Exercise Science and Sports Medicine Youth. Exercise and Sport. Gisolfi, C. V. Lamb, D. R. (eds). Beuchmark Press, Inc. Indianápolis. Indiana. 1989.
- PATE, R. R. The Evolving Definition of Physical Fitness. Quest. Vol. 40 (3:174-179). 1988.
- PEREIRA, B. A infância e o Lazer - Estudo da Ocupação dos Tempos Livres da Criança dos 3 aos 10 Anos nos Diferentes Contextos Sociais. Monografia de Mestrado , Não Publicado. F.M.H. - U.T.L. 1993.
- PIATON, J. A Educação e Socialização. Elementos de Psicossociologia da Educação. Coleção Psicologia e Pedagogia. Moraes Editores. 1977.
- PORTUGAL, G. Perspectiva Ecológica do desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner. Centro de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional. 1992.
- PRISTA, A. Influência da Actividade Física e dos Factores Sócio-Econômicos Sobre as Componentes da Estatura do Valor Físico

- Relacionadas com a Saúde - Estudos em Crianças e jovens Moçambicanos. Dissertação Apresentada em prova de Doutoramento. FCDEF-UP. Porto. 1994.
- PYKE, J. E. Australian Health and fitness Survey. The Australian Council for Health, Physical Education and Recreation. South Australia. Parkside. 1987.
- ROBERTS, G. C. Achievement and Motivation in Sport. In R. Terjung (Ed). Exercise and Sport Science Reviews. Vol 10. Philadelphia. Franklin Institute Press. 1982.
- ROBERTS, G. C.; TREASURE, D. Children in Sport. Sport Science Review. 1 (2) 46-58. 1992.
- ROSS, J. G.; GILBERT, G. G. The National Children and Youth Fitness Study I. A Summary of Findings. JOPERD. Vol. 56 (45- 50). 1985.
- ROWLAND, T. W. Exercise and Children's Health. Human Kinetics Books.ampaign IL. 1990.
- SAFRIT, M. J. Introduction to Measurement in Physical Education and Exercise Science. second Edition. Times Mirror/Mosby College Publishing. St. Louis. 1990.

- SANTOS, A. Rotinas de Vida diária da Criança-Estudo Descritivo Sobre as Rotinas e Ocupação de Tempos Livres de 90 Crianças num meio Rural da Região de Leiria. Trabalho de Seminário, não Publicado. F.M.H.-U.T.L. 1994.
- SANTOS, A. Tempo Livre, tempo de Brincar, Tempo de Crescer. Cadernos de Educação de Infância.(25): 6-9. 1993.
- SAPP, M.; HAUBENSTRICKER, J. Motivation for Joining and Reasons for Not Continuing in Youth Sports Programs in Michigan. Paper Presented at American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance Conference. Kansas City. 1978.
- SCANLAN, T. K.; LEWTHWAITE, R. Social Psychological Aspects of the Competitive Sports Experience for Male Youth Sport Participants: IV predictors of Enjoyment. Journal of Sport Psychology. n.8. p. 25-35. 1986.
- SCANLAN, T. K. STEIN, G. L.; RAVIZZA, K. An in-Dept Study of Former Elite Figure Skaters:2. Sources of Enjoyment. journal of Sport and Exercise Psychology. n.11. p. 65-83. 1989.

- SCHULTZ, T. R.; BUTKOWSKY, J.; PEARCE, J. W.; SHANFIELD, H.
Development of Schemes for the Attribution of Multiple Psychological
causes. *Developmental Psychology*. (11) 509-510. 1975.
- SERPA, S. Motivação para a Prática Desportiva. In Sobral F e Marques A.
(coordenação). *FACDEX: Desenvolvimento Somato-Motor e Factores
de Excelência Desportiva na População Escolar Portuguesa*. Lisboa.
M.E. D.G.E.B.S.-D.G.D.G.C.D.E. 101-111. 1990.
- SOBRAL, F. Estado de Crescimento e Aptidão Física na População Escolar
dos Açores. *SREC- DREFD. RAA/ISEF-UTL*. Lisboa. 1989.
- SOBRAL, F. Estatística e Normas Antropométricas e de Valor Físico.
SREC- DREFD. RAA/ISEF-UTL. Lisboa. 1986.
- SOBRAL, F. *Facdex. Um Projeto de Investigação em Desporto Escolar.
Opções tóricas e Metodológicas. A Ciência do Desporto a Cultura e o
Homem*. (51- 61). Bento J, Marques A (ed). *FCDEF- Câmara
Municipal do Porto*. 1993.
- SOBRAL, F. O Estilo de Vida e a Atividade Física Habitual. *Desporto
Escolar, DGD. Facdex. Vol. 2. 65-76*.
- SOBRAL, F. *Para uma Teoria da Educação Física*. Lisboa. Diabril. 1976.

- SOBRAL, F. Performance, Maturação e Prontidão Desportiva. Desporto Escolar. FACDEX (11-20). 1990.
- SORRENTINO, R. M.; SHEPPARD, B. Effect of affiliation-Related motives on Swimmers in Individual and Group Competition, A Field Experiment. Journal of Personality and social psychology. (36): 704-714. 1978.
- STRONG, C. H. et alii. Motivation Related to Performance of physical Fitness Tests. Reserch Quarterly. (43): 497-507. 1963.
- SZCZESNY, S. Approche de L'Evaluation de L'Aptitude physique des Enfants de 7 à 14 Ans. Travaux et Recherches en E. P. S. Evaluation de la Valuer Physique (7: 135-144). INESP. Publications. Paris. 1984.
- TANNER, J. M. Growth at Adolescence. With a General Consideration of the Effects of Hereditary and Environmental Factors Upon Growth and Maturation from Birth to Maturity. Second Edition. Blackwell Scientific Publications. Oxford. 1962.
- TAPPE, M. K.; DUDA, J. L.; EHRNWALD, P. Personal Investment Predictors of Exercise Behavior among Adolescents. Canadian Journal of Sports Sciences. 15 (3) 185-192. 1990.

- THOMAS, J. R.; TENNANT, L. K. Effects of Rewards on Changes in Children's Motivation for an Athletic Task. In Smoll F e Smith R. Psychological Perspectives in Youth Sport. Washington D. C. Hemisphere. 1980.
- TORRES, L.; GAYA, A. C. A. Hábitos de Vida de Alunos de uma Escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Revista Perfil. Publicação do Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano/ESEF/ UFRGS. Ano 1. número 1. 1997.
- VALLERAND, R. J.; REID, G.; MARISI, D. O. Effects of Verbal and Material Reinforcements Upon Intrinsic Motivation in a Motor Task. Proceedings. Trois Rivers Conference. 1979.
- VEROFF, J. Social Comparison and the Development of Achievement-Related Motives in Children. New York. The Russel Sage Foundation. 1969.
- WANKEL, L. M. Social Facilitation of Motor Performance Perspective and Prospective. Psychology of Motor Behavior and Sport. Nadeau C. et alii (ed). Champaign Illinois. Human kinetics Publishers. 1980.
- WEIMBERG, R.; RAGAN, J. Effects of Competition, Success/Failure, and Sex on Intrinsic Motivation. Research Quarterly. (50): 503-510. 1979.

- WEISS, M. R.; PETLICHKOFF, L. M. Children's Motivation for Participation in and Withdrawal from Sport: Identifying the Missing Links. *Pediatric Exercise Science*. (1): 195-211. 1989.
- WEISS, M. Children's Participation in Physical Activity: Are We Having Fun Yet?. *Pediatric Exercise Science*. (5): 205-209. Human Kinetics Publishers, Inc. 1993.
- WEISS, P. *Sport: A philosophical Interpretation*. Carbondale. Illinois. Southern Illinois Press. 1969.

7 - ANEXOS

7.1 - ANEXO 1

QUESTIONÁRIO SOBRE ESTILO DE VIDA E ATIVIDADES FÍSICAS HABITUAIS

Clube: _____

Nome: _____ Grupo: _____

Data de Nasc.: ___/___/___ Idade: _____ anos

1) Assinale o tipo de moradia que você tem:

- a) casa ()
- b) sobrado ()
- c) apartamento ()

* Se você mora em apartamento, responda as questões (a) e (b) abaixo:

- a) Em qual andar você mora? _____
- b) No seu edifício tem elevador? ()sim ()não

2) Escreva o número de dependências que há na sua casa/apartamento:

- a) Quarto: _____
- b) Sala: _____
- c) Cozinha: _____
- d) Banheiro: _____

3) Quantas pessoas moram com você?

- () 1
- () 2
- () 3
- () 4
- () 5
- () 6
- () 7
- () 8
- () mais de oito

4) Você possui aparelho de televisão em casa? sim () não ()

*Caso você possua mais de um televisor, escreva quantos: _____

5) O que você faz nas manhãs ou tardes em que não há treino no clube?

a) catequese

b) aulas de língua estrangeira (inglês, alemão, espanhol, etc.)

c) aula de algum instrumento musical (piano, violão, etc.)

d) outras atividades, quais? _____

6) Se você tem irmãs, escreva quantas e a idade de cada uma:

7) Se você tem irmãos, quantos e a idade de cada um:

8) qual a distância entre a sua residência e o clube (escolinha)?

a) até 1 km

c) entre 2 e 3 km

b) entre 1 e 2 km

d) mais d 3 km

9) Como você vai para o clube (escolinha)?

a) a pé

c) de ônibus

c) de carro

10) Qual a distância entre a sua residência e a sua escola?

a) até 1 km

c) entre 2 e 3 km

b) entre 1 e 2 km

d) mais d 3 km

11) Como você vai para a escola?

a) a pé

c) de ônibus

c) de carro

d) de Kombi escolar

12) A que horas você levanta de manhã?

a) entre 6 e 7 horas

c) entre 8 e 9 horas

b) entre 7 e 8 horas

d) depois das 9 horas

- 13) A que horas você costuma dormir?
- a) antes das 21 horas
 - b) entre 21 e 22 horas
 - c) entre 22 e 23 horas
 - d) entre 23 e 24 horas
 - e) depois das 24 horas
- 14) O que você costuma fazer quando está em casa?
- a) ver TV
 - b) jogar video game
 - c) ler
 - d) escutar música
 - e) conversar com os amigos
 - f) ajudar nas tarefas domésticas
 - g) ajudar os pais nas suas profissões
 - h) cuidar das crianças que moram na mesma casa
- 15) O que você costuma fazer quando sai de casa?
- a) ir ao cinema
 - b) ir ao shopping
 - c) frequentar festa jovem/ danceteria
 - d) conversar com os amigos
 - e) passear a pé
 - f) passear de carro
 - g) ir ao parque/ praça
 - h) andar de bicicleta
 - i) andar de skate
 - j) andar de patins
 - k) outros, quais? _____
- 16) Assinale os materiais de esporte que você tem:
- a) bicicleta
 - b) patins
 - c) skate
 - d) bola de plástico
 - e) bola de volei
 - f) bola de futebol
 - g) chuteiras
 - h) outros, quais? _____

- 17) Caso você jogue, brinque ou pratique esporte com os amigos, (fora da escolinha) assinale o local de sua preferência:
- a) pátio de casa
 - b) pátio do condomínio
 - c) campo ou terreno baldio próximo
 - d) rua
 - e) parque/ praça
 - f) na cancha da escola no turno contrário ao das aulas
- 18) Se você participa de algum grupo cultural, assinale qual?
- a) grupo de teatro
 - b) grupo de dança
 - c) grupo musical
 - d) outros, quais? _____
- 19) Se a algum tempo atrás você praticou algum outro esporte com orientação de um professor/ treinador, responda:
- Qual o esporte que você praticava? _____
- Há quanto tempo? _____ onde? _____
- Quantas vezes por semana? _____ Quantas horas por dia? _____
- Quanto tempo o praticou? _____
- Por que parou de praticá-lo? _____
- 20) Se você atualmente pratica outro esporte além do futebol de campo, com orientação de um professor/ treinador, responda:
- Qual o esporte que você pratica? _____
- Há quanto tempo? _____ onde? _____
- Quantas vezes por semana? _____ Quantas horas por dia? _____

7.2 - ANEXO 2

INVENTÁRIO DE MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DESPORTIVA

Cidade: _____

Escola ou clube: _____ série: _____

Nome: _____

Data de nasc.: ____ / ____ / ____ idade: ____ anos sexo: () masc. () fem.

Modalidade esportiva: _____ quantos dias por semana: _____

Indicamos a seguir, fatores que podem motivá-lo(a) para a prática do desporto. Leia com atenção e assinale o nível de importância que cada um deles tem para você.

01. Para vencer	(1)	(2)	(3)
02. Para exercitar-se	(1)	(2)	(3)
03. Para brincar	(1)	(2)	(3)
04. Para ser o (a) melhor no esporte	(1)	(2)	(3)
05. Para manter a saúde	(1)	(2)	(3)
06. Porque eu gosto	(1)	(2)	(3)
07. Para encontrar os amigos	(1)	(2)	(3)
08. Para competir	(1)	(2)	(3)
09. Para ser um atleta	(1)	(2)	(3)
10. Para desenvolver a musculatura	(1)	(2)	(3)
11. Para ter bom aspecto	(1)	(2)	(3)
12. Para me divertir	(1)	(2)	(3)
13. Para fazer novos amigos	(1)	(2)	(3)
14. Para manter o corpo em forma	(1)	(2)	(3)
15. Para desenvolver habilidades	(1)	(2)	(3)
16. Para aprender novos esportes	(1)	(2)	(3)
17. Para ser jogador quando crescer	(1)	(2)	(3)
18. Para emagrecer	(1)	(2)	(3)
19. Para não ficar em casa	(1)	(2)	(3)

(1) Nada importante
(2) Pouco importante
(3) Muito importante